

UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01594844 1

Camões e o Amor

106

17

2827

O GENIO DE CAMÕES

AFFONSO COSTA

O GENIO DE CAMÕES

OS LUSIADAS

ENSAIO CRITICO

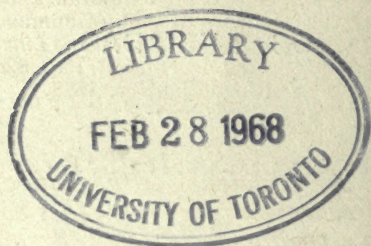


RIO DE JANEIRO
Typ. Revista dos Tribunaes—Carmo, 55
1921

PQ

9224

C6





PROEMIO

«Os *Lusiadas* constituem um monumento genial, novo, fresco, matinal, como se fôra hontem escripto, uma criação que não tem data, porque é contemporanea de todas as phases da cultura humana.» (Sylvio Romero. *Historia da Litteratura Brasileira*. Tomo II. Pag. 828. Garnier. Rio de Janeiro. 1888.)

Quando me inclinei á leitura attenciosa dos Lusiadas, procurando perscrutar-lhes os segredos da linguagem e meditando sobre a belleza de fôrma, arrojo de imaginação, profundeza de conceitos e variados recursos da metrica, que elles nos revelam, não obedecia a méro capricho litterario; impellia-me, ao contrario, a necessidade de habilitar-me na mais perfeita comprehensão do texto da grande epopeia, sob o ponto de vista grammatical, mythologico, historico e geographico, afim de esclarecer duvidas que, não raro, me salteavam o espirito na explicação e analyse do poema, tarefa que me impunha a regencia de uma cadeira de lingua portugûesa no Gymnasio Pernambucano do Recife.

Afastado daquelle ministerio e até compellido a emigrar do Estado natal pela violencia de paixões politicas mal contidas, numa phase que a historia imparcial e justa ha de estigmatizar com vehemencia, não abandonei jamais a leitura do poema predilecto, transformando em aprazivel passatempo o que outr'ora iniciara como encargo, e tanto mais me engolfava na apreciação dos seus multiplos episodios e desenlace de suas variadas scenas, quanto mais me sentia empolgado pelo movimento daquelles quadros, altruismo daquelles bravos e opulencia daquella linguagem. Aconteceu-me, então, o que succede sempre aos que se abalançam a tentar arduos empreendimentos; removidos os primeiros embaraços, as difficuldades a vencer lhes provocam o estímulo, reanimando-lhes as energias de tal modo que jamais retrocedem, até levar a cabo o commettimento projectado.

Os que não se deliciam com a leitura dos Lusíadas e não se enlevam recitando algumas de suas mais formosas passagens, estrophes que nos fazem vibrar de enthusiasmo ou enternecer de commoção e piedade, pelo colorido das imagens e perfeita identificação das palavras com o pensamento que ellas traduzem, não sabem lêr o poema, ou não o lêem com ulma, sentindo como o poeta sentiu, porque a poesia como a musica e as demais artes que se dirigem directamente ao espirito, como revelação de sentimentos delicados, devem ser comprehendidas para que possam despertar em nosso animo o goso, a satisfação e o applauso. E' essa identificação do leitor ou do ouvinte com o pensamento do poeta e a musica dos versos, esse consorcio intimo, espiritual e consciente da alma com o assumpto, que se faz mister para que se percebam as bellezas da poesia, os seus segredos e encantos que a linguagem só por si, embora com o

auxilio poderoso do metro, não traduz nem revela. E' a verdade deste conceito que Adolpho Taine, numa esphera mais larga, expressou deste modo: «Para comprehender uma obra de arte, um artista, um grupo de artistas, é preciso conhecer com exactidão o estado geral do espirito e dos costumes do tempo a que pertenciam.»

Das minhas observações pacientemente colhidas não me aproveitarei de todo; abandonarei mesmo, neste trabalho, o que no estudo dos **Lusiadas** importa á didactica, interpretação grammatical e logica, questões de mythologia, historia e geographia, para analysar, como devaneando, os principaes episodios e passagens mais emocionantes e attrahentes, comparando-os com os de outros poemas, de modo a pôr em destaque o character dos personagens, a majestade das scenas, a importancia dos conceitos, os donaires da fôrma, os recursos da arte, realçados sempre pela poesia mais vibrante, terna, energica ou ruidosa conforme a natureza do assumpto, a situação das pessoas, as exigencias dos quadros e as côres da paisagem.

E' extensa a bibliographia conhecida sobre os **Lusiadas**, não contando os commentarios que acompanham muitas das suas edições em portugûes e outros idiomas; do poema se tem estudado, explicado e discutido, com maior ou menor desenvolvimento, a linguagem e o vocabulario, a mythologia e o maravilhoso, a geographia e a historia, a flora e a fauna e até a philosophia, a religião e a astronomia.

Da sua elaboração, modificações por que passou ante a censura ecclesiastica, incidentes e peripecias das primeiras edições não faltam tambem notas valiosas, não esquecendo as biographias do poeta. De todos esses trabalhos a respeito dos **Lusiadas**, occorre-me citar, entre outros: os de Humboldt, Vis-

conde de Jurumenha, Morgado de Matheus, Adolpho Coelho, Ramalho Ortigão, Agostinho de Macedo, Borges de Figueiredo, Sotero dos Reis, Latino Coelho, João Adamson, Alexandre Lobo, C. C. Branco, Faria e Souza, Epiphanio Dias, Conde de Ficalho, Theophilo Braga, Guilherme Storck, Carolina Michaelis, Joaquim Nabuco, Othoniel Motta, Luciano Pereira, Sales Lencastre e Aires de Goveia.

Esta simples razão me levaria a não publicar este modesto estudo si me não animasse a confortadora esperança de que, á sombra da ligeira critica que procurei esboçar, elle poderá ter o merito de evocar para a leitura do grande epico a attenção da mocidade, o espirito das novas gerações que, ao lado de solida cultura do proprio idioma, tanto precisam de temperar a alma, ainda impressionavel e bôa, com os exemplos de altruismo sadio, amor da patria creador e heroico, resignação confortante, confiança inabalavel no futuro, coragem prudente e lealdade desusada e inquebrantavel de que Camões fartamente saturou as paginas brilhantes de sua immorredoura epopeia.

*Sendo os **Lusiadas**, pela magnitude do assumpto, um poema tão heroico como a **Iliada** e a **Eneida** e pela opulencia de imaginação e linguagem, tão immortal como a **Divina Comedia**, não é infelizmente bastante lido e meditado, como deve ser em os paizes onde se fala a lingua de Camões; no estrangeiro, apesar de numerosas traducções e commentarios que d'elle se fizeram, não tem a epopeia camoneana, que é na phrase de Theophilo Braga a epopeia da civilização moderna, a notoriedade de que é merecedora, como poema de peregrinas bellezas litterarias, e por isso digno de figurar entre as obras primas das mais faustosas e applaudidas litteraturas, de certo, porque, como diz Joaquim Nabuco, quando*

se aquilata o valor de um poeta ha de se ter em conta o prestigio de sua raça e o idioma em que se vasa-ram as suas concepções, e a lingua portugueza, não obstante a excellencia de suas qualidades, riqueza de vocabulario e doçura de expressão, vê o seu dominio restricto a Portugal na Europa, ao Brasil na America do Sul e ás possessões remanescentes da Africa e da Asia.

A Divina Comedia é profusamente lida, investigada e commentada na Italia e fóra da Italia, na Europa e na America, e em toda a parte onde se rende preito ás lettras e se cultiva a intelligencia pelo conhecimento das grandes obras do espirito humano. Ha, no entanto, entre a obra de Camões e a de Dante, profunda e reconhecida differença no que diz respeito á sua comprehensão e entendimento. A Divina Comedia é mystica e symbolica por demais; as suas imagens e allegorias prestam-se a varias interpretações e a sua linguagem, algumas vezes, antes serve a velar o pensamento do que a expressar a verdadeira ideia do poeta. O espirito mais arguto e o lettrado mais perspicaz perdem-se frequentemente no achar-lhe o sentido das expressões e até a significação propria dos termos. De cem pessoas que na Italia manuseam a obra de Dante — diz B. Giuliani — e recitam, com enthusiasmo, algumas das suas mais bellas estrophes, nove decimos, com certeza, não a entendem. Dahi a necessidade de longos commentarios e escolas para interpretal-a e, em parte, dado o prestigio do mysterio e do desconhecido, o culto que se vota á memoria do grande poeta.

Os Lusíadas não nos apresentam as difficuldades que nos offerece a leitura da Divina Comedia, no sentido das palavras, na comprehensão das allegorias e no seu symbolismo moral, religioso e politico, sendo, comtudo, como o poema de Dante,

precioso thesouro de verdades edificantes, valiosos conceitos, doutrinas e ensinamentos de alto preço; a sua leitura conforta e educa, infundindo-nos profundo impulso de coragem. resignação e denodo, capazes de grandes commettimentos; é um poderoso tónico do espirito que anima e revigora, valendo por uma escola de civismo, abnegação e heroicidade.

Quereis exemplo de amor da patria e orgulho de suas glorias? Lêde a proposição, a dedicatoria e a evocação dos **Lusiadas**. Desejais prova de audacia conscienciosa e de bravura indomita no affrontar arduos perigos e até a morte? Lembrai-vos daquella aventurosa viagem á India por caminho desconhecido contra a furia dos ventos e a braveza dos mares. Interessa-vos a fidelidade e o brio inusitados? Contemplai o espectaculo de Egas Muniz a falar em nome de um rei a quem não ouvira e a entregar-se depois á vingança de um soberano orgulhoso, por não poder desempenhar do compromisso assumido a sua palavra de honra. Buscais modelo de patriotismo e de amor ao berço natal? Encontral-o-eis no rasgo cavalheiresco de Nuno Alvares. a offerecer-se elle só com os seus vassallos para affrontar o numeroso exercito dos castelhanos. Encanta-vos a coragem indomita e a tenacidade invenciveis? Admirai-a em Vasco da Gama a procurar, entre a cilada dos homens e a guerra dos elementos, a terra de sonhadas riquezas e imaginosos prodigios. Apraz-vos a humildade revestida de altivez que dignifica e eleva? Recordai-vos da linguagem de Ignez de Castro ante os verdugos que a trucidam.

Sob o ponto de vista da vernaculidade os **Lusiadas** são a **Biblia** dos povos que falam o portuguez; a despeito de certas modificações por que vai passando o idioma no Brasil, cuja litteratura é vastissima e variada, o poema de Luiz de Camões pode ser

considerado o padrão da nossa linguagem pelo vocabulario e pela syntaxe, como verdadeira encarnação do genio da lingua. Realmente são numerosas as differenças orthoepicas assignaladas no falar do Brasil, comparado com o de Portugal, notando-se tambem na escriptura commum dos brasileiros casos syntaticos divergentes, e accentuada preferencia por alguns modos de dizer e pelo emprego de certas fórmas verbaes; contra estas modificações reage sempre a corrente erudita, e como a lingua falada não pode prevalecer contra a escripta, que se perpetúa e propaga nos trabalhos scientificos e litterarios de larga divulgação, nos Codigos, no romance, na poesia e nas multiplas obras de ensino e critica, os **Lusíadas** continuarão a ser ainda por muito tempo o estalão da lingua nacional.

A prova deste facto temol-a cabal na acalorada discussão que despertou no Congresso Nacional a redacção do **Codigo Civil Brasileiro**, cuja linguagem soffreu minuciosas emendas por parte do Senado e da Camara dos Deputados e até a revisão extraparlamentar do dr. Ernesto Carneiro, illustrado professor na Bahia e mestre indiscutivel do idioma, tal é a exigencia da vernaculidade em documentos desta natureza. Só depois de penoso labor de exame e apuradas correcções grammaticaes, foi o **Codigo** approvedo, para que não saísse redigido, em muitos trechos, no chamado—“**dialecto brasileiro**, surrão amplo, onde cabe, á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escorias da preguiça, da ignorancia e do mau gosto, rótulo americano daquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolês.” (1)

(1)—Ruy Barboza. *Replica ás Defesas da Redacção do Projecto da Camara.*—1904.

Não é, com effeito, no Villa Rica, e no Uruguay, no Caramurú e no Assumpção, no Confederação dos Tamoyos e nos Tymbiras, no Colombo, no Nebulosa e no Anchieta ou Evangelho nas Selvas, apesar de accentuada belleza, apuro de phrase e indiscutivel cunho nacionalista de que se revestem alguns destes poemas, que havemos de buscar exemplos auctorizados para explicar os casos duvidosos de syntaxe, legitima significação de termos e synonymias que, com frequencia, se deparam ao espirito de quem procura escrever, com acerto e correção, o venusto idioma. E' nos Lusíadas que se encontra essa fonte inexgotavel, esse manancial perenne de pureza vernacula, porque o poema de Luiz de Camões, abrangendo nas paginas que o constituem as scenas mais vibrantes de patriotismo, lealdade e valor, foi moldado na mais castiça e opulenta linguagem.

Depois que a Renascença creadora abriu largos e novos horizontes á religião, á litteratura e ás artes na Europa pela emancipação dos sentimentos religiosos e renovação do gosto artistico e litterario, ao influxo dos modelos greco-romanos, não faltaram poetas de merito a embocar a tuba heroica, no intuito de perpetuarem no marmore da epopeia os grandes acontecimentos. A Italia teve, antes que Luiz de Camões desse os Lusíadas á luz da publicidade, a Italia Libertada de Trissino e posteriormente a Jerusalem Libertada de Tasso; a França conta a Franciada de Ronsard e a Henriada de Voltaire; a Inglaterra o Paraiso Perdido de Milton; a Allemanha a Messiada de Klopstock; a Espanha a Araucana de Ercilla, e o proprio Portugal, ainda depois da epopeia camoneana, viu a sua litteratura enriquecida com a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro, a Malaca Conquistada de Sá de Menezes, o Affonso Afri-

cano de Quebedo e o Oriente de Agostinho de Macedo.

Nenhum destes poemas, entretanto, á excepção da **Jerusalem Libertada**, na *Italia*, e do **Paraiso Perdido**, na *Inglaterra*, fóra de um limitado circulo de litteratos; tem leitores, a despeito das bellezas que todos elles apresentam. De alguns só pequenos excerpts figuram nas selectas e anthologias das respectivas linguas e de outros só se encontram noticias e trechos na historia da litteratura correspondente, ao contrario do que se dá com os **Lusiadas**, cujas edições, apesar de tudo, se repetem, tanto em Portugal, como no Brasil.

E' claro que o poema de Luiz de Camões, cuja leitura preconizamos indispensavel e utilissima ao espirito da mocidade, não é para ser adoptado nas classes dos estudos primarios, quando apenas damos os primeiros passos na apredizagem da lingua, pela comprehensão e manejo das regras iniciaes da syntaxe, significação de palavras e emprego das figuras mais simples de ordem phonetica, morphologica e syntaxica. porque a analyse dos **Lusiadas**, a sua interpretação logica, a percepção dos seus variados trópos e de outros recursos largamente utilizados pelo poeta, demandam conhecimentos mais especializados da grammatica nos pontos mais difficeis e que só podem ter os alumnos mais adeantados das classes secundarias. Ahi, sim, não comprehendemos o estudo da lingua sem os **Lusiadas**, pois não conhecemos outro livro que mais se preste a tal fim, nem reuna, com tanta abundancia, exemplos tão numerosos de casos syntaticos, trópos, imagens, modismos e mais artificios litterarios e poeticos.

O exaggero de se querer facilitar a leitura e comprehensão dos **Lusiadas** aos que não têm o preparo preliminar indispensavel ao seu entendimen-

to, levou o barão de Paranapiacaba á aventura de vestir á moderna, em linguagem chã, o poema de Luiz de Camões, dando nova roupagem aos seus principaes episodios. Não foi bem succedido o illustrado escriptor nessa tentativa, por isso que os **Lusíadas** valem pelo elevado dos pensamentos e pelas bellezas de concepção que nos revelam na linguagem lidima e na fôrma poetica em que foram vasados. Substituir essa fôrma no intuito de facilitar-lhes a comprehensão, mudando-lhes os termos, a força das expressões, o estylo e o rhythmo, é o mesmo que decepar os membros de um gigante em todos os sentidos, para baixo e para cima, apoucando-lhe a estatura e mudando-lhe a physionomia, para de tal modo egualal-o, no tamanho e no semblante, ao commum dos homens. A **Camoneana Brasileira** do distincto litterato, sob este aspecto, sahiu-lhe planta de estufa que estiolou e morreu.

O sopro do genio, que inspirou os **Lusíadas**, deu-lhes a apparencia que não envelhece, o perfume que não se esvai, a côr vivaz que não desmaia ao contacto dos seculos, ás modificações das escolas e ás exigencias do modernismo. Camões, alma vidente, inflammada pela centelha divina da inspiração sublimada, tinha a visão do futuro e não olvidava o passado; a epopeia camoneana abrange seculos aquem e além da idade a que pertence e, por isso, não decai, não caduca, não morre. Escriptos e publicados em franco dominio da Renascença, os **Lusíadas** deixam ver, em varias passagens dos seus dez cantos, traços e caracteristicos bem accentuados das differentes escolas que se originaram do Romantismo e da emancipação dos espiritos que elle originou, escolas que hoje se confundem, se apartam e desaparecem de novo confundidas, enquanto se mantem triumphante o individualismo, modificado, em maior ou menor

grau, pelo sentimento artistico e pela impressionabilidade litteraria de cada um, ante o mundo exterior, e na analyse e revelação das paixões humanas, suas causas e seus effeitos.

Desmembrando do poema alguns trechos e episodios, quando o poeta abandona um pouco o estylo épico para deixar o espirito evolar-se nas azas do lyrisimo, obedecendo mais aos impulsos do seu temperamento do que ás regras impostas á feitura das epopeias, com o proposito de estudal-o sob o ponto de vista de cada uma das chamadas escolas litterarias modernas, verificaremos que Luiz de Camões se revela idealista, realista, parnasiano e até symbolista na majestade de suas allegorias, o que corrobora a nossa convicção, apoiada, em parte, por José Verissimo nos **Estudos de Litteratura** e Sylvio Romero na **Historia da Litteratura Brasileira**, do valor simplesmente historico dessas escolas, ou melhor, da inanidade de suas denominações e divisões extremas. Nas obras dos que se julgam os mais pronunciados realistas, não raro, se encontra o mais puro idealismo, revestindo-se, muitas vezes, as paginas dos mais pretensos symbolistas das côres e dos motivos do antigo romantismo.

A feição juvenil, sadia e scintillante de pensamento e de fôrma que os **Lusiadas** ainda nos apresentam, a universalidade de sua concepção, o vasto circulo de conhecimentos historicos, geographicos e mythologicos que abrangem, o valioso conjuncto de sentenças moraes que diffundem e a pureza e opulencia de linguagem, explicam o entusiasmo dos seus admiradores e a serie continua de estudos a que dão origem os seus multiplos aspectos. Animado por esta circumstancia, alem das razões anteriormente expostas, me abalanço a divulgar este trabalho que, não sendo um verdadeiro ensaio critico, é um como vôo

de dilettante, timido e inexperto, ao paiz deslumbrante da phantasia e dos sonhos que tanto povoam, ornã e abrilhantam a obra immarcessivel do vate lusitano.

Rio, 12 de fevereiro de 1921.

Affonso Costa.



OS LUSIADAS



Os Lusíadas

«Assim como o poeta do oriente europeu, Homero, escreve a epopeia da navegação mediterranea, Camões, o poeta do occidente europeu, escreve a epopeia da navegação oceanica. A *Odysséia* e os *Lusíadas* aguardam o terceiro poema que ha de completar tão maravilhoso cyclo.» (E. Castellar. *A Ilha de Capri. Recordações da Italia.*)

Perpetúa o marmore na belleza esculptural das linhas, no bem disposto e talhado dos blócos, no apurado estylo das columnas, no rendilhado dos capiteis, na grandeza assombrosa dos templos, dos palacios, dos obeliscos e dos monumentos, as tradições, os feitos, a gloria e o esplendor da civilização dos povos através do perpassar das eras; conserva o bronze na sua fria e muda rigidez, vasado nos mais primorosos modelos, as fórmás que mão engenhosa lhe soube imprimir, imitando caprichosos desenhos e as feições mais delicadas da physionomia humana: — estatua de deusa, busto de heróe, palmas de triumpho, inscrições sagradas ou profanas que resumem, na eloquencia de seus dizeres, as lendas e as chronicas de muitos seculos.

O tempo, porém, no seu correr precipite, voltando por sobre a torre dos templos, a cupula dos palacios e o cimo dos obeliscos e dos monumentos, os corróe e abate; consome o bronze das estatuas, apaga os caracteres das legendas, deformiza e subterra a effigie dos heróes, as palmas e as corôas que pareciam duradouras e eternas, e, quando muito, daquelles, despedaçado o marmore, restam as ruinas como testemunho de preterita magnificencia, e destas, corroido o bronze e apagados os relevos, subsistem, apenas, membros mutilados, destroços e fragmentos nas bibliothecas e nos museus, para revelarem aos archeologos o gosto e o primor do artista que lhes emprestou, pelo sopro do genio, a belleza que ainda se lhes admira e a perfeição, que ainda se lhes advinha entre os traços que alli se divizam e a concepção que o espirito, remontando-se ás edades que já se foram, idealiza e imagina.

A historia, ao contrário, alargando a sua influencia sobre o futuro, estende o seu dominio soberano e as suas vistas perscrutadoras á mais longinqua antiguidade, nessa sublime e gloriosa missão de gravar na memoria dos homens, em côres indeleveis e impressões inolvidaveis, a origem e o desenvolvimento, a gloria e a decadencia dos povos. A acção da historia é mais duradoura do que o marmore e mais resistente do que o bronze. Dictada pela consciencia universal, cujo reflexo luminoso se projecta sobre as sombras das eras mais remotas; guiada, como deve ser, pela critica isenta do influxo das paixões, do prejuizo das seitas e da cegueira dos partidos; amparada pela logica no encadear os factos e inferir das acções o character dos personagens e de certas occorrencias o aspecto accentuado de cada época, a historia liga o presente ao passado, ergue barreira á obra destruidora do tempo, e

apresenta em vivo destaque, como num quadro de desmesurada moldura, os dramas e episodios de mais vulto, que se desenrolam no vasto scenario do mundo.

A epopeia, entretanto, tem maior poder e maior prestigio para perpetuar os acontecimentos e as cousas, o crescer e declinar dos povos, as suas virtudes e os seus vicios, suas grandezas e suas quedas, porque, revestindo acções e protogonistas das variadas côres e dos multiplos attractivos que a poesia sabe inspirar, fal-os chegar, rasgando a nevoa das edades, ao conhecimento dos pósteros, pela magia dessa linguagem encantadora e harmoniosa, que embala o espirito e fascina a alma, obrigando a memoria a guardar para sempre, doce e machinalmente, entre gratas recordações e suaves reminiscencias, os seus traços mais salientes e os seus feitos mais impressionantes e nobres.

A poesia é mais verdadeira do que a historia—no dizer de Aristoteles—e, por isso mesmo, mais duradoura e mais resistente á acção implacavel dos annos, porque, «si a lingua propria de um povo é o tronco em que se manifestam e se expandem todos os seus dotes interiores, é só na poesia que desabrocha a florescencia do seu crescer e do seu prosperar.» (1) Foi através da poesia que se transmittiram á humanidade, antes do dominio da historia, os mysterios de suas religiões, as lendas de seus deuses, as formulas dos seus cultos e a origem dos seus remotos antepassados com todo aquelle numeroso cortejo de maravilhosas aventuras, infortunios e desditas. Os *Vedas*, o *Mahábhharata* e o *Rámayâna* são poemas em que as antiquissimas tradições religiosas dos hindús, com as suas surprehendentes en-

(1)—Tobias Barreto, «Estudos Allemães». Pag. 257. Rio de Janeiro. 1892.

carnações, seus mysterios e seus apóstolos, tão miraculosos e phantasticos, se eternaram e se vão difundindo de geração a geração, com esse frescor, vivacidade e interesse com que, ainda agora, se nos retratam no pensamento, enlevado pela musa da Poesia, os deuses e semi-deuses da *Iliada*, as commoventes navegações da *Odysseia* e os indefessos heróes da *Eneida*. Os livros da *Biblia*, donde deflue, em torrente, muita eloquencia e muita verdade, estão entremeados da mais tocante e arrebatadora poesia, que encanta a alma e edifica o espirito, pela abundancia de conceitos elevados, exemplos sublimes de abnegação e virtude e pelo animado colorido de imaginação e de arte; o *Cantico dos Canticos*, de Salomão, os *Psalmos*, de David e as sentenças e os pensamentos de Job, suave conforto ás almas que soffrem e aos que se debatem nas duvidas, nos enganos e nas fugaces illusões do mundo.

A poesia em todas as épochas teve o condão maravilhoso de fascinar os espiritos, e por isso a alma da immortalidade, que isenta do olvido os homens e as acções, residindo serena e tranquillada na historia, libra-se, entre o céu e a terra, nas azas da epopeia, bafejando a face dos heróes e gravando o sello da imperecibilidade sobre a fronte augusta dos que têm alma para crear no vasto campo da sciencia, da philosophia e da arte; braços para feitos valorosos e coração animoso para vencer nas luctas das paixões, dos vicios e das miserias terrenas. A epopeia é obra do genio e o genio, quer em suas arrojadas concepções além da realidade da vida objectiva, imaginando e creando, quer no traço e remate consciencioso dos quadros que esboça, das scenas que debucha, dos personagens que movimenta, dos caracteres que exhibe, das façanhas que relembra, tem o privilegio de emprestar ás

côres variadas de sua palheta e aos matizes delicados de seu maravilhoso pincel, tons indeleveis contra o sopro aniquilador das edades, relevos e ornatos tão singulares e bellos que jamais se apagam da memoria humana.

A Grecia antiga dos tempos heroicos, quando as deusas, descendo do Olympo, acompanhadas de nymphas formosissimas, oreades, naides, dryades e nereidas, vinham repousar, banhadas de luz resplandecente, á sombra de arvores de ouro, sob aquelle céu incomparavel, no recanto das collinas, nas ilhas luxuriantes de verdura e nas praias tranquilladas do mar Egeu, recamadas de conchas prateadas e roseas; e os deuses e semi-deuses, por capricho e passatempo, edificavam e destruiam cidades, obravam prodigios na terra, e se deixavam captivar por todas as paixões que animam e agitam o peito dos mortaes, ainda revive nos paineis de Homero, na *Iliada* e na *Odysséia*; do Lacio e de Roma, de Latino e de Romulo, de Augusto e de Pompeu, de Catão e de Cesar, do *Forum* e da *Curia* romana, falam, com mais eloquencia e com maior fascinação, os livros da *Eneida* e os cantos da *Pharsalia* do que as tradições, as lendas, as estatuas e as ruinas que, mesmo agora, attestam a passagem de tão extraordinaria grandeza, porque:

«Versos dão vida

Ao digno de memoria e o accrescentam.

As Musas cantam, delles é sabida,

Não de metaes, de cedros, de esculpturas,

A fama aos claros feitos concedida.

Caem as estatuas, gastam-se as pinturas;

Aquelle brando canto é só mais forte

Contra o tempo, que ferro ou pedras duras:

Contra fogo, contra agua e contra a morte

Fica soando sempre.» (2)

(2)—ANTONIO FERREIRA. Livro I. Carta VIII. Obras Completas.

Portugal, perdido o immenso e incontrastavel poder do mar, despojado, pouco a pouco, de avultado numero de conquistas maritimas, preciosos diamantes de sua opulenta corôa de glorias; emancipado o Brasil, limitado o seu prestigio na India, diminuido muito o seu dominio na Africa, por onde ainda se projecta, numa facha de larga extensão, a sombra gloriosa de feitos que parecem fabula nos annaes do mundo, (3), vive, nobre, assignalado e orgulhoso no canto dos *Lusiadas* e pelos *Lusiadas* se fez immortal.

De todas as grandes epopeias, que illustram a historia da litteratura occidental, os *Lusiadas*, de Luiz de Camões, depois da *Iliada* e da *Odysseia*, de Homero, são a que transuda maior sentimento de nacionalidade, a que está mais dentro da sua época, são emfim, de todos os poemas dessa natureza, o mais genuinamente nacional, pelo poeta que o compôz, pela materia que o constitue e pelos episodios que o exornam, embora, não raro, esse mesmo assumpto se relacione com o futuro de todos os povos da terra e abraja, em suas linhas geraes, os mais importantes interesses da humanidade. Cortando atrevidamente os mares nunca dantes navegados em busca das plagas do Oriente, a dilatar o Imperio e a fé christã, Portugal corria após uma das mais ardentes aspirações daquelles tempos e, pelo exemplo de desusada coragem em affrontar o desconhecido, tornou possiveis os descobrimentos maritimos posteriores, que deram ao mundo um novo mundo, rasgando novos horizontes ao commercio, á industria, á sciencia e á civilização.

A *Eneida*, que, por seus labores artisticos e larga publicidade, supplantou, no correr dos tempos

(3) — Agostinho de Macedo. O «Oriente». Prefacio.

e no seio de todas as litteraturas, os demais poemas da lingua latina, filia-se pelo assumpto á *Iliada*; é em grande parte um entrelaçado do maravilhoso grego, dos amores e do rapto de Helena, do cerco de Troia, da morte de Heitor, destruição do reino de Priamo e da retirada de Enéas sob o valioso auspicio de Venus, em busca do Lacio, depois dos sangrentos e memoraveis combates que precederam a queda fragorosa da celebrada Ilion. No que se afasta dos quadros e episodios gregos, a *Eneida* é tambem lendaria e fabulosa, desde o commovente martyrio de Laocoonte, debatendo-se com seus filhos nas vascas da agonia e da morte, tetricamente enlaçados por duas serpes monstruosas, dôr suprema que o genio artistico de Agessandre immortalizou no marmore, até os ardentes e desventurados amores de Dido pelo fugitivo de Troia; desde as lagrimas refalsadas do perfido Sinon até o inesperado encontro de Enéas nas praias da Tracia, com a alma do infortunado Polydoro, consubstanciada no ramo de murta, que tingiu de sangue as mãos fraternaes que o arrancaram. Para chegar ao fim que se propunha — celebrar a origem heroica de Roma e derivar dos deuses a gloriosa ascendencia de Augusto, — Vergilio canta os troianos e, transportando Enéas ás regiões infernaes, fal-o ouvir, nos Campos Elysios, dos proprios labios de Anchises, esta maravilhosa prophecia:

•Hic Cæsar, et omnis Iuli
Progenies, magnum cœli ventura sub axem.
Hic vir, hic est, tibi quem promitti sæpius audis
Augustus Cæsar, divi genus; aurea condet
Sæcula qui rursus Latio, regnata per arva
Saturno quondam.» (4)

(4) — «Eneida». Livro VI. Versos — 789. 794.

Reunindo antigas lendas gregas a tradições gloriosas e genesiacas da Italia, reconstituindo e tocando, com as côres maravilhosas do seu engenho, os episodios que antes Nævius e Ennius haviam cantado, Vergilio delineou e levou a cabo o seu maravilhoso poema, no qual, no entanto, sem maior esforço, para logo se descobre que o fim dymnastico discretamente absorve o fim nacional, sem se offuscar, comtudo, a grandeza de Roma, cujo imperio deveria abranger o dilatado ambito do mundo. Seja como fôr, grega em grande numero de seus quadros, romana pelo espirito, moderna e quasi christã pelo coração, a *Eneida*, no dizer de Pichon, (5) é a obra mais completa da antiguidade latina.

A *Divina Comedia*, sendo no seu conjuncto um poema historico, philosophico, religioso e politico, é, em summa, exclusivamente symbolico e mystico; obra do genio, impellido pelas duas paixões mais desencontradas, mais oppostas, e ao mesmo tempo mais irmãs, que dominam e movem o coração humano, — o amor e o odio — nos offerece, no decorrer da acção principal e nos seus episodios, as scenas mais tocantes de affecto, as passagens mais horriveis de desespero e miseria, os lances mais tetricos e impressionantes de odio, de egoismo e de vingança, para apresentar-nos, como epilogo grandioso, a rehabilitação do espirito humano, pela religião revelada e pela fé.

Quando Dante immortaliza, no maravilhoso de sua concepção admiravel, a mimosa e angelica Beatriz, nome que transformou em symbolo mysterioso e lhe põe nos labios esta consoladora confissão — «amor mi mossa che mi fa parlare» —, elle é

(5) — «Histore de la Littérature Latine», 1898.

arreatado por este sentimento ; quando porêm, com rispidez que exclue a piedade, exhibe aos olhos do mundo, a debater-se em lagrimas, banhado no lôdo sórdido de um paul do Inferno, a dorída figura de Felipe Argente, lastimoso e insano, Dante é conduzido pelo odio, que extravaza de seu peito este desejo hediondo :

«Maestro, molto sarei vago
Di vederlo attuffare in questa broda
Pima che noi uscissimo del lago.» (6)

A *Divina Comedia* é, em tudo, mais religiosa do que politica, mais politica do que nacional, embora se perceba, em todos os cantos desta obra gigantesca, o aneio do poeta pela regeneração social, e, mais do que tudo, a doce e profunda aspiração da unidade politica de sua patria. Dante representa, por excellencia, o espirito da idade media, como Vergilio e Homero as grandes aspirações, os costumes, o character e o conceito moral, religioso e politico dos povos antigos, aquelle numa época mais proxima, estes, num passado mais afastado e mais longinquo.

A *Jerusalem Libertada*, sendo um dos mais bellos poemas dos tempos modernos, é uma epopeia essencialmente christã, pelo assumpto e pelo fim—a libertação do sepulcro de Christo pelos soldados da cruz, sob o commando de Godofredo de Bouillon; é a reacção combinada do mundo christão, impellido pela fé ardente do *Evangelho* contra o dominio ameaçador das doutrinas e das armas do Mahometismo. O fervoroso heróe do poema allia á bravura de guerreiro intrepido a mais fervorosa confiança na magnitude de sua missão di-

(6) — «Inferno». Canto VIII. Versos — 52, 53, 54 —

vina ; illumina-o Deus e guiam-no e amparam-no, nesta piedosa empresa, os anjos do céu contra as deidades do averno. Pedindo o assumpto de seus maviosos versos á idade media, aos dias do feudalismo, Tasso não se inspira em outro sentimento que não seja a religião ; os cruzados, homens vindos de diferentes pontos da Europa para se unirem sob o symbolo do madeiro sagrado, são sectarios apaixonados de uma crença já abraçada por numerosos povos da terra ; o fim do empreendimento é grandioso, mas completamente extranho á alma nacional. Cantando as Cruzadas, creando imagens com o maravilhoso da era medieval, ou inferindo-as da propria religião que o inspirava, Tasso fica, muitas vezes, fóra do seu tempo e o seu espirito distrahido, por completo, da ideia de sua patria ; a *Jerusalem Libertada* é, em synthese, a *Iliada* gloriosa da christandade.

O *Paraiso Perdido* tem por thema a queda do primeiro homem, desenvolvendo-se a acção do poema no bello, vasto e deslumbrante scenario da idade primeira ; é, pela sua propria essencia, materia alheia á natureza objectiva ; Milton vae buscar os personagens no *Genesis*, no primeiro livro do *Pentateuco* ; os seus heróes são lendarios, como Adão e Eva, ou metaphysicos, sobrenaturaes e phantasticos, como Deus, Satan, anjos, genios celestes e furias infernaes. Interessando pelo assumpto á consciencia universal, e sendo digno, pelas bellezas que encerra, de leitura reflectida, o *Paraiso Perdido* não evoca, comtudo, á imaginação nenhum impulso de nacionalidade.

A *Messiada* canta a redempção do homem pelo piedoso e sublime sacrificio de Jesus. Foi nas tradições religiosas, consubstanciadas nos dogmas do culto já triumphante, que Klopstock colheu assumpto

á sua epopeia. Milton pediu-o ao velho *Testamento*; Klopstock vai encontral-o no *Evangelho*, fazendo do homem-deus o heróe do poema. Alli ha tambem anjos e demonios; os apóstolos são anjos, Judas, Caiphás e os phariseus são demonios. Assim, a *Messiada*, como o *Paraiso Perdido*, é um grandioso drama de religião e de amor, de crença e de mysterio, de interesse humano e de interesse universal, mas, em absoluto, isolado de qualquer ideal politico e inteiramente vasio de aspirações patrioticas.

Os *Lusiadas*, ao contrario, são pelo assumpto que o constitue, pelos episodios que o exornam, pelo objectivo que visava o luminoso genio de Camões, emfim, pelo ardente amor da patria resumbrante de todos os seus versos, um poema caracteristicamente nacional e patriotico, embora se extendam os multiplos interesses que a elle se ligam — a navegação e os descobrimentos — á humanidade toda e á civilização universal.

Não ha na epopeia camoneana um heróe, um feito memoravel, um episodio, com excepção dos ornatos mythologicos e dos termos de comparação no dominio da sciencia, da arte ou industria, que não seja nacional. Vergilio pede ás velhas tradições gregas a trama da *Eneida*; muitos dos seus personagens são gregos, extranhos á Italia e á Roma; Dante encontra na sua imaginação portentosa, no symbolismo, na philosophia e nas crenças christãs, a materia de sua trilogia; nem tudo no *Inferno*, no *Purgatorio* e no *Paraiso* é italiano. Ha alli mescla de todos os povos, quadros de todos os tempos, crenças variadas e oppostas e das mais differentes origens. Tasso reúne em torno de Godofredo de Bouillon, no decorrer do poema, guerreiros e cruzados de todo o mundo christão; Camões, de modo diverso, acha na movimentada e gloriosa historia de

seu paiz, e só em seu paiz, os heróes de sua epopeia. Sob este ponto de vista os *Lusiadas* podem ser comparados á *Iliada* e á *Odysseia* e Camões poderá hombraear com Homero; são os dous epicos nacionaes por excellencia.

O assumpto dos *Lusiadas* apresentava-se espontaneo ao espirito apaixonado e ardente de Camões; soldado, navegador e guerreiro, em longas e arriscadas peregrinações por climas e terras extranhos, aonde o arrojavam aventuras de amor ou odio de inimigos, em toda a parte, na India ou na Africa, a dobrar um cabo, a cruzar um braço de mar, ou divisar o cimo de um monte, se lhe deparava a recordação de uma descoberta portugueza ou a memoria de um grande feito luso; ruínas abatidas, aqui e alli, um padrão, um marco erguido ao canto do caminho ou na volta de uma enseada, lhe evocavam o passado fulgurante desse povo arrojado e bellicoso, que perlustrara tantos mares e se empenhara em tantas empresas arriscadas e fabulosas, a lembrar as navegações homericas e as victorias e conquistas de Alexandre. Nem mais era preciso para inflammar a alma do genio, que, embocando a adormecida tuba da epopeia, fez echoar pelo mundo todo a fama e a gloria de sua patria.

Ha por isso, nos *Lusiadas*, dous personagens de relevo, dous protogonistas, dous heróes em torno de cujos feitos e em volta de cujas façanhas gira o poema e se encontra todo o seu objectivo; um é o que toma a seus hombros a temeraria viagem á India por caminho desconhecido, a lutar contra a furia dos mares e a incerteza dos ventos; aporta a Moçambique, á Monbaça e a Melinde, chega a Calcut e finalmente volta victorioso a Portugal, onde o recebe o povo com festas nunca vistas e o rei com pompa e fausto de triumphador:—é Vasco da

Gama. O outro é o que creou, em sua intelligencia de predestinado, e alimentou, annos e annos, em seu coração de atleta, sem desanimo e sem vacillações, olhos fitos no mar que parecia infinito, o projecto de empresa tão arriscada; solenne, quasi divino pela audacia do commettimento, occupa todo o correr da acção, palpita em todos os versos do poema, anima todos os braços, vive em todos os episodios, é a alma, o fim, o espirito da epopeia toda — é Portugal. Desta sorte, o proprio Vasco da Gama, esquecido da majestade do papel que representa, como figura principal da famosa travessia, apouca, elle mesmo, a importancia de sua obra, diminue o valor do seu merito, para dar mais realce á gloria, ao denodo e á nobreza de outros heróes que opulentam e illustram a historia de seu paiz :

«Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.» (7)

Vergilio immortaliza o exul de Troia, que o fado soberano conduziu ás praias de Lavino, e outros personagens só remotamente ligados aos destinos da Italia e de Roma; Dante celebra os mysterios da religião christã, envoltos nas sombras da idade média; Beatriz é um symbolo, de mistura com a politica, com a historia e com a civilização de seu tempo; Tasso canta o libertador do sepulcro de Christo, inspirando-se nos feitos dos heróes extranhos á patria italiana e de uma época que já não era a sua. Camões, pelo contrario, só se inspira nos fastos nacionaes, no glorioso passado de seu paiz, na heroidade de sua gente; Vasco da Gama é o protogonista do poema, mas o espirito que o anima, a *alma mater* do grandioso apprehendimento, atra-

vés dos mares, na lucta com a natureza adversa e a cilada negra dos homens, é a patria. Assim, Camões não canta um heróe, canta :

«As armas e os barões assignalados,

.....

E tambem as memorias gloriosas

D'aquelles reis, que foram dilatando

A Fé e o Imperio e as terras viciosas

De Africa, e da Asia andaram devastando ;

E aquelles, que por obras valerosas

Se vão da lei da morte libertando ;

.....

Que eu canto o peito illustre lusitano

A quem Neptuno e Marte obedeceram.» (8)

Portugal, desde as luctas sangrentas e sem exemplo, empenhadas pela conquista do territorio, em que afinal se firmou o seu dominio como povo, desde a formação da nacionalidade até o periodo que abrange o poema, é quem traça, executa e illustra os altos feitos cantados pelo poeta ; as façanhas da gente lusitana, os seus audaciosos descobrimentos nos mares do Oriente, e as famosas conquistas na Asia das especiarias e na Africa portentosa, foram as maiores que já concebeu o espirito e realizou o braço humano na face do planeta, porque nesse povo eleito se consorciam as raras qualidades que fazem um povo denodado, generoso e nobre. O Olympo, onde se tece o fado dos homens e das nações, lhe reservou o dominio do mundo, destinando aos seus heróes a immortalidade dos deuses, e o proprio Jupiter, commovido pelas pungentes lagrimas de Venus, que se lhe queixa das ciladas de Baccho, nos mares e em terra, á armada lusitana, enlaçando-lhe o collo de alabastro e

(8)—Canto I. Estrophes 2^a. e 3^a.

beijando-lhe a face seductora, deixou cair de seus labios divinos esta prophecia, tão confortante ao coração maguado da deusa dos amores e tão grata, ainda hoje, á alma portugüesa :

«Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se gregos e romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

«Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos e a fonte de Timavo,
E se o piadoso Enéas navegou
De Scylla e de Charybdes o mar bravo,
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

«Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os turcos bellacissimos e duros
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os reis da India, livres e seguros,
Vereis ao rei potente sojugados,
E por elles, de tudo emfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

«Vereis este, que agora pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.» (9)

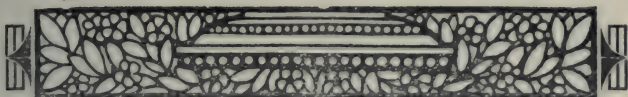
Não é mistér comparar grandezas incommensuraveis, cotejando as obras da litteratura universal, nem inferir preferencia das bellezas que nos offerecem as grandes creações do espirito humano,

(9) — Çanto II. Estrophes 44¹, 45¹, 46¹, e 47¹. Piadoso e piadade-
era a graphia antiga.—Sojugar, sojugado—são fórmãs tambem antiquadas.
Transcrevendo as estrophes de Camões, procuramos sempre manter a gra-
phia das edições antigas mais auctorizadas, no intuito de não lhes tirar a
feição do seu tempo.

para ver nos *Lusiadas* a *Odysséia* das navegações gigantescas da idade moderna, e sobre o nome de Camões, que representou tão bem o espirito do seu povo, a sciencia, a arte e a litteratura do seu seculo, o brilho da immortalidade. A *Iliada* é a epopeia dos deuses em guerra; a *Eneida* o poema de arte primorosa e gosto apurado; a *Divina Comedia* a obra prima da imaginação e dos symbolos; os *Lusiadas*, porêm, foram hontem, como serão sempre, a epopeia da Patria. Por isso, no céu azul do Parnaso, onde, entre outros, scintilla o genio da poesia epica, Camões occupa um dos extremos da brilhante constellação em que prefulgem Homero, Vergilio e Dante.



ALTIVEZ E. PATRIOTISMO



Altivez e Patriotismo

«Camões rivaliza nas *Ecoglas* com Garcilaso, nas poesias lyricas com Petrarca, e, pelo grandioso das ideias, perfeição de estylo e deliciosa harmonia, qualidades superiores do seu vasto poema —*Os Lusíadas*— ninguem lhe contesta o epitheto de Vergilio portugûes.» (Frédéric Loliée. *Histoire des Littératures Comparées*. Pagina 214. Paris.)

O plectro de Camões é elevado, pomposo e sublime; vibra-o a dextra do genio, illuminado pelo mais acendrado amor da patria; serve-o ardente, atrevida e arrebatadora imaginação. O verso é harmonioso e terso, os trópos, eloquentes e animados, os paineis delicadamente coloridos, ora mais fortes, ora mais esbatidos conforme as exigencias da pintura e a grandeza dos quadros; as comparações, singellas ou arrojadas, não se apartam jamais dos limites da verosimilhança, sendo a sua linguagem, puro ouro de lei, excellente modêlo de vernaculidade. Creando situações e allegorias para pôr em mais accentuado relevo as scenas que esboça e os personagens que apresenta; descrevendo os differentes

e caprichosos aspectos da natureza, dos campos, do céu e do mar — campos em flôr, céu toucado de estrellas e mar agitado em tormenta; pondo em jogo, até no coração dos deuses, as mais violentas paixões, que dominam e impellem os protogonistas de sua epopeia, Camões é inexcedível. Feliz nas côres com que aviva e nos matizes com que discretamente sombreia episodios e imagens, é espontaneo e verdadeiro nos sentimentos que empresta aos seus actores e heróes, sendo grandioso e altivo nas phrases que lhes attribue e nos gestos que lhes comunica.

Ha nos *Lusiadas*, escriptorio de preciosidades, sob o ponto de vista philosophico, moral, politico e litterario, tanto frescor nos versos correntios, tanta propriedade nos termos, tanta vida nas apostrophes, tanta naturalidade nas prosopopeias, tanto proposito nas hyperboles, em summa, tanta verdade nos conceitos e nas sentenças que servem de fecho a dezenas de oitavas, que o espirito, acostumado a engolfar-se na sua repetida e constante leitura, tanto mais o analysa, pesa e medita, quanto mais aneia por perscrutar-lhe os segredos do vocabulario, da imaginação e da arte. Encontram-se no poema bellezas inimitaveis de ordem moral quanto a factos e maximas, bellezas de concepção quanto a figuras e allegorias, bellezas litterarias quanto á fórmula, bellezas de expressão e de rhythmico quanto á linguagem e poesia.

Um dos mais apreciaveis caracteristicos dos *Lusiadas* é a altivez de linguagem, reveladora de nobres sentimentos, com que o poeta fala ao rei e aos grandes, e de que sempre reveste, ennobrecendo e elevando, o discurso de seus personagens; a palavra de Camões pode ser, ás vezes, elogiosa, mas é sempre altiva. Essa altivez não affectada, essa dis-

creta e ponderada nobreza, tão próprias em Camões e de que nos offerecem os mais brilhantes exemplos numerosas e accidentadas passagens de sua atribulada existencia, resumam de todo o poema e para logo se nos deparam nas estrophes iniciaes do primeiro canto. Invoca o poeta, antes de tudo, em auxilio de seu estro peregrino, as Tágides, que lhe crearam o engenho fervoroso e arrebatado, para que lhe dêem um som alto e sublimado, estylo corrente e grandiloquo, e só depois se dirige a D. Sebastião, que, symbolizando a majestade da patria, já então afamada e illustre, concretiza a mais segura e solida esperança de maiores e mais gloriosas empresas.

Nos versos de justificavel encomio que dirige ao rei, como era de uso naquelle tempo, em trabalhos de tal natureza, nessa bellissima dedicatoria que é um hymno, um epinicio, um côro de hosannas a Deus, á bravura, a Portugal e a seus heróes, não ha uma lisonja, um vocabulo que humilhe, uma expressão que destôe daquella hombridade innata no cantor de Nathercia, que encara, com sobranceria, a face dos poderosos e grandes e ri altaneiro ás miserias, ás dôres e aos soffrimentos do mundo. D. Sebastião é *a bem nascida segurança da antiga liberdade lusitana*, esperança confortadora dos trabalhadores de Christo, para maior expansão da fé evangelica nas terras a conquistar do ismaelita irriquieto e maldito; o poeta o cantará, ennastrando-lhe a frente do mais puro louro, quando, resolutu e sublime, continuando a obra memoravel de seus antepassados, que nelle se renovam, *grandes na paz angelica dou-rada ou em mil batalhas sanguinosas*, submeter ao jugo do seu imperio o turco oriental e o gentio. A seguinte estancia resume, com precisão e clareza admiraveis, este pensamento :

«E em quanto eu estes canto, e a vos não posso,
 Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos e feitos singulares,
 De Africa as terras, e do Oriente os mares.» (1)

Todos os que têm estudado, com accurada atenção e interesse, a vida de Camões, pelas biographias e documentos, que de sua existencia agitadissima, no reino e nas conquistas, foram publicados, reconhecem que essa altivez e fidalguia de animo, reveladas em suas composições lyricas e, com mais frequencia, em numerosos trechos do seu afamado poema, era um dos caracteristicos mais pronunciados do seu espirito. E' bella, pela franqueza de pensamento e naturalidade de dizer, a affirmação que desses sentimentos faz o poeta, quando, ao findar o canto setimo, invoca, mais uma vez, as nymphas do Tejo e do Mondego, antes de proseguir na ardua e gloriosa empresa; é uma confissão cavalheiresca e nobre, na qual se revelam aquellas qualidades, e se retrata a alma de Camões, que, deixando vasar todas as maguas que lhe laceram o seio, não occulta as mais acerbos queixas contra a sorte adversa, que o obriga a andar errante fóra de seu paiz:

«Olhai que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo e os vossos lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo e novos damnos.

.....
 «Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz cantando gloriosos!

1) Canto I—Estrophe 15ª,

«Pois logo em tantos males é forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça :
 Dai-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

•Nem crêas, Nymphas, não, *que fama desse*
A quem ao bem commum e do seu rei
Antepuzer seu proprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei;
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos. cantarei,
 Só por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

«*Nenhum que use de seu poder bastante*
Pera servir a seu desejo feio,
 E que, por comprazer ao vulgo errante,
 Se muda em mais figuras que Proteio :
Nem Camenas, tambem, cuideis que cante
Quem, com habito honesto e grave. veiu,
 Por contentar ao rei, no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

«*Nem quem acha que é justo, e que é direito*
 Guardar-se a lei do rei severamente
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente ;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende e cuida que é prudente,
Pera taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.» (2)

Estrophes bellissimas, resumem, nos seus termos, edificantes preceitos de verdadeira religião, elevada moral e sabia e generosa politica. O poeta guerreiro e navegante, apaixonado e ardente, infeliz

(2) Canto VII. Da estrophe 79^{l.} a 86^{l.}. Proteio—é Proteu. O—i—apparece por epenthese, para rimar com — feio—. Pera — era a fórma antiquada da preposição — para.

mas corajoso, que enfrenta, animado e resoluto, o destino que o martyriza e a dor que o crucia, não serve á lisonja, não corteja ao interesse contra o bem commum, não canta a ambição insoffrida, nem louva o egoismo cégo e a inveja torpe e perigosa. Canta, ao contrario, o sacrificio por Deus e pela Patria, o humilde que se exalça, a virtude que conforta e o merito que ennobrece.

Dessa feição accentuada do genio de Camões, tão altivo ante os poderosos, tão lhano com os fracos e humildes, como quem acostumado estava a supportar o peso da desdita, nos dá magnifica e eloquente pintura o Visconde de Almeida Garrett num dos mais formosos trechos do seu mimoso poema. Fundeia nas aguas serenas do Tejo o galeão que, de longes plagas, após demorada ausencia, conduz o poeta á famosa e querida Ulysséa. Saltam rapido ao escalér os que anceiam por pisar terra nativa e entre elles, n.ais do que todos, Luiz de Camões, sem se lembrar de que a bordo lhe ficara o escravo fiel, seu companheiro e seu amigo :

«Rema!» da pôpa onde modera o leme
 Brada o mestre; obedece á voz o leme;
 E ao golpe certo resvalou de um pulo
 Pela corrente lisa o leve esquite.
 Um sentido clamor, como suspiro
 De amargurado tom, vem da amurada
 Do alteroso galeão.....

«Oh! não abandoneis o pobre escravo!»

.....

«Avante!» clama o torvo mestre, «Avante!»

.....

«A' fé que não» bradou, e em pé se erguia
 O nobre, melancolico soldado,
 Sem desfitar do humilde escravo a vista;
 Encontrai a tomal-o.»

—«O que, amigo?
 Por vida minha, o que quereis ao indio?
 Neste meu escalér dessa fazenda
 Não levo á terra.» —

«E' meu amigo.»
 —«Amigo!» amigos taes trazeis ao reino!
 Rico vindes da Índia.»

—Rico!... certo;
 De feridas ao menos...»
Um movimento
 De involuntaria colera e despeito
 Leva a mão do guerreiro mal soffrido
 Da espada ao punho.» (3)

E' perfeito o quadro, embora creado pela phantasia, e delineado, com esmero, pelo caprichoso e delicado pincel de Garrett; si a scena, na verdade, se tivera passado, nas aguas remansosas do Tejo, como a devaneia o poeta, outro não teria sido o gesto de Camões ao ver-se, por tal modo, separado do seu querido João, mais companheiro do que servo, mais amigo do que escravo. Alma generosa e paciente, não podia conformar-se com a desigualdade cruel com que os homens se extremam, principalmente quando a fereza desse tratamento e a dureza dessa desigualdade ia recair sobre quem, tantas vezes, lhe ajudara a espairecer profundas maguas e passar com resignação horas de soffrimento e de dôr.

A linguagem que Luiz de Camões empresta aos personagens dos *Lusiadas*, nos differentes episodios que o exornam, não destôa, nem no timbre, nem no colorido, da sua propria; é sempre elevada e digna, mesmo nos lances mais afflictivos e desesperadores em que elles se acham; supplicando, lastimando ou imprecando, não ha nas expressões que lhes attribue a menor quebra de dignidade e amôr proprio. Encontra-se a desditosa Ignez de Castro

(3) Almeida Garret «Camões» Canto I.

ante o rei e os seus ministros, mais algozes do que juizes, mais carrascos do que conselheiros, naquelle penoso transe, entre a saudade do principe e a magua profunda de deixar, abandonados e orphãos, os filhos queridos, tão mimosos quanto innocentes; e, em situação tão amargurada, em vez de rojar-se aos pés do monarcha verdugo, em prece humilde e plangente, ella, fragil e sem defesa, victima imbelle do amor caprichoso e da crueldade de maus conselheiros, só lhe dirige palavras altivas nesta inprecação. tão formosa, tão eloquente e tão propria a tocar um peito nobre e a commover uma alma generosa :

«Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias têm o intento,
Com pequenas creanças viu a gente
Terem tão piadoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E c'os irmãos, que Roma edificaram;

«Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar ùa donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della;
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

«E se, vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem pera perdel-a não fez erro;
Mas, se t'ó assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

«Põe me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei;
 Ali, c'o amor intrinseco, e vontade
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas relíquias suas, que aqui viste
 Que refrigerio sejam da mãe triste.» (4)

Este discurso, pela dignidade de que se reveste e pelo ousio das comparações, deixa de ser supplica para tornar-se apostrophe; antevendo toda a dureza da infausta sorte que a aguardava, temendo mais a solidão e o desamparo dos filhos inculpados do que a propria morte, Ignez de Castro não se degrada, não se abate, não se humilha, esperando clemencia dos labios que vilmente a condemnam e beijando tremulamente as mãos crudelissimas que a sacrificam. Supplica, sim, mas fal-o com dignidade, rematando a sua tócate e elevada petição com esta bellissima e pungente ironia :

«Põe-me onde se use toda a feridade
 Entre leões e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.»

Que contraste nos offerece o character desta Ignez de Castro, comparado com o da Ignez, de Antonio Ferreira, na sua aliás tão bella e commovente tragedia! Que differença nos tons da supplica! Que disparidade no proceder, no falar e no morrer! Ferreira põe nos labios de sua protagonista, ao descrever o fatal encontro com El-Rei e seus perfidos conselheiros, Diogo Pacheco, Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, uma rogativa humildosa, entre louvores e elogios á sua piedade e justiça, que alli

(4) Canto III. Da estrophe 126^a. a 129^a.

mesmo se desmascara e desmente; banhada em lagrimas, implora perdão de uma culpa que não era sua, e, renegando o amor, confessa que seria (lastimavel fraqueza!) capaz de abafal-o no proprio seio, si tal sacrificio se lhe tivera exigido! Vacilla, enfraquece, perde o decoro a si mesma, dirigindo-se supplice aos verdugos que a condemnam, mais crueis do que tigres, mais barbaros do que criminosos, mais deshumanos do que assassinos, deante do rei que, tocado pela piedade e pelo commovente de scena tão singular, já se mostrava inclinado a perdoal-a!

A Ignez de Castro, em Camões, mostra-se compungida e lastimosa, não esconde o terror que lhe inspira a orphandade dos filhos mimosos e a separação eterna daquelle a quem dera todos os anhelos de sua alma ainda virgem, e os anceios de seu peito de mulher apaixonada e formosa, mas é sempre aliava no transe afflictivo e si, resignada, se oferece ao sacrificio que lhe impõem, as suas ultimas palavras traduzem o seu protesto contra a morte imerecida que lhe infligem. A Castro, de Ferreira, não tem essa altivez; as suas phrases não traduzem senão supplica e temor; o seu esforço unico é implorar misericordia, até que, arrojando-se aos pés do soberano, face banhada em pranto, ao envês de arguil-o pela fereza com que a trata, fragil dama indefesa, só lhe dirige palavras de pavor e piedade!

«Filhos tristes,

Vedes aqui o pae de vosso pae.

Eis aqui vosso avô, nosso senhor;

Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade

De vós, desta mãe vossa, cuja vida

Vos vem, filhos, roubar.

.....

«Meu senhor,

Esta é aquella coitada mulher fraca,

Contra quem vens armado de crueza.

Eu tremo, senhor, tremo
 De me ver ante ti, como me vejo.
 Mulher, moça, innocente, serva tua,
 Tão só, sem por mim ter quem me defenda;
 Que a lingua não se atreve, o espirito treme
 Ante tua presença...

(Dirigindo-se a Pacheco e a Coelho)

Oh! meus amigos, porque não tirais
 El-Rei de ira tamanha? a vós me vou,
 Em vós busco soccorro; ajudai-me ora
 Pedir-lhe piedade.....
 Ouve-me, Rei, senhor! ouve primeiro
 A derradeira voz desta alma triste.
 Co' estes teus pés me abraço que não fujo. (5)

Estabelecendo o confronto entre a Ignez de Castro, de Ferreira e a Ignez de Castro, de Camões, do qual sobresaí, com a mais viva clareza, o contraste dos caracteres e a differença das duas almas, não temos o intuito de apoucar os meritos de tão afamada tragedia, e sim apresentar a quem nos ler mais uma prova do que anteriormente affirmámos a respeito da altivez de linguagem, que Camões sabe emprestar sempre aos personagens do seu immortaldouro poema. O episodio em Ferreira commove, mas em Camões commove, arrebatada e edifica.

*
 * *

O amor da patria, este affecto que nos infunde na alma, ainda virgem de outras impressões e outros sentimentos, o primeiro raio de luz da terra em que abrimos os olhos ao mundo, e nella arraigado vive até exhalarmos o ultimo suspiro, é innato no homem; em Camões, porém, é mais ardente, mais activo, mais puro, e, por isso, os exemplos que de amor patrio

(5) Antonio Ferreira. «Castro» — Acto IV. Scena I.

nos offerece e os quadros que, sob esse aspecto, nos apresenta, nos *Lusiadas*, são sempre eloquentes e empolgantes. Descrevendo marinhas, o céu toucando-se aos beijos matutinos da aurora, ou o pôr do sol atufando-se nas aguas do oceano sem limites; o correr precipitado das naus, velas soltas aos ventos, mar bonança, ou entre vagas revoltas, em tempestade desfeita; debuxando montes viridentes, o múrmuro correr das fontes e rios, ou os variados matizes dos campos em flôr, Camões é grandioso, mas, nas scenas em que o amor da patria é a alma da acção, Camões é inimitavel.

Tomemos, para proval-o, aquella bellissima passagem do canto IV, quando D. João reúne, sob sua presidencia, fidalgos e cavalheiros portuguezes, e lhes solicita conselho ante a tremenda ameaça que pesava sobre Portugal, desarmado e desprevenido, em frente do grande e arrogante poder de Castella. A deslealdade anima uns, o temor enfraquece outros e a duvida domina quasi todos. Nessa conjunctura tremenda, Nuno Álvares, que, nas luctas pela independencia, fizera a sua nomeada de guerreiro e em cujo coração pôde mais o patriotismo do que os laços de sangue, pois seus irmãos militavam no partido de Castella, censurando a timidez de uns, a mal disfarçada perfidia de muitos e o pouco zelo de todos pelo futuro da patria, *ameaçando a terra, o mar e o mundo*, a todos dirige esta apostrophe vehemente e vibrante :

« Como ? da gente illustre portugueza
 Ha de haver quem refuse o patrio Marte ?
 Como ? d'esta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda a parte,
 Ha de sahir quem negue ter defesa ?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito ?

«Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

«Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão c'os vossos fortes pais e avós?
Pois, se com seus descuidos ou peccados
Fernando em tal fraqueza assim vos pôz,
Torne-vos vossas forças o rei novo,
Se é certo que c'o o rei se muda o povo.

«Rei tendes tal, que, se o valor tiverdes
Igual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto, em fim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

«*Eu só com meus vassallos, e com esta,*
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios
Mas quantos a meu rei forem contrarios.» (6)

O bem traçado deste discurso, a synthese de factos e sentimentos que elle encerra, é admiravel; é um mixto de acerba censura, de atrevimento pouco commum, de coragem e de amor proprio, valentia e confiança pessoal, como frequentemente não se en-

(6) Canto IV. Estrophes 15^a, 16^a, 18^a e 19^a,

contram em lances desta natureza. Nuno Álvares, com argucia indispensavel em situação tão delicada, não accusa aquelles em quem a indecisão já se confunde com a deslealdade e o temor se transforma em felonía; não lhes declina os nomes, não os incita, nem os envergonha, porque isso seria desservir á causa do rei e da patria, enfraquecendo-lhe as forças e restringindo-lhe os meios de defesa. O seu plano é outro e a sua resolução habillissima; duvidando que haja entre portuguezes quem se recuse a derramar o sangue e empenhar a vida pela independencia, quando todos descendem dos bravos que sempre desbarataram as forças castelhanas, oppõe á tibieza de que davam mostra a intrepidez e o arrojo desta deliberação heroica :

«Atai as mãos a vosso vão receio
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

.....
«Vencerei não só estes adversarios
Mas quantos a meu rei forem contrarios.»

Exerce extraordinaria influencia no animo das multidões, no espirito das assembléas e no acto dos conselhos, em momento de incerteza e de duvida, um gesto, uma phrase, uma solução prompta e decisiva de homem resolutivo que, tomando a frente dos acontecimentos, os dirige, levando a bom termo as mais arrojadas empresas, e Camões, conhecedor profundo da natureza humana, do impeto do amor proprio melindrado e do brio posto em duvida, aproveita-se magistralmente disso para coroar o plano do condestavel com o bom exito que delle se esperava. A intrepidez desse guerreiro, tão confiado em seu proprio esforço e tão conscio da fidelidade dos que o acompanhavam, remove, pelo exemplo do seu heroismo inexcedivel, o temor dos indecisos, congre-

ga desavindos e proporciona a Portugal um dos mais brilhantes triumphos, accrescidos á sua historia de glorias, pois,

•A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.› (7)

Ha, no correr das estrophes, que circumdam tão nobilitante rasgo de lealdade, valentia e patriotismo, um verso incidente que é como um bello traço de pincel, recurso de habil artista, a sombrear melhor a têla, dando-lhe mais relevo, mais vida e muito maior expressão. E' o segundo verso da estrophe 19^a: — *•E dizendo isto arranca meia espada.* — Este movimento, attribuido pelo poeta ao condestavel, completa e integra primorosamente, como delicada moldura rematando quadro formosissimo, o seu eloquente discurso. Um cavalheiro como Nuno Álvares, impetuoso de valentia e patriotismo, falando a seus pares, em nome da lealdade e da patria, para incital-os á lucta contra o inimigo invasor, corrobora o seu pensamento com este gesto natural em quem tanto confiava no proprio denodo e tão acostumado fôra á vida agitada de combates, em defesa do seu paiz e do seu rei. Interrompendo, assim, a estancia, Camões imprimiu extraordinaria belleza a esta passagem e serviu maravilhosamente á verosimilhança. Era gesto de guerreiro que, não com discursos e palavras, mas com espada e com bravura, estava habituado a escrever a sua historia de batalhador e de heróe. Este rasgo de patriotismo e audacia, esta hyperbole tão atrevida quanto formosa, que Luiz de Camões emprestou ao discurso de Nuno Alvares, lembra o fogoso arrojo de Leopardi num dos seus

(7) Canto IV. Estrophe 41^a.

mais subidos surtos poeticos ; é sempre o amor da patria animando o braço dos guerreiros e temperando a lyra dos poetas :

«Nessun pugna per te ? non ti difende
Nessun de' tuoi ? L'armi, qua l'armi : io solo
Combatteró, procomberó sol io.
Dammi, o ciel, che sia foco
Agl'italici petti il sangue mio.» (8)

Entre outros episodios, que se multiplicam nos *Lusiadas* e nos quaes, com tanta exactidão e clareza, se retrata o patriotismo, tão abundante e tão vivaz na antiga historia portugûesa, um, pelo colorido que Camões lhe inculciu e pelo raro sentimento de dignidade de que se reveste, póde servir de exemplo aos homens publicos de todos os tempos ; é um desses impetos de edificante cavalheirismo só proprios de caracteres de bronze e que immortalizam o homem, engrandecem o povo e honram a nacionalidade. E' o de Egas Muniz.

Estava o principe Affonso Henriques duramente cercado em Guimarães por numerosas tropas do soberbo rei de Castella, Affonso VII, empenhado em vingar-se de passadas injurias ; superiores eram as forças inimigas e mais do que difficil, impossivel mesmo, a defesa contra o valor, a sêde de vingança e o elevado numero. Nesse transe tão angustioso, em que o animo portugûês não vacilla, embora certo do sacrificio da vida no altar da patria e da honra, Egas Muniz, lembrando Mucio Scævola a penetrar nos arraiaes de Porsenna, para salvar a independencia do berço natal, cria, no dizer de Feliciano de Castilho, (9) uma virtude nova — a da mentira e

(8) «Poesie» — All'Italia, Firenze. Pag. 13. 1900.

(9) «Quadros Historicos de Portugal», Pag. 44. Rio de Janeiro 1847.

uma nova gloria — a da traição. Dirige tranquilla e occultamente os passos ás tendas do rei castelhano e lhe fala com altivez e familiaridade desusada, mais de conselheiro do que de vassallo: elogia os dotes moraes de ambos os soberanos, lembrando os laços de sangue que os ligam, o resultado desastrado de uma lucta fraticida e o muito que, reconciliados e unidos, poderiam fazer pela fé christã contra os inimigos da cruz. Taes razões, tão proprias a convencer espiritos tranquillos, superiores ao odio e estranhos á vingança, não lograram abrandar e demover Affonso VII, mais inclinado á guerra do que á paz; Egas Muniz, vendo frustrado o seu intento, acaba promettendo-lhe em nome do seu senhor, a quem não ouvira, o humilhante tributo de vassallagem e a sua presença ás Côrtes de Leão. A palavra de Egas Muniz, portador de nome illustre e respeitado, tanto em Portugal como em Castella, serviu de garantia ao cumprimento de promessa tão temeraria, dada a natural altivez do principe portuguez e o seu genio indomavel e independente.

Levanta-se o cerco, com enorme estrepito de soldados, cavalleiros e machinas que abandonam o campo de guerra: retira-se ufano o exercito castelhano, deixando livre a terra portugueza, e quando Affonso Henriques, entre surpreso e irado, teve sciencia do procedimento do seu adversario, não conteve os impetos de justa colera contra o valido que, por uma arrojada mentira, havia salvado os destinos da monarchia nascente, preservando o seu soberano e uma pleiade de subditos illustres de ruina certa e inevitavel, embora gloriosa.

Chegado havia, entretanto, o tempo de comparecer o principe portuguez ás Côrtes de Leão, como promettera Egas Muniz, condição contra a qual, e com tanta dignidade, se rebellara desde logo Affon-

so Henriques. Egas Muniz, porêm, escravo de sua palavra, empenhada a fé de cavalheiro, não vacilla em tomar a deliberação que a honra lhe impõe e o dever tão claramente lhe indica: parte resolutu para Toledo, acompanhado de sua mulher e de seus filhos. Triste, baraço ao pescoço e em trajos de condemnado, atravessa as ruas da cidade e se dirige aos paços D'El-Rei, a cujos pés se prosterna exclamando: «Senhor, o principe Affonso Henriques não vos pagará tributo, nem Portugal independente vos renderá homenagem; menti á fé jurada, mas a palavra de fidalgo portuguez vale mais do que a vida; sobre a minha cabeça e a fronte innocente dos que mais quero no mundo recaia o castigo de vossa justiça e o peso de vossa colera!»

E' este episodio, commovente pelas circumstancias que o rodeiam, moral pela nobreza de sentimentos que o originou e grandioso pela decisão e pelo altruismo de quem o representa, que Camões descreve com os tons maravilhosos de seu peregrino talento:

«Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo maguado,
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podera ser perdido
Segundo estava mal apercebido.

•Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Muniz; mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

«Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o rei castelhano já aguardava,
Que o principe, a seu mando somettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida.

«E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança ;
Descalços e despídos, de tal sorte,
Que mais move a piedade, que a vingança :
Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

«Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte,
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a féra morte ;
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes ;
Nellas só exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis e do touro de Perillo.» (10)

Refreada a justa colera de Affonso Henriques que á Castella não promettera vassallagem e, ao contrario, aproveitando-se do socego que as armas lhe proporcionavam, refazia a força dos seus exercitos e o animo de sua gente para outras eventualidades, tão frequentes entre o pequeno paiz que se constituia e os reinos vizinhos, ciosos de seu poderio, Egas Muniz, em tempos mais modernos, senhor de valiosos patrimonios, deixar-se-ia ficar tranquillo nos ocios da côrte ou nas delicias do lar; educado, porém, na escola da honra e da dignidade, de que posteriormente saíram Nuno Álvares e outros numerosos

(10) Cantó III. Da estrophe 35¹. a 39¹. Sometter — fórma antiquada de — submitter.

vultos que illustraram os fastos dessa tão pequena quanto heroica nacionalidade, não deixa fementida a sua palavra e, por isso, offerece, com abnegação desmedida, para resgatal-a, o sacrificio de sua existencia e a vida dos que lhe eram mais caros na terra.

O desprendimento desse homem, o maior em valor e nobreza do seu tempo e entre sua gente, fidalgo e cavalheiro, arrastando-se, pallido, abatido e miserando, pelas ruas de uma cidade estrangeira, como vil e desprezivel criminoso, acompanhado nesse martyrio da mulher e dos filhos, a entregar-se á furia de um monarcha orgulhoso e justamente irritado pela perfidia de que fôra victima, para não faltar á palavra empenhada e á fé de seus braços, é commovente, arrebatador e immenso! Punge até ás lagrimas a scena do livro II da *Eneida*, quando Priamo, abandonando o velho solar sem defesa, vem, trópego e desalentado, acólher-se á sombra de anoso loureiro, onde transidas de espanto e pavor já se abrigavam sua esposa e suas filhas, e vê, com os proprios olhos, cair a seus pés a Polites, exangue e sem vida, com o peito atravessado pela lança de Pyrrho, que de longe o perseguia, emquanto, a seu lado, Hecuba allucinada pranteia a desditosa sorte dos seus, e ao longe fumega Troia toda ao fragor de mil combates sangrentos, que se travam nas ruas e ao baque-ruidoso dos paços e torres que se desmoram por terra.

O trecho de Camões, todavia, si nos commove pela grandeza de animo e pela extensão do sacrificio de Egas Muniz, transporta o nosso espirito ao entusiasmo, antes que a emoção se nos converta em lagrimas pelo espectaculo que nos offerece esse homem, tão nobre e tão grande, a humilhar-se tanto para honrar a sua palavra e tornar-se ainda maior e mais nobre no conceito dos seus contemporaneos!

BELLEZAS DE CONCEPÇÃO E DE FORMA



BELLEZAS DE CONCEPÇÃO E DE FORMA

«Camões excede Ariosto pelo colorido e pela riqueza de imaginação, e, por isso, poderia disputar-lhe a corôa de louros.»
Frederico Schlegel. (*Historia da Litteratura Antiga e Modèrna*).

Os *Lusiadas*, encarados á luz da critica desapaixonada e calma, voltados os olhos e a imaginação á epocha em que floresceu o genio portentoso de Camões, é mina inexaurivel, cujos veios mais remotos se multiplicam e se prolongam sem termo, deparando-nos sempre, sob o ponto de vista geographico, politico, moral, historico e principalmente litterario, curiosidades preciosas e admiraveis manifestações do bello. O philosopho, o geographo, o historiador, o repúblico e o litterato encontravam naquelle tempo, e ainda hoje encontram, na leitura do venusto poema, referencias, ensinamentos, conceitos e affirmações de alta valia, pela verdade que encerram, pelas duvidas que esclarecem e questões que suscitam, porque os *Lusiadas*, como os poemas

de Homero e Dante, outra cousa não representam, através do verso, senão vasta encyclopedia, na qual Luiz de Camões, pela extensão e firmeza de conhecimentos e pelo poderoso espirito de synthese, seleccionou, compendiando, toda a poesia, toda a moral, e toda a sciencia conhecida no seu seculo.

São varias as bellezas de assombrosa concepção e delicada forma que Luiz de Camões nos revela no seguimento dos dez cantos do seu poema; são muitas e primorosas. Dentre ellas, porêm, se salientam e se destacam, dominando todas as outras, pela imponencia de ornatos, clareza, propriedade de termos descriptivos, colorido e vivacidade de expressão, — o Adamastor e a Ilha dos Amores. — Em ambas as creações esmerou o poeta os dotes do talento, apurando, no crisol do genio, as variegadas côres e pomposas imagens com que aformoseou e vestiu estes dous maravilhosos fructos do seu elevado engenho.

A' imaginação pediu Camões a ideia desse gigante temeroso, de cenho carregado e barba esquelida, olhos encovados e dentes amarellos, cujos membros, pelo tamanho desmedido e colossal, inspiram pavor e cuja voz, horrisona e medonha, sacode os ares e provoca tempestades; monstro que, apesar de sua extrema fealdade, de paixão e desejos se incendeia pela esposa de Peleu, tão seductora e formosa; rebella-se contra o Olympo e, por castigo do seu atrevimento, é tranformado pelos deuses no immenso promontorio, a cujos pés se quebram de continuo as salsas aguas de Neptuno, a lhe recordarem a desventura do seu louco e mal inspirado amor. A' imaginação pede ainda o poeta a graciosa allegoria da insula encantadora, docemente beijada pelas vagas do oceano, cortada de montes e prados que se revestem da mais fina e mimosa pelluoa;

ornada de bosquetes, serpeada de fontes e regatos crystallinos e povoada de nymphas, mythos e amores, a mover se feiticeira sobre as ondas em direcção á frota lusitana. Na concepção das duas allegorias de peregrina belleza, unicas no seu genero, pela eloquencia das palavras postas na bocca de Adamastor, desde a ternura com que narra o seu pungente drama amoroso até a magua com que confessa o tremendo castigo da sua ousadia e, finalmente, pelos encantos e maravilhas de que ornou a ilha de Venus, onde os discursos e as descripções têm alma, vida, expressão e movimento, Camões attingiu o sublime da phantasia e do verso.

São duas ficções arrebatadoras e inegalaveis, em cujo debuxo Luiz de Camões só appellou para as qualidades creadoras do seu talento; concebeu-as e arrancou as do fundo brilhante de sua opulenta imaginação de envolta com as vivas reminiscencias, que em seu espirito lhe havia deixado a leitura meditada dos poetas antigos, gregos e latinos, com as lendas mythologicas e outros variados recursos da litteratura classica. Na estupenda figura de Adamastor, cujos membros, pela disformidade de sua grandeza, e cuja face, pelo horrendo e carregado de suas feições, surprehendem, pasmam e apavoram, e na louçania e elegancia das nymphas que attraem e enfeitçam os nautas na ilha dos Amores, para logo se revelam os traços do buril greco-romano e as sombras, tons e matizes peculiares ao pincel e ás tintas do classicismo.

Collocando Adamastor entre Encellado, Egeu e Centimano, filhos da Terra, insurgidos contra Jupiter, Camões lhe dá a mesma genealogia, embora com diverso intento, pois, si aquelles, para escalar o céu, puzeram montes sobre montes, este apenas se revolta contra Neptuno para conquistar-lhe o sce-

ptro dos mares e o dominio dos deuses marinhos. (1)

E', assim, Adamastor, tanto na extensão descommunal dos membros, como nas circumstancias e incidentes que rodeiam a historia de sua vida de gigante rebellado contra o Olympo, louco de amor, e por castigo de seu amor, victima da mais cruel metamorphóse de que nos dá commovedora noticia, um personagem pura e exclusivamente camoneano. Não ha em Homero, Vergilio e Dante allegoria igual, ou mesmo comparavel, tanto na concepção como na fórma. A imagem apavorante de Satan, a erguer a cabeça monstruosa e a desdobrar a enorme corpulencia sobre as ondas abrasadas do golfo flammejante, no poema de Milton, (2) e o vulto sinistro de Plutão, cuja — *orrída maestá nel fero aspetto terrore accresce e piú superbo il rende* — na primorosa obra de Tasso, (3) pelo carregado dos tons e pela riqueza das ideias, offerecem um como simile ao Adamastor dos *Lusiadas*. Como allegoria, porêm, como episodio, que decorre espontaneo da narrativa em meio do poema, como descripção e como poesia, a criação de Camões não tem rival; «Adamastor é um mytho vivo, concepção ainda não emparelhada na litteratura moderna.» (4)

Havia a frota lusitana deixado a bahia de Santa Helena, depois de ter passado o Equador, apor-

(1) Nada justifica a hypothese, aventada por F. Lencastre, de ter sido o nome — Adamastor — suggerido a Camões pela leitura de Homero e Vergilio, em cujos poemas — «Iliada» e «Eneida» — fuguram como personagens — Damastor e Adamastus. —

Dada a existencia de Damastor entre os gigantes sublevados contra Jupiter, tudo exclue a supposição de Lencastre, para admittir-se, como mais natural, que o epico português se tenha aproveitado directamente d'elle, para, revestindo-o de nova roupagem e dando-lhe novos intentos, transformal-o no seu portentoso personagem. Simples próthese operou a mudança. («Os Lusiadas de Luiz de Camões». Vol. I Pag. 549. Lisboa, 1915.)

(2) «Paradise Lost» — Canto I.

(3) LA GERUSALEMME LIBERATA. Canto IV. Estrophe 7a.

(4) Joaquim Nabuco. «Conferencias». Estados Unidos, 1913.

tando a terras, onde a desconfiança e a maldade impediram todo o trato com os naturaes; cortava os mares que até então só as quilhas portuguezas haviam sulcado, quando, entre o negror de uma nuvem temerosa e carregada e o rugido do mar embravecido, se lhe depara, de improviso, gigantesca e disforme, a figura desusada de Adamastor.

Não ha palavras que melhor o descrevam do que as de Camões, nem buril que, com mais perfeição, lhe possa talhar a estatura, rasgar-lhe as feições e o gesto e moldar lhe os membros longos e grosseiros, do que as do cantor do Gama. Ouçamol o :

«Porêm já cinco sóes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando ;
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

«Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo ;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão n'algum rochedo .
“Oh potestade, disse, sublimada !
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta ?»

«Não acabava, quando ua figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

«Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rhodes extranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo :
 C'um tom de vóz nos fala horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo :
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mim e a todos, só de ouvil-o e vel-o.» (5)

E' perfeito e completo o retrato ; perfeito porque, transmittindo á nossa imaginação extasiada a ideia exacta e justa do gigante, transformado em promontorio, insano e raivoso, a rasgar o oceano, que por escarneo o cospe de crespa e branca espuma, nos apresenta, como por magia, aos olhos admirados e surpresos a figura disforme e tremenda de Adamastor, figura viva e animada, que fala, sente, ama e odeia ; completo porque, na hediondez do gesto, que lhe imprimiu o poeta, na grandeza descommunal da estatura que lhe emprestou, no horrendo da voz que lhe attribuiu, a vaticinar infortunios e desgraças sem fim, Camões conseguiu dar a tão original allegoria todos os requisitos proprios a inspirar o mais intenso, o mais negro, o mais profundo pavor.

Conhecedor dos mysteriosos segredos da poesia e da arte de escrever e, por isso, podendo tirar do emprego de certas palavras, quanto á prosodia e sua collocação na phrase, magnificos efeitos, Camões lançou mão deste valioso recurso, utilizando-se na estrophe 37^a, em o segundo verso, no quarto e no sexto, dos adjectivos — *válida, esquálida e pálida* —, para exprimir qualidades attribuidas a Ada-

(5) Canto V. Estrophes 37^a, 38^a, 39^a e 40^a.

Ua — é a forma antiga de — uma. — Transcrevendo estrophes dos «Lusiadas», procuramos manter a orthographia das edições auctorizadas, respeitando sempre a graphia de palavras que, escriptas á moderna e assim pronunciadas, alterariam a metrificacão dos versos e tirariam ao poema a feição de seu tempo.

master; exdruxulos e dispostos no fim de cada verso, embora pronunciados com o accento que lhes é inherente, dão aos versos em que se encaixaram maior extensão ao serem lidos e recitados, sem se offender, comtudo, as regras do metro, circumstancia que concorre para augmentar em nosso espirito, já predisposto a esse effeito pelo colorido e vivacidade da narração, a phenomenal figura que o poeta nos descreve.

Pelo apuro dos traços, pela eloquencia das imagens, pelo animado das linhas, pelo remate das fórmas, pelo brilho do conjuncto e pela profunda impressão que nos deixa a leitura deste episodio, Adamastor não é um quadro, uma têla, um retrato; Camões esculpiu em marmore duradouro, com a dextra que o genio guiava, a estatua do gigante e nella infundiu a alma das tempestades.

Apresentando-se a Vasco da Gama e aos seus companheiros, attonitos deante desta imprevista aparição, começa Adamastor a imprecar-lhes, com voz tão horrenda, que parecia sair do mar profundo, o ousio inaudito e o atrevimento innominavel de transporem os aditos de seus dominios, até alli vedados ao olhar e ao esforço humanos, devassando o segredo daquellas paragens e o mysterio daquelles mares. O tremendo das prophcias que lhe caem dos labios grosseiros estreitamente se casa com o desproposito de sua estatura e a aspereza de seu gesto:

«E disse: "Oh gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras crúas, taes e tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho ou proprio lenho:

«Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou immortal merecimento ;
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

«Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas ;
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei d'improviso tal castigo
Que seja mór o damno, que o perigo.

«Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança ;
E não se acabará só nisto o damno
Da vossa pertinace confiança ;
Antes em vossas náus vereis cada anno
(Si é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

«E do primeiro illustre que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deus :
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prosperos trophéus ;
Commigo de seus danos o ameaça
A destruida Quilôa, com Mombaça.

«Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grã mercê, lhe terá dado :
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um crú naufragio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

«Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos ;
Verão os cafres, asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos ;
Os crystallinos membros e preclaros
calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
C'o os delicados pés a areia ardente.

«E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura :
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magua pura,
Abraçados as almas soltarão
Da fermosa e miserrima prisão.

«Mais ia por deante o monstro horrendo
Dizendo noszos fados, quando alçado
Lhe disse eu : «Quem es tú ?» que esse estuperdo
Corpo, certo, me tem maravilhado.”
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara :

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio :
Aquí toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que pera o pólo antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

«Fui dos filhos asperrimos da Terra,
Qual Encelado; Egéo e o Centimano ;
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano :
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno que eu buscava.

«Amores da alta esposa de Peléo (6)
 Me fizeram tomar tamanha empresa;
 Todas as deusas desprezei do céu
 Só por amar das aguas a princeza:
 Um dia a vi, co'as filhas de Neréo
 Sáir nua na praia, e logo presa
 A vontade senti de tal maneira
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

«Como fosse impossibil alcançal-a
 Pela grandeza feia de meu gesto,
 Determinei por armas de tomal-a,
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a deusa então por mi lhe fala;
 Mas ella, c'um fermoso riso honesto,
 Respondeu: — «Qual será o amor bastante
 De nympha, que sustente o d'um gigante?»

«Comtudo, por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira
 Com que com minha honra escuse o damno.»
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu (7) que cair não pude neste engano,
 (Que é grande dos amantes a cegueira)
 Encheram-me com grandes abundanças
 O peito de desejos e esperanças.

(6) A esposa de Peléo foi Thetis, filha de Neréo e de Doris. Téthys era filha de Urano e da Terra e mulher do Oceano. Camões, no correr do poema, confundiu essas duas divindades, fusionando-as numa só personagem.

(7) Este pronome sujeito aparece ahí sem verbo, e, ou lhe daremos esse elemento logico, construindo assim a phrase: eu... fui nescio, que não descobri o engano, ou o deixaremos mesmo isolado e sem analyse, por anacolutho, quebrando-se o nexó da construcção iniciada, como é de uso popular e erudito. Exemplos: «eu» parece-me; «eu» admira-me; «eu» convem-me; Candido de Figueiredo. «Lições Praticas». Julio Ribeiro. «Grammatica Portuguêsa». Ruy Barbosa. «Replica». Camões usou varias vezes desta construcção de que não faltam exemplos auctorizados; «Um» não «lhe faltava» industria mas «faltou-lhe» fidelidade». (Manoel Bernardes. «Nova Floresta». Vol. II. Pag. 240.) «Quem» tanto vê um só olho «lhe» basta.» (D. Francisco Manoel. «Metaphoras». pag. 11.) «Quem» viu seus peccados não «lhé ficam» olhos para ver outra cousa.» (Vieira. «Sermões.» Vol. II. Pg. 240).

Camões, frequentemente, emprega esta expressão — cair em — no sentido de perceber, reconhecer, comprehender, o que tem sido tambem auctorizado por outros classicos:

«O capitão que não «caia» em nada
 Do enganoso ardil.» («Lusiadas» Canto I. Estrophe 96¹.)

«Ja nescido, já da guerra desistindo,
Uã noite, de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica, despedida.
Como doudo corri, de longe, abrindo
Os braços pera aquella que era a vida
D'este corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

«Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero matto e de espessura brava.
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Qu'eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

«Oh nympha a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada? —
D'aqui me aparto irado e quasi insano
Da magua e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e do meu mal se risse.

•Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vão,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

«Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deuses; e por mais dobradas maguas,
Me anda Thetis cercando destas aguas.»

«Assi contava, e c'um medonho chôro
 Subito d'ante os olhos se apartou ;
 Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
 Bramido muito longe o mar soou.» (8)

Põe Luiz de Camões em jogo, no decurso desta passagem, onde a imaginação e o estro poetico não encontram rival, sentimentos diversos e desencontradas aspirações : — o pavor e a audacia, o amor e a perfidia, a esperança e o despeito, a confiança e a rebeldia. Infunde terror, enregelando a alma, a apparição inopinada desse gigante, de postura medonha e féra, côr terrena e pállida, olhos encovados e dentes amarellos, de cujo seio transborda o odio e em cuja fronte flammeja a vingança. Fascinado pela belleza de Thetis, esquece a monstruosidade de suas fórmas e o repellente de seu gesto ; revolta-se contra o Olympo e, por fim, sente converter-se-lhe a carne em dura terra e fazerem-se-lhe os ossos em penedos por inexhoravel sentença dos deuses e castigo de sua paixão mallograda. Como Tantalos a estalar de sêde e a morrer de fome, quando aos ouvidos lhe canta o sussurro de aguas crystallinas e aos olhos se lhe deparam os mais olentes e delicados fructos que lhe escapam ás mãos ávidas e aos labios sequiosos, assim Adamastor, tendo cravadas no peito as garras desse amor insano, noite e dia, desperto ou em sonhos, contempla, no fundo angustioso de sua alma, ou no espelho limpido das aguas que o rodeiam, a imagem seductora da esposa de Peleu, sempre linda na sua mocidade eterna, sem lograr, comtudo, a dita almejada de alcançal-a.

(8)—Canto V. Da Estrophe 41.^a a 60.^a — Polo — e — pola — é a antiga fórma da contracção — pelo — pela. — Ferosa — era a graphia antiga. Implacabil — impossibil — são fórmas antiquadas muito proximas aos adjectivos latinos de que se derivaram.

O seu porte e a sua historia de guarda impeterrito daquella passagem do oceano, então desvendada pela ousadia humana; o seu desespero impotente contra os deuses, a relatar os proprios infortunios e os seus protestos de vindicta, desatando em desabalado pranto, constituem a mais majestosa e arrojada criação de todo o poema; os mais severos criticos assim o julgam e o proprio Voltaire, que tão injusta e acerbamente menospresava os *Lusiadas*, embora o conhecesse através de traducções, ou mesmo no original mas em lingua cujos segredos lhe eram extranhos, não occulta a sua admiração por este episodio empolgante e magnifico.

A pergunta com que Vasco da Gama, erguendo-se entre todos os companheiros, interrompe abrupto o discurso de Adamastor, quando este publicava, medonho e solenne, os mais tristes vacticinios á navegação portuguesa, é de effeito singular e surprehendente, não só porque offerece ao gigante o ensejo de dar-se a conhecer, como revela, com naturalidade digna de nota, a coragem do chefe lusitano e a sua intrepidez ante tão inesperada apparição e após a predica de tão tremendas desgraças, só por si capaz de espavorir animos menos resolutos e almas menos temperadas nas agruras e durezas da vida do mar:

«Mais ia por deante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: "Quem és tu?" que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado?»

Ha, em Vergilio, um passo semelhante a este. Aporta Enéas ás praias da Sicilia, naquella larga peregrinação por mares e costas, onde a fortuna incerta o ia conduzindo, depois de ter escapado aos perigos de Charybdis, quando se lhe apresenta, ao

longe, em toda a hediondez de sua fôrma cyclopica e exquisita, o gigante Poliphemo. Embora cêgo, percebe o monstro a frota troiana que se lhe escapa fugindo, e, a ranger os dentes e a espadanar as aguas, engolfa-se pelo mar a dentro; atroam prados e valles, montanhas e serras ao echo ruidoso do seu rugido feroz. São parecidas as situações, identicas as circumstancias, mas diversa é a attitude dos personagens que nellas se encontram; Vasco da Gama, alçando-se, defronta Adamastor e o interroga: «Quem és tu?» Enéas, ante a figura disforme e aterradora de Poliphemo que, como Adamastor, transuda das feições o odio e respira dos largos pulmões a vindicta, não revela o sangue frio e a audacia do almirante portuguez; não enfrenta, não interpella o cyclôpe e, ao contrario, transido de temor confia aos ventos bonançosos a propria salvação:

«Precipites metu; acer agit quocumque rudentes
Excutere, et ventis intendere vela secundis.» (9)

As onomatopeias das estancias 38, 40^a e 60¹ são admiraveis; são daquellas em que as palavras levam ao espirito, precisa e distinctamente, pela sua collocação na phrase ou no verso, pelo ruido e pelo som que produzem ao serem pronunciadas, a acção, o sentido e a voz que se pretende representar: — o quebrar da onda, o bramido do mar, o rugido do vento. Particularizemos este effeito nas estrophes camoneanas.

Annuncia-se aos navegantes a appareição de Adamastor pelo despontar da negra nuvem, que escurece os céus, ao mesmo tempo que:

«Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão n'algum rochedo.»

(9) — «Eneida.» Livro III.

— *Bramindo e brada* — soam onomatopaicamente e emprestam á expressão accentuado cunho de belleza, pois a syllaba — bra — de ambos os verbos, aspera e dura, tanto no principio do verso, como no fim, presta-se, com muita exactidão, a produzir o som imitativo de que Camões, tão habil no jogo e segredo rhythmico da disposição das palavras, se utilizou para abrilhantar esta passagem; lendo-se toda a oitava e reportando-se o pensamento aos versos anteriores, experimenta-se neste ponto, com a maior naturalidade, a impressão nítida e perfeita de ouvir-se, muito ao longe, o echo abafado do mar, a quebrar-se rugindo na cavidade das rochas.

Erguendo-se no ar ante a frota lusitana, na sua corpulencia disforme e assustadora, Adamastor lhes impreca a ousadia, ameaçador e tremendo;

«C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso
Que pareceu sair do mar profundo.»

A combinação das rimas de toda a estrophe 40^a., com que Luiz de Camões predispõe a intelligencia do leitor a esta cadencia onomatopica, encontra o seu primoroso fecho nestes dous versos. A voz com que Adamastor fala aos nautas, arroçados e atrevidos, havia de traduzir o seu sentimento de despeito e de furia; devia sair-lhe do imo peito, onde recalrava eternamente o odio impotente, cavernosa e soturna, como do fundo insondavel do oceano. E' esta uma das mais naturaes onomatopias do poema e uma das suas mais perfectas comparações. Este feliz encontro de termos, para produzir no espirito do leitor o resultado que o poeta tinha em vista, dá a lembrar outra combinação, não menos engenhosa, de Machado de Assis, na traducção apurada que nos deixou do *O Corvo*, de Edgard Poe.

Exhausto de fadiga e de somno, já noite meia, sente o poeta bater devagarzinho á porta de seu quarto; o rumor vago, brando e repetido, desperta-lhe no peito saudades de Leonora, e, entre ansioso e apprehensivo, abre a janella por onde entra, tumultuosamente, a mover no ar as negras azas, um corvo de aspecto rigido e feio, que vai sereno pousar sobre um busto artistico de Pallas. Ao vel-o severo, hirto e mudo, o poeta o inquire :

«Ó tu que das nocturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriaes;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?
E o corvo disse: «*Nunca mais.*» (10)

O emprego desta locução adverbial, repetida sempre no fim de todas as demais estrophes do formoso poemeto, como estribilho grasnado pelo corvo em resposta a todas as perguntas que o poeta, em seu continuo devaneio, lhe dirige, é de muito effeito. O som lugubre e sombrio das duas palavras — nunca mais —, como balbuciadas pelo hospede importuño e inesperado, a hora em que a scena se passa, o estado d'alma em que se encontra o amante de Leonora, entre a magua, a saudade, a esperança e a duvida, consorciavam-se admiravelmente num bello conjuncto de imaginação e poesia.

A outra onomatopéia da estrophe 60.^a é tão expressiva e bem combinada, quanto a antecedente. Conclue Adamastor a empolgante e curiosa narrativa de suas desditas e, rompendo num horrivel e copioso pranto, desaparece da vista dos nautas que, só mais tarde, divisam e contemplam admirados o

(10) — Machado de Assis. «Poesias». Pag. 302. Garnier. Rio de Janeiro.

promontorio em que elle, por implacavel castigo dos deuses, foi tão singularmente convertido :

«Assim contava, e c'um medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou ;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar *soou*.»

O substantivo—bramido— e o preterito—soou —estão magistralmente collocados ; o som da palavra — bramido — neste caso, som duro e forte, ouvido, como figura o poeta, quando Adamastor já tinha desaparecido da vista de todos, bem como o do aoristo — soou — do fim da estrophe, soturno e cavo, como é peculiar aos sons em *u* e *ou*, em cuja pronunciação o accento é mais demorado, e a emissão de voz muito labial, produz este formoso verso imitativo. (11) Era bramido immenso e profundo que, pela distancia, quebrando-se nos ares, só meio confuso e apagado lograva chegar aos ouvidos do Gama e dos seus companheiros. É de notar o emprego propositado dos termos — *bramir-mar* — e — *longe* — em ambas as estancias e com os quaes, pela collocação especial que se lhes deu e pela natureza dos sons de cada um delles, o poeta forjou as duas passagens onomatopicas que pallidamente acabámos de analysar. O "*Insonuêre ca-*

(11) Leoni. «Genio da Lingua Portuguêsa». A dissertação que dos recursos da lingua portuguêsa faz o auctor, no capitulo de onomatopias, é digna de leitura. Nós, porém, não levamos a nossa opinião a respeito do valor dos sons, relativamente a ideias que elles nos despertam no pensamento, ao exaggero dos que, como Arthur Rimbaud, escrevem :

«A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes,
A noir, corset velu des mauches éclatantes,
Qui bombillent autour des puanteurs cruelles.»

«Si estes versos não passam de phantasia, innegavel é, comtudo, que ha grande affinidade de certos sons com os nossos sentimentos e emoções.» (George Pellissier. «Le Mouvement Littéraire Contemporain». Paris. 1901. Pag. 196.)

væ gemitumque dedêre cavernæ.” (12) não é superior, como onomatopeia e como poesia, aos dous versos imitativos do cantor do Gama.

Na estrophe 49.^a, não contem Vasco da Gama a sua curiosidade ante aquelle vaticinar de desgraças e infortunios e indaga:

«Quem és tú?» que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado?
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara
Como quem da pergunta lhe pesara.»

Ouvindo a interrogativa do almirante português, Adamastor não vacilla; retorce a bocca e os olhos negros, dá um brado espantoso e, com voz severa e amarga, conta a sua historia de amor, illusões e desdita. Aquelle retorcer de olhos e de bocca demonstra a contrariedade; o brado ingente, que lhe sai do intimo peito, traduz a dôr profunda, revelando as suas maguas pungentes o tom carregado de sua voz. Os sons produzidos pelas palavras finaes dos tres ultimos versos, combinados com o effeito auditivo da rima e a repetição do verbo — pesar — no participio — pesada — e no preterito — pesára, — nos levam ao espirito a imagem nitida do que devia ser Adamastor nesse lance admiravel do famoso poema.

Ha ainda no episodio de Adamastor dous pontos de requintada belleza, com os quaes encerraremos a materia deste capitulo; o primeiro é a comparação do ultimo verso da estrophe 50.^a, e o segundo a gradação dos vocabulos usados no quarto verso da 57.^a. A comparação é natural e decorre immediatamente do sentido da estrophe. Vai Ada-

mastor, na noite promettida, envaidecido e ancioso, abrindo, mesmo á distancia, os longos braços para estreitar contra o peito palpitante o delicado corpo de quem tanto amava e começa a beijar-lhe os olhos, as faces e os cabellos, quanto elle mesmo diz :

«Oh que não sei de nôjo como o conte !
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero matto e espessura brava.
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Qu'eu polo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E junto d'um penedo outro penedo.»

A comparação vem muito a proposito e tem muito encanto nos termos em que foi vasada e pelo sentimento que o poeta quiz, e, de facto, conseguiu expressar. O terror, a surpresa e o despeito de Adamastor, vendo-se tão cruel e feiamente ludibriado, tolhem-lhe os sentidos, gelam-lhe o sangue nas veias e embargam-lhe a vóz ; abraçando aspero rochedo, que extasiado afagava pela face mimosa da deusa querida, naquelle momento de esperança e desespero, de illusão desfeita e diabolico desengano, perdeu a consciencia da propria existencia, sentindo em sua grande alma de Titan a frieza e o vasio do nada e em sua musculatura de gigante a rigidez da pedra !

A gradação da estrophe 57^a. é perfeita e de grande realce ; começa com a palavra—monte—que communica á imaginação a ideia de grandeza material e finaliza com o abstracto e indefinido—nada—, estabelecendo-se, portanto, o mais completo contraste. Lastima-se Adamastor do perfido procedimento de Doris, que tão solicita lhe fôra em fazer promessas e dar-lhe esperanças ; queixa-se da trai-

ção de Thetis, dirigindo-lhe esta apostrophe, tão encantadora quanto delicada :

«Oh nympha, a mais fermosa do Oceano,
Já que a minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse *monte, nuvem, sonho ou nada* ?»

As palavras deste ultimo verso, ou brotassem espontaneas da musa de Camões, ou proviessem de escolha esmerada e cuidadosa, prestam-se, á maravilha, ao resultado que o poeta teve em mente ; abraçando duro monte em vez da deusa prometida, Adamastor ficaria contente si o engano, em que caíra, se lhe não desvendasse, mesmo que não fosse monte, fosse nuvem, mesmo que não fosse nuvem, fosse sonho, mesmo que não fosse sonho, fosse nada !

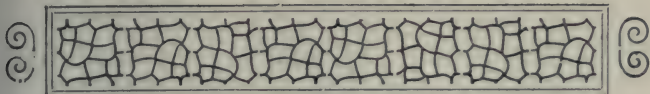
O episodio de Adamastor, comprehendendo o desgraçado fim de Manoel de Sepulveda e sua desditosa esposa, nas praias ardentes e inhospitas da Cafraria ; a rebellião do gigante contra o Olympo ; os seus mallogrados amores pela esposa de Peleu e, finalmente, a sua surprehendente metamorphose no immenso promontorio que guardava os mares, como castigo ao seu atrevimento desmedido, constituem assumpto para diversos e interessantes poemas.

O maravilhoso espirito de assimilação e de synthese, de que era dotado Luiz de Camões, enfeixou-o todo nestas vinte e duas estancias dos *Lusíadas*, cada qual mais bella, mais poetica e mais commovedora.

Só o genio obra prodigios desta natureza !



A ILHA DE VENUS



A ILHA DE VENUS

«Ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por mares, céus e terra em formosura,
Tudo ajuntou alli.»

(Almeida Garrett — *Camões*. Canto VIII.)

A concepção allegorica do Adamastor, no gesto tremendo e feio de gigante rebellado contra o céu e na ternura dolente de apaixonado infeliz, victima de intenso amor insatisfeito e de uma perfidia sem nome, é a mais engenhosa dos *Lusiadas*; a phantasmagoria da ilha dos Amores, insula divina que Venus faz surgir do fundo azul das aguas tranquilladas, a mover-se, no oceano, ao encontro da frota que Vasco da Gama capitaneia, é, porém, a mais delicada, a mais viva, a mais encantadora passagem de todo o poema. Adamastor emociona, espanta e horroriza pelo mixto de pavor e compaixão que inspira a sua figura titanica e a sua historia de maguas; a ilha de Venus, interessando aos olhos, ao coração e á alma, encanta, delicia e arrebatada, pela verdura macia e glauca que a enfeita, pelo perfume das flôres que a ornam, pela musica da lympha que a serpeia, pela variada chromatica que a enriquece, nos ares, no firma-

mento, nas aguas e nos campos e, finalmente, pela formosura, pelas seducções e pelo recato fingido das nymphas que a povoam, sob um céu que convida ao amor, ao prazer e á vida.

O arrojo, com que Luiz de Camões abre o poema pelo emprego de um dos mais perfeitos e bem lançados hyperbatons, que se conhecem em lingua portugueza, é o mesmo com que delineia e traça o quadro imponente da ilha dos Amores, tão colorido, tão movimentado e tão bello; toda essa estupenda e deslumbrante passagem que abrange mais de quarenta estrophes, desde que á vista dos navegantes se offerece a ilha encantada, até quando Tethys começa a prophetizar a Vasco da Gama os futuros feitos da gente lusitana, não é outra cousa senão uma extensa periphrase, entrecortada de allegorias, hyperboles e prosopopeias, pois :

«Que as nymphas do Oceano tão fermosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada :
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites d'esta ilha.» (1)

Alcançada a meta do grande empreendimento pelo aportar a Calecut, donde leva signaes certos e evidentes das novas terras que encontrara, Vasco da Gama inicia a volta á patria, depois de tantos perigos aspera e duramente experimentados nessa longa travessia. Venus, entretanto, affeiçoada aos

(1) Canto IX. Estrophe 89^a. Em nota antecedente já nos reportamos á confusão que nos offerece Camões, referindo-se a essa divindade mythologica. A deusa, aqui referida, pela natureza do proprio assumpto, só poderia ser Tethys, filha de Urano e da Terra, mãe das Oceanides e assim soberana, entre as nymphas. (M. N. Bouillet. — «Dictionnaire d'histoire et de Geographie». «Diccionario Classico Historico, Geographico e Mythologico», Lisboa 1816).

portuguêses, pela origem que elles accusavam e pelo heroismo de que davam provas, projecta e resolve compensal-os de tão pesadas fadigas, proporcionando-lhes, mesmo nos mares, onde tão atormentados e acoçados tinham sido, algumas horas de doce repouso e ineffaveis prazeres, fazendo-os desembarcar em uma ilha, cujos attractivos, suavidade e primores lhes dariam esse gôso pelos prazeres do coração e do espirito; para os encantos do coração precisava do deus do amor, como para os deleites do espirito lhe era mister tecer os louros da immortalidade e da gloria. E assim, jungindo ao seu dourado carro os cysnes e as pombas que o arrebatavam sempre, parte em busca de Cupido a commetter-lhe a empreitada de amor, reservando á Tethys o encargo de proporcionar aos lusos a indescriptivel emoção de prelibarem a sua celebridade e o seu renome :

«No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando ;
Ella, por onde passa, o ar e o vento
Serenoz faz, com brandoz movimento.» (2)

A poesia desta estrophe é suave e encantadora ; a periphrase com que Luiz de Camões representa os cysnes e as pombas, que Venus junte ao carro que a transporta, é simples e delicada tambem ; não ha nesta estancia uma expressão dura, equivocada ou rebuscada ; tudo é natural, sendo para notar a suavidade, a frescura e o donaire dos dous ultimos versos :

(2) Canto IX, Estrophe 24^a.

«Ella, por onde passa, o ar e o vento
Serenoz faz, com brando movimento.

«Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente ;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céu se atreve,
A recebel-a vem, lèdo e contente ;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deusa dos Amozes.

«Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz : «Amado filho, em cuja mão
Toda a minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão ;
Tu, que as armas typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.» (3)

Não cedem, em belleza e suavidade, estas duas estrophes á antecedente ; em poesia se contrapõem, nas periphrases se egualam e em doçura de metro e expressão se equivalem. Si o fecho da estrophe 24.^a é formosissimo e natural, menos bello não é o da estancia 36.^a :

«Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deusa dos amozes.»

O tocante e ardiloso discurso de Venus estende-se pelas oitavas 38.^a, 39.^a, 40.^a, 41.^a e 42.^a, e não tanto era preciso a mover Cupido, acostumado a essas luctas gloriosas e insangrentas ; sobraçando o arco eburneo e as douradas settas, parte em companhia da deusa dos amozes, requerendo, comtudo, para o bom exito da empresa, a presença e a intervenção da Fama, cuja voz deveria inclinar o cora-

(3) Canto IX. Estrophes 36.^a e 37.^a.

ção das divindades marinhas a favor dos portugueses, tão mal vistos pela rivalidade insidiosa de Baccho.

A descripção da Fama, em estar synthetizada em quatro versos, é mais um entalhe em alto relêvo do que uma descripção; vendo o que não vê, e vendo de máis o que vê, proclama como verdade uma e outra cousa; gigantesca e monstruosa, porque tem cem boccas por que fala, e cem olhos por que vê, a Fama é bem o que della refere Camões nesta estrophe, que transcrevemos:

«Mas diz Cupido que era necessaria
 Ua famosa e celebre terceira,
 Que, posto que mil vezes lhe é contraria,
 Outras muitas a tem por companheira:
*A deusa gigantesca, temeraria,
 Jactante, mentirosa e verdadeira,*
 Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
 O que vê com mil boccas apregôa.» (4)

A pintura que da deusa temeraria, mentirosa e verdadeira, nos deixou Vergilio, tem mais colorido e está debuxada em tela de maior extensão, mas nem por isso é mais fiel, nem mais viva do que a de Camões. No quadro vergiliano ha muito incidente e muito matiz; na tela camoneana quatro versos apenas traçam a imagem. Vejamos:

«Mobilitate viget, viresque acquirit eundo:
 Parva metu primó; mox sese attollit in auras,
 Ingriditurque solo, et caput inter nubila condit.
 Illam terra parens, irâ irritata Deorum,
 Extremam (ut perhibent) Cœo Enceladoque sororem
 Progenuit, pedibus celerem et pernicipibus alis:
 Monstrum horrendum, ingens, cui quot sunt corpore
 [plumæ,

(4) Canto IX. Estrophe 44^a.

Tot vigiles oculi subter (mirabile dictu !),
 Tot linguæ, totidem ora sonant, tot subrigit aures.
 Nocte volat cœli medio terræque per umbram
 Stridens, nec dulci declinat lumina somno :
 Luce sedet custos, aut summi culmine tecti,
 Turribus aut altis, et magnas territat urbes ;
 Tam ficti pravique tenax, quàm nuntia⁴ veri.» (5)

Predisposto Cupido á empresa em que Venus maliciosa o empenhava, com certeza de exito absoluto em travessuras desta natureza, e espalhando a Fama, por toda a parte, no céu, no mar e na terra, os louvores e as excellencias da gente lusitana, começa o deus alado a desferir mil settas sobre o peito das nymphas, que assim se preparam a recebela com amor e afagos ineffaveis, dando-se tanta pressa no cumprimento de sua incumbencia que :

«Já não fica na aljava setta algua,
 Nem nos equoreos campos nympha viva,
 E se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir que vão morrendo.» (6)

O effeito que Luiz de Camões obteve ahi com o emprego dos dous gerundios — vivendo e morrendo—nesta conjugação periphastica frequentativa, é magnifico ; são duas acções differentes, contrarias e oppostas, — viver e morrer, — que se ligam e convergem nas mesmas pessôas para exprimir a mesma cousa — morrer de amores e viver morrendo, — o que nos lembra o final de uma das canções do proprio poeta, em que tambem se encontra este pensamento :

«Assi vivo ; e se alguem te perguntasse,
 Canção, porque não mouro ;
 Podes-lhe responder : que porque mouro.» (7)

(5) «Eneida». Livro IV. Do verso 175 a 178.

(6) Canto IX. Estrophe 48^a.

(7) Obras de Luiz de Camões. Tomo II. Lisboa, 1852. Canção X, —

Disposto tudo a contento de Venus, reunida a seductora companhia das nymphas, que de amores já se sentem captivas por quem tão altos feitos vão obrando, resta surgir a ilha encantada, onde os navegantes encontrarão gósos compensadores de tantos trabalhos por mares desconhecidos e entre gente estranha e brava, gósos que, no entanto, nesta formosa allegoria, outra cousa não representam senão a honra, a gloria, a immortalidade e a fama.

«Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada ;
Rompendo pelo céu a mãe formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.» (8)

Preparado está artisticamente o scenario em que devem ser recebidos Vasco da Gama e os seus companheiros. E' ao romper da aurora ; o horizonte começa a tocar-se das côres mais vivas de ouro, azul e purpura, morrendo o crepusculo para despontar o astro do dia, quando começou a frota a divisar os primeiros contornos da terra encantadora, entre o verde do campo que a reveste, o azul do céu, já claro e o ceruleo do mar, em cuja superficie limpida e brilhante, scintilla o sól dourado, radiante e sem nuvens.

O que era a insula divina veremos nas estrophes seguintes. Venus, conhecedora das bellezas e dos prazeres inebriantes da terra e dos segredos e caprichos do coração humano, mestra experta e artista consummada nas delicias do amor, reúne nesse

Mouro — é a fórma antiquada da 3.ª pessôa do indicativo do verbo morrer ; hoje — morro.

(8) — Canto IX. Estrophe 51.^a.

pedaço de terra que ella mesma faz surgir do fundo do oceano a fluctuar ao encontro da frota portugêsa, o que de mais formoso, exquisito e seductor o mundo tem para fascinar os olhos e confortar a alma.

Leiamos para admirar estes inimitaveis trechos de poesia descriptiva :

- « Tres fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e lympidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa ;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympa fugitiva.
- « Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde ua mesa fazem, que se estende
Tão bella quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para afeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.
- « Mil arvores estão ao céu subindo
Com pomos odoriferos e bellos ;
A laranjeira tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos.
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira c'os pesos amarellos ;
Os fermosos limões, alli cheirando,
Estão virgineas têtas imitando.
- « As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides e os loureiros
Do louro deus amados e queridos ;
Myrtos de Cytherea, c'os pinheiros
De Cybelle, por outro amor vencidos ;
Está apontando o agudo cypariso
Pera onde é posto o ethereo paraíso.

«Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produce differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores :
As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo, que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio .

«Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes :
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes .
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que c'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos .

«Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno .
Alli a cabeça a flôr Cephisia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno ;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deusa Paphia, inda suspiras .

Pera julgar difficil cousa fôra,
No céu vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres .
Pintando estava alli Zéphyro e Flóra
As violas da côr dos amadores ;
O lirio rôxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella ;

«A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociadas, e a mangerona ;
Vêm-se as lettras nas flôres hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona ;
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona,
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam .

«Ao longo da agua o niveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo Philomela ;
 Da sombra de seus córnos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella ;
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa matta, ou timida gazela ;
 Alli no bico traz ao caro ninho
 O mantimento o leve passarinho.» (9)

Tal é o vasto e deslumbrante scenario em que Venus faz desembarcar a frota portugueza ; alli artistica e engenhosamente disposto se lhe depara tudo quanto é mister para attrahir os sentidos e embevecer a alma ; tela magnifica a circumdar o grande quadro do maravilhoso episodio de amor e de gloria. Terra fresca e amena, rodeada de montes verdejantes ; flôres a embalsamar os ares ; fructos a encher os olhos e tentar o paladar ; musica sonora de *lympha crystallina* a serpear pelos campos, caindo em cascata do alto dos montes e da grimpa dos rochedos ; bellezas na terra encantada e rescendente ; bellezas no céu, onde impera o azul e se derrama, em ondas de harmonia, o canto mavioso das aves :

«Tres fermosos outeiros se mostravam
 Erguidos com soberba graciosa.»

.....

«As violas da côr dos amadores,
 O lirio rôxo, a fresca rosa bella.»

.....

«Claras fontes e *lympidas* manavam
 Do cume que a verdura tem viçosa ;»

.....

«Mil arvores estão ao céu subindo
 Com pomos odoriferos e bellos.»

.....

«Ao longo d'agua o niveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo Philomela.»

(9) Canto IX. Estrophes 54^a a 63^a. Afeitar — enfeitar, ataviar, ornar. Antiquado. — Produze e reluz — tôimas antiquadas que não podem, na

Encontram-se nestas estrophes bellezas raras de poesia bucolica e descriptiva, traços e reminiscencias mythologicas, periphrases e hyperboles elegantes e bem ajustadas, muita poesia corrente e espontanea, muita comparação encantadora, muita vivacidade de colorido e riqueza de tons e matizes de que não é possível analyse, sem extender por demais as dimensões deste ensaio, pois :

«Pera julgar difficil cousa fôra,
No céu vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.»

Admira-se, em toda esta delicadissima passagem camoneana, a grande somma de attractivos e encantos naturaes, que o poeta idealizou e conseguiu reunir neste conjunto maravilhoso que recorda o eden de Milton, (10) *onde de mil côres as flôres se apresentam e as rosas sem espinhos*; admira-se ainda mais a perfeição do estylo descriptivo e a facilidade com que Camões o manejava. Bellezas e encantos da natureza, em conjuncto tão requintado e em ordem tão caprichosa, com o fim de fascinar olhos e captivar corações, encontram-se egualmente no jardim de Armida, de Tasso, e no *Orlando Furioso*, de Ariosto, nas estrophes que transcrevemos para comparação :

De Tasso:

«Poi che lasciar gli avviluppati calli,
In lieto aspetto il bel giardin s'aperse ;
Acque stagnanti, mobili cristalli ;
Fior vari e varie piante, erbe diverse,
Apriche collinette, ombrose valli,
Selve e spelonche in una vista offerse ;

estrophes citadas, ser substituidas pelas modernas — produz e reluz, — porque a substituição alteraria o metro. Sôbolo — forma também antiquada. Hoje — sobre o —

(10) «Paraiso Perdido». Livro IV.

E quel che 'l bello e 'l caro accresce a l'opre,
L'arte che tutto fa, nulla si scopre.

Stimi (si misto il culto é co'l negletto)
Sol naturali e gli ornamenti e i siti
Di natura arte par, che per diletto
L'imitatrice sua scherzando imiti.
L'aura, non ch'altro, é de la maga effetto,
L'aura che rende gli alberi fioriti ;
Co' fiori eterni eterno il frutto dura,
E mentre spunta l'un, l'altro matura.

Nel tronco inteso e tra l'istessa foglia
Sovra il nascente fico invecchia il fico :
Pendono a un ramo, un con dorata spoglia,
L'altro con verde, il novo e 'l pomo antico :
Lussureggiante serpe alto e germoglia
La torta vite ov' é piú l'orto aprico :
Qui l'uva ha in fiori acerba e a qui d'òr l'have
E di piropo, e già di nettar grave.

Vezzosi augelli infra le verdi fronde
Temprano a prova lascivette note.
Mormora l'aura e fa le foglie e l'onde
Garrir, che variamente ella percote.
Quando taccion gli augelli alto risponde ;
Quando cantan gli augei, piú lieve scote ;
Sia caso od arte, or accompagnabed ora
Alterna e versi lor la music 'òra.» (11)

De Ariosto :

«Zaffir, rubini, oro, topazi, perle
E diamanti e crisoliti e iacinti
Potriano e fiori assimigliar, che per le
Liete piaggie v'avea l'aura dipinti :
Si verdi l'erbe, che possendo averle
Qua giú, ne furan gli smeraldi vinti ;
Né men belle degli arbori le frondi
E di frutti e di fior sempre fecondi.

Cantan fra i rami gli augelletti vaghi
Azurri e bianchi e verdi e rossi e gialli.

(11) «La Gerusalemme Liberata», Canto XVI. Estrophes 9^a, 10^a
11^a e 12^a

Murmuranti ruscelli, e cheti laghi
 Di limpidezza vincono i cristalli
 Una dolce aura, che ti par che vaghi
 A un modo sempre, e dal suo stil non falli
 Facea si l'aria tremolar d'intorno,
 Che non potea noiar calor del giorno ;

E quella ai fiori, ai pomi e alla verzura
 Gli odor diversi depredando giva ;
 E di tutti faceva una mistura
 Che di soavitá l'alma notriva.
 Surgea un palazzo in mezzo alla pianura,
 Ch'acceso esser pareo di fiamma viva :
 Tanto splendore intorno e tanto lume
 Raggiava, fuor d'ogni mortal costume.» (12)

Nem os venustos versos de Tasso, nem os de Ariosto, nas estrophes acima transcriptas, apesar da pureza de linguagem, esmero de metrificacão e abundancia poetica, têm, a nosso ver, a belleza da ilha dos Amores, como imaginacão, descripção e pintura; nos trechos mais bellos se parecem, nos mais coloridos se egualam, nos mais descriptivos rivalizam, mas não superam o estylo, o vigor, a naturalidade dos de Camões. A creacão camoneana lembra a ilha de Calypso, na *Odysseia* de Homero, como a ilha da Fortuna, na *Gerusalem Libertada*, evoca ao pensamento a primorosa ficção dos *Lusiadas*. São bellezas que se tocam e se equivalem, porêm, se distinguem sempre. O quadro de Camões é tanto mais digno de nota quanto de todas as artes a mais impropria á imitacão directa dos objectos visiveis e do mundo exterior é, incontestavelmente, a poesia. Na lingua portugueza contam-se, entretanto, apreciaveis e formosos exemplos de poesia desse genero, como o retrato de Tritão, de Bocage, num dos seus mais formosos idyllios, a descripção da flóra americana,

de Porto Alegre, no *Colombo*, e a do amanhecer na floresta, no *Evangelho nas Selvas*, de Fagundes Varella. Esta ultima é digna de transcripção :

•A madrugada
 Vinha nascendo lúcida e serena,
 Bella como a illusão de um bello tempo,
 Como um sonho da infancia entre as tristezas
 De frios desenganos. O deserto,
 Que a noite povoara de duendes,
 Festivo despertava. Um oceano
 De purpurina luz, enxameado
 De milhares de luzes multicôres
 Ganhava o firmamento. A matta-virgem,
 Enamorada do clarão celeste,
 As primicias das flôres orvalhadas
 Parecia offerter-lhe. A loira abelha,
 O colibri mimoso, a borboleta,
 Ligeira amiga das silvestres flôres,
 Cruzavam-se voluveis, adejando
 Sobre as folhagens humidas de orvalho.
 Mais longe, á margem de pequeno lago,
 A garça branca, o tímido flamingo,
 A travêssa narsega se banhavam,
 Brincando entre as lustrosas espadanas.» (13)

Censuram a Luiz de Camões não ter adornado a ilha dos Amores de arvores, flôres, aves e fructos da India, dando-lhe, nas variadas faces de sua deslumbrante apparencia, os dons e as côres da natureza oriental, quando, cantando terras novas e climas desconhecidos, era de esperar aproveitasse a occasião para revelal-os na sua singularidade, nos seus recursos e nos seus encantos. Ao envês disso, transplantou o poeta para o eden, que idealizou, a flóra, a fauna, e a natureza do norte da Europa, da Espanha e de Portugal.

Não nos parece cabível a censura, ou melhor, afigura-se-nos de pouca importancia o reparo, quando nos lembramos de que a ilha dos Amores não passa de uma allegoria, creada pelo poeta para dar execução ao plano concebido de proporcionar á frota portugueza os prazeres e o descanso de que tanto precisava, após tão arduos trabalhos, predizendo-lhe a gloria que lhe estava reservada pela heroicidade dos seus feitos e maravilhosos resultados do empreendimento que acabava de levar a cabo.

Fazendo-a surgir das ondas e sobre ellas a correr ao encontro da armada lusitana, Camões não estava adstricto a considerá-la um pedaço deslocado das terras deixadas no Oriente, mesmo porque, dando-lhe a natureza, a flóra e a fauna indianas, seria forçado a usar de nomes e designações que imprimiriam feição exquisita a um dos mais bellos quadros do poema. Emilio Castelar tambem extranha que Torquato Tasso, tendo de descrever o jardim de Armida, não se inspirasse nos encantos naturaes e nas seducções de Sorrento, seu berço natal, onde tudo transuda amor e poesia. (14)

Foi em tão inebriante e formosa paragem, verdadeiro paraíso terreal, que desembarcaram os intrepidos navegantes, onde as nymphas, como incautas, já os aguardavam, umas tocando cytharas, outras harpas e flautas, emquanto muitas, distendendo o arco de ouro, mais affectadas do que medrosas, fingiam:

«Seguir os animaes que não seguíam.» (15)

Pondo pés em terra, de terra cobiçosos, lançam-se os lusitanos pela fresca espessura, deslum-

(14) «Recordações da Italia, Sorrento e Tasso».

(15) Canto IX. Estrophe 64^a.

brados ante os encantos do sitio, quando divisam, ao longe, entre o verde da folhagem e as côres delicadas dos vestidos, as nymphas graciosas que, fingindo surpresa ao serem descobertas, como de industria lhes ensinara a mestra experimentada, procuram esconder-se; elles as seguem e :

«Fugindo as nymphas vão por entre os ramos ;
Mas mais industriosas que ligeiras.
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

«D'ua os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas ;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas ;
Ua de industria cae, e já releva,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ella, empecendo, tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

«Outros por outra parte vão topar
Com as deusas despidas, que se lavam ;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Uas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Núas por entre o matto, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.» (16)

Nesse jogo de fugir para tornar-se mais desejada, e deixar-se quasi apanhar, para fugir de novo ; umas a correr por entre a espessura, que pelas praias verdejantes se extendia ; outras a esconder nas aguas o corpo cobiçado, dá-se o episodio de Leonardo, quadro animado de amor, esquivança e persistencia :

«Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fora d'elle maltratado ;
E tinha já por firme presuppuesto
Ser com amores mal afortunado,
Porêm não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança :

«Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu pera dar-se a natureza ;
Já cançado correndo lhe dizia :
«O' fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

«Todas de correr cançam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo ;
Tu só de mi só foges na espessura ?
Quem te disse que eu era o que te sigo ?
Se t'ó tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda commigo,
Oh ! não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia .

«Não cances, que me cansas ; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera : quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo,
«Tra la spiga e la man qual muro è messo .»

«O' não me fujas ! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura !
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura .
Que imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vae seguindo,
O que tu só farás, não me fugindo ?

«Pões-te da parte da desdita minha ?
 Fraqueza é dar ajuda ao mais potente !
 Levas-me um coração, que livre tinha ?
 Solta-m'o e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas ? Ou, depois de presa,
 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa ?»

«Nesta esperança só te vou seguindo,
 Que, ou tu não soffrerás o peso d'ella,
 Ou na virtude de teu gesto lindo
 Lhe mudarás a triste e dura estrella :
 E se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzela ;
 E tu me esperarás, se amor te fere ;
 E se me esperas, não ha mais que espere.

«Já não fugia a bella nympha tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas maguas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e sancto,
 Toda banhada em riso e alegria,
 Cair se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.» (17)

Este bellissimo episodio, pelo lyrismo de que se reveste, pela naturalidade com que se desenvolve e inspiração que revela, vale um mimoso poema. O discurso de Leonardo é um idyllio de fórmula apurada e fino gosto; ha musica nestas endeixas, são tocantes estas lamurias, que se ouvem e se lêem com immenso prazer e doce desvanecimento, e ninguém melhor do que Camões assim o julgava, quando attribue á propria nympha esta sincera confissão :

« Já não fugia a bella nympha tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas maguas que dizia. »

Não faltaram a Luiz de Camões criticas pela liberdade com que pinta as scenas de amor da ilha de Venus; accusam-nas de voluptuosas e despejadas e por isso indignas da epopeia e improprias da majestade do assumpto, tão altamente tratado pelo poeta mesmo.

A censura, a nosso ver, é improcedente, não só por se tratar de simples allegorias, o que Camões confessa, como porque nas obras de arte, nas descripções dos quadros reaes da Natureza, não ha nú, não ha decote, não ha lascivia. Leiam-se estas estrophes com os sentidos desterrados dos gózos da concupiscencia, deixando o pensamento embalar-se nas regiões serenas da arte divina, a que nos transporta a musica e a belleza destes versos admiraveis e não teremos outra sensação que não seja a que experimenta a alma mais pura e candida perante a nudez fria dos marmores, que representam as mais encantadoras fórmas humanas, ou deante das telas em que a pintura as reproduz ao vivo, nos grandes e sumptuosos museus do mundo, pois :

« *Que as nymphas do oceano tão fermosas
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.* » (18)

A arte não se corre de si mesma, como a Natureza não encobre as suas perfeições, os seus primores e a sua obra. O nú nos painéis dos grandes mestres, nas côres, no marmore e no bronze de afamados artistas, não escandaliza, não faz corar, não envergonha, desde que seja visto e julgado sob o influxo de ideias elevadas e nobres, pairando o espirito acima das miserias transitorias e das licenciosidades da terra.

A intensão baixa e mesquinha é que enxerga em o nú da Natureza e no desvendado da arte, a immoralidade e a torpeza. Eva não corava da nudez de Adão antes do peccado, emquanto o genio do mal lhe não tinha despertado na alma innocente a consciencia da culpa; só a malicia lhes vestiu os corpos e os ensinou a esconder as fórmulas.

Devemos ler as estrophes da ilha dos Amores com a mesma simplicidade com que se contempla, na Capella Sixtina, a nudez das figuras gigantescas de Miguel Angelo que revelam, assombrosamente consubstanciadas, a formosura, a natureza e a arte; ou se contemplam as figuras de Raphael e Corregio, a lembrar as tintas de Camões, quando traça e colóre o retrato de Venus formosissima, cheia de graça sublime e peregrinos encantos.

«As formas descobertas do bello corpo, as alvas carnes subito mostradas, os famintos beijos e os afagos tão suaves» — do poeta lusitano, na arrojada periphase — (outra cousa não é todo o contexto das magnificas estrophes deste monumental episodio), recordam varias expressões do *Canticum Canticorum*, de Salomão, inserto na *Biblia Sagrada*, e ninguem lhe censura o decóte pelo sentido que hoje se pode dar áquellas expressões, porque, como diz Theo-

philo Braga, nos poetas hebreus o cantico erotico é um véo, uma allegoria do sentido mystico, e senão vejamos :

«Osculetur me osculo oris sui : quia meliora sunt ubera tua
vino.

Quam pulchræ sunt mamæ tuæ, soror mea sponsa ! pulchriora sunt ubera tua vino, et odor unguentorum tuorum super omnia aromata.

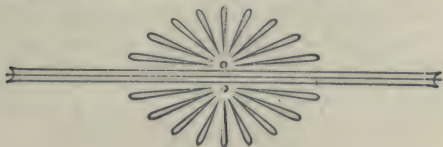
Favus distillans labia tua sponsa, mel et lac sub lingua tua : et odor vestimentorum tuorum sicut odor thuris.

Umbilicus tuus crater tornatilis, nunquam indigens poculis. Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis.

Duo ubera tua, sicut duo hinnuli gemelli capreæ . » (20)

A ilha dos Amores é, emfim e em summa, vasta galeria de soberbas estatuas e bustos bem talhados, formosos quadros e primorosos paineis, onde os olhos contemplam extasiados o esplendor da natureza sem véu e a alma, arrebatada ante a grandiosa imaginação que lhes deu vida, percebe e admira os encantos da poesia, e sobre tudo, o assombroso e estupendo prestigio da linguagem metrificada. Miguel Angelo reveste todas as suas creações do sentimento da força ; Raphael lhes imprime o espirito do bello ; Corregio lhes infunde a graça ; o épico portugûês reune, no opulento e variado de sua palheta genial, os tons do bello, da graça e da força.

(20) Capitulo I. 1 ; IV, 10 ; IV, 11 ; VII, 2 ; VII, 3.



CAMÕES E O AMOR



CAMÕES E O AMOR

«A alma de Camões é antes de tudo affectuosa, enamorada. O amor foi-lhe, durante a vida aventureira, o seu paraíso e o seu inferno.»

(Latino Coelho. *Galeria de Varões Ilustres de Portugal*. Vol. I — Lisboa 1880.)

O amor é a alma do mundo, o grande creador em a natureza, como na arte. Mysterosa inspiração do céu, domina e vivifica o coração do homem, guia-lhe os passos, move-lhe a vontade, abre-lhe as portas ao prazer, abrolha de aculeos pungentes o caminho da vida, presidindo, soberano e eterno, entre risos e lagrimas, ao seu crescer incessante através das gerações e dos seculos. Os maiores dramas da historia encontram a sua genesis no amor. Não houvera inflammado o amor a alma de Helena e não existiria a *Iliada*, nem o cantor de Mantua nos teria legado a *Eneida*, duas valiosissimas joias ainda refulgentes da cultura classica.

Na historia da litteratura nenhum dos famosos poetas que a exornam experimentou, com mais intensidade, essa influencia do que Luiz de Camões;

os *Lusiadas* são o poema dos amores, como Camões o poeta do amor. Não fôra a profunda e desafortunada paixão que accendera na alma generosa e affectiva do vate lusitano a peregrina e serena formosura de Catherina de Athayde e, de certo, Portugal não contaria hoje os *Lusiadas* entre as obras primas de suas letras, a emparelhar com os mais celebres monumentos do genio, da concepção e da arte universal, attestado brilhante de sua passada grandeza e testemunho vivo de sua gloria immorredoura. Esse amor, tão desditoso quanto vehemente, levou o namorado poeta ás aventuras de além mar e foi justamente nas agruras do desterro. fôra da terra estremeçada e dos affectos de quem lhe arrebatara o coração e a alma, a vontade e o sentir, que Luiz de Camões emprehendeu e levou a cabo o seu maravilhoso poema.

Labora Ramalho Ortigão em erro manifesto de apreciação e de critica, quando, (1) discorrendo sobre a accidentada vida de Luiz de Camões, suas desventuras e infortunios em Portugal e na India, e o infausto amor de Catherina de Athayde, que o estro camoneano e a tradição transformaram em Nathercia, lhe nega a qualidade de amante e apaixonado, porque o amor ao extremo que se lhe attribue, torna o homem amollecido e enfermizo e, neste caso, Camões deixaria de ser o genio, o poeta superior que produziu os *Lusiadas*, para ser um lyrico effeminado e mulherengo. O equivoco de Ramalho está em negar a Luiz de Camões essa profunda paixão, que o empolgou, pelo facto de ser genio, sem se lembrar de que, por isso mesmo, entre alternativas de esperança e desengano, elle reagia contra a força enervante do amor mal fadado, para

(1) Os «Lusiadas». Prefacio. Lisbôa 1880.

transportar-se ás serenas regiões em que as Tagides o inspiravam e a Musa da epopeia, guiando-lhe a imaginação portentosa, lhe ditava o canto sublimado.

Dante mal tinha dado os primeiros passos no mundo, quando se deixou dominar de ardente paixão e essa paixão foi tão intensa e fervorosa que lhe occupou o espirito privilegiado no decorrer de toda a vida, embora o ente querido com esse amor demaziado e sincero lhe tivesse sido, como visão celeste, cedo de mais arrebatado para sempre de seus olhos, anciosos e tristes, e produziu a *Divina Comedia*, obra prima de imaginação e de arte. O destino dos dous poetas sob esse aspecto se nos apresenta semelhante, na vehemencia dos sentimentos amorosos, na constancia da paixão insatisfeita e pura, e na grandeza dos maravilhosos resultados desse infortunio de amor. Dante vê Beatriz esposar outro e morrer em pleno viço de mocidade e no esplendor de sua belleza; Camões deixa Nathercia em Lisbôa e, com ella, esperanças de gloria e sonhos de ventura e, ao voltar á patria, depois de tão largo peregrinar na conquista de louros, que lhe grangearam as armas e não lhe regateou a penna, encontra feito em cinzas o objecto de seus anhelos e rotas e esparsas, pela fatalidade negra e cruel, as paginas do seu innocente poema de amor. Do insuccesso desses amores, que apuraram no crysol do martyrio a alma do genio, surgiu, na Italia, a *Divina Comedia* e mais tarde, em Portugal, os *Lusiadas*, no seculo dos quinhentistas.

Ramalho Ortigão esqueceu-se de que a alma do poeta compõe-se de humanidade e phantasia. Si lhe falta o encanto feminil, fica-lhe truncada a vida do sentimento e quebrada no alaúde a corda em que vibram as mais ternas e graciosas melodias.

«A mulher é tão indispensavel ao poeta como o estro e o laurel. Estes são os capitulos de sua historia:—o amor, a inspiração, a gloria, o coração. o renome e a desventura.» (2). A' alma de Camões não faltou nenhum destes componentes—humanidade e phantasia—nem á historia de sua vida nenhum destes capitulos. Durante a sua existencia, porê m, só se escreveram os do amor e da desventura, por isso que os da gloria e do renome só mais tarde traçaram os seus compatriotas quando, já havia muito, echoava pelo mundo a fama de seu poema immortal.

Camões viveu de amor e pelo amor. Toda a sua inspiração é filha do amor; todos os seus vãos de mais tocante e arrebatadora poesia librou-os nas azas do amor. De amor falam os seus sonetos e todas as suas composições poeticas, nos generos em que se exercitou a sua primorosa musa; de amor e pelo amor são os grandes e principaes episodios dos *Lusiadas*. Dos 286 sonetos da collecção que temos á vista (3) duzentos e cincoenta são poemas de amor e os outros falam sempre de amor e ninguem, com mais sinceridade do que o poeta, confessa o embevecimento profundo que no seu coração e no seu espirito incessantemente provoca esse mysterioso affecto:

«De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo.»

.....

(2) Latino Coelho. «Galeria de Varões Illustres de Portugal». Pag. 68, 1880.

(3) Obras de Luiz de Camões. Tomo II. 1852. Lisboa.

«Amor é mal que mata e não se vê.
Que dias ha que na alma me tem posto
Um não sei que, que nasce não sei onde ;
Vem não sei como ; e dóe não sei porque.» (4)

A confissão é eloquente e clara ; ella, só por si, retrata o homem. Vivendo de amor, ninguem melhor do que Luiz de Camões, que amava a Patria acima da mulher e a mulher acima da fortuna, descreve essa incomprehensivel, celeste e diabolica paixão. Como fórma material, como belleza que, caindo sob os olhos, para logo communica á alma a mais completa impressão de harmonia plastica e de perfeição impecavel, o *Eros* de Thespies, obra apurada do cinzel de Praxitelles, não teve equal no genero, entre as mais afamadas creações da estatua-ria grega ; como pintura do mysterioso sentimento, traducção real e fiel do affecto que tanto mais nos domina quanto menos o comprehendemos, pelos refolhos com que se disfarça e pelos matizes com que nos mistifica, o quadro que Luiz de Camões emoldurou nos versos do celebre soneto, que abaixo transcrevemos, não tem simile na poesia antiga, nem encontra rival na poesia moderna ; são versos que valem marmore esculpido por mão caprichosa de divino artista :

«Amor é um fogo que arde sem se ver ;
E' ferida que dóe e não se sente ;
E' um contentamento descontente ;
E' dôr que desatina sem doer ;

E' um não querer mais que bem querer ;
E' solitario andar por entre a gente ;
E' um não contentar-se de contente ;
E' cuidar que se ganha em se perder ;

(4) Obra citada. Pags. 56^a e 45^a.

E' um estar-se preso por vontade ;
 E' servir a quem vence o vencedor ;
 E' um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode a seu favor
 Nos mortaes corações conformidade,
 Sendo a si tão contrario o mesmo amor ?» (5)

Platónico

Influenciado pelo amor, mas por um amor platónico, puro, immaterial, embora intenso e duradouro, como Camões e como Dante, foi Petrarca, que vertia em centenas de bellissimos sonetos e primorosas canções, como o poeta português, as suas maguas, os seus desfallecimentos e as suas esperanças. Amando, amando muito, sem jamais attingir a posse do objecto amado, Petrarca, como Camões, alimentava o seu espirito de recordações, saudades e dores. Na delicadeza dos intuitos amorosos, as almas dos dous poetas se tocam; na manifestação de suas affeições e de suas maguas pelo verso se parecem e completam; na venustade da fórma poetica encontram-se e rivalizam. Si Luiz de Camões — «de amor escreve, de amor trata e vive, e não tem outro cuidado que não seja ser de amor captivo,» — Petrarca tambem confessa :

«Di pensier in pensier, di monte in monte
 Mi guida Amor; ch'ogni segnato calle
 Provo contrario alla tranquilla vita.»

.....

• Amor, che nel pensier mio vive e regna,
 E'l sue seggio maggior nel mio cor tene,
 Talor armato nella fronte vene,
 Ivi si loca ed ivi pon sua insegna.»

.....

«Amor mi sprona in un tempo ed affrena,
Assecura e spaventa, arde ed agghiaccia,
Gradisce e sdegnà, a sè mi chiama e scaccia,
Or mi tene in speranza ed or in pena.» (6)

Comparados os versos dos dous poetas, reconhecemos logo serem sons identicos, vibrados com o mesmo diapasão e sentimento, nas cordas de lyras differentes, mas tangidas ambas pelo mesmo impulso do coração e da alma, ardente, imaginosa e apaixonada.

O amor e a poesia occuparam, sem intermitencia, os primeiros annos da mocidade de Camões; sahindo de Lisbôa, onde deixava, meio descrente e confiado, o idolo constante de seus sonhos amorosos e os seus ideaes de mocidade, a sua vida começou a ser duramente repartida entre a esperança que o illudia, o infortunio, que o martyrizava e a saudade que, sem treguas, o acompanhava. Amando em extremo, Camões tambem soffreu muito e é isso o que transuda de toda a sua immensa e valiosa obra poetica, porque sendo o amor, hontem como hoje, amanhã como sempre, a fonte da vida, é, ao mesmo tempo, irmão gêmeo da dor, pois que amar:

«E' ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao bello; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes. té capaz de crimes!
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes.» (7)

(6) «Le Rimé de Francisco Petrarca». Firenze. 1898. Pags. 135, 146 e 175.

(7) Gonçalves Dias. «Poesias». Pag. 248. Vol. II. Rio, 1896.

Amando muito e soffrendo mais do que amando, Camões, franco e sem rebuço, vasava nas suas composições, de envolta com a mais doce poesia e delicado queixume, a sua alma apaixonada e sincera. Que amou em demasia e dessa ancia de amor só lhe abrolhavam espinhos e derivavam penas, dizem claro todos os seus versos e o confirma ainda mais o bello trecho que a seguir trasladamos :

«Que genero tão novo de tormento
Teve amor, sem que fosse não somente
Provado em mim, mas todo executado?» (8)

«Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outomno;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abôno;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno.» (9)

.....

Lusiadas

Não escapou Luiz de Camões, nos *Lusiadas*, á poderosa influencia que no espirito lhe exercia o amor; na epopeia camoneana os principaes episodios são scenas de amor, rasgos sublimes e lances emocionantes em que o amor, influe, impera e domina. E' pelo prestigio magico do amor que Venus, no canto II, pleiteia e conquista os bons auspicios de Jupiter a favor dos lusitanos, perseguidos no mar pelos ciumes e pelas ciladas de Baccho. Toucandose da mais risonha graça e esmerando os encantos da face seductora e o brilho do olhar, que *tornaria de fogo a esphera fria*, Venus apparece, nos versos de Luiz de Camões, com tanta vida, tanta belleza e tanta seducção que rivaliza com os mais afamados bronzes, quadros e marmores que, ainda hoje, a

(8) Obra citada. Canção XI. Pag. 338.

(9) Os «Lusiadas». Canto X. Estrophe 9ª.

immortalizam. As tintas ou o cinzel de Camões, imaginando-se-lhe a obra como pintura em tela primorosa, ou como estátua em branco marmore de Paros ou bem temperado metal, emulam, senão superam, os mais famosos modelos da estatuaria e da pintura :

«Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo que a neve escurecia ;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via ;
Da alva petrina flammæ lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia ;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos que como hera se enrolavam.

•C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo ;
Porem nem tudo esconde nem descobre
O véu dos róxos lirios pouco avaro ;
Mas, pera que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe deante aquelle objecto raro ;
Já se sentem no céu, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

«E, mostrando no angelico semblante
C'o riso ua tristeza misturada,
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se queixa, e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre maguada,
D'est'arte a deusa, a quem nenhua eguala.
Mais mimosa que triste ao padre fala.» (10)

«Pintura amenissima, radiosa, falante, é daquellas que só Luiz de Camões sabia fazer. As imagens mais eloquentes e elevadas, os atrevimentos mais felizes, as vozes mais suaves e selectas, tudo

(10) Canto II. Estrophes 36¹, 37¹ e 38¹. Nas estrophes 36¹ e 37¹ Camões, como faziam os escriptores antigos e os do seu tempo, empregou — quem — referindo-se a cousas, não personificadas. Era construcção corrente hoje inadmissivel.

concorre para tornal-a admiravel e unica no seu genero. A poesia e a lingua portugueza são, neste soberbo quadro, levadas ao supremo grau de delicadeza, elegancia e expressão.» (11)

O objectivo que anima Venus, nesta formosissima passagem, é o mesmo que impellia Armida, no canto IV da *Gerusalemme Liberata*. A deusa dos Amores, adereçando-se das mais puras graças e affectando os proprios attractivos, não os descobre de todo, mas não os occulta tambem, de modo que os olhos mais se aguçam e o espirito mais se interessa pelo que a vista se lhes furta; Armida, apurando na graciosidade de seu semblante os encantos da belleza e nas fórmas peregrinas de seu collo de neve a seducção dos desejos, não deixa que as finas rendas do seu vestido totalmente o escondam, para que o pensamento advinhe o que o olhar não alcança. Uma pretende inclinar o poder de Jupiter, pela força da belleza, á causa dos lusitanos, a outra tem por fim acceder no coração valeroso e nobre de Godofredo a chamma viva do amor e, assim, captivo de seus affectos e fascinado de seus carinhos, afastal-o da missão arrojada, meritoria e divina.

O escopo é o mesmo e a arma empregada, em ambos os casos, é a tentação pelo amor, a rendição pela belleza. As estrophes de Tasso rivalizam com as de Camões e vibram de sentimento e de poesia, mas os encantos singulares que revestem a deusa de Cythera e as seducções que emanam de suas fórmas vaporosas e do seu busto airoso e esbelto, são mais activos, mais energicos, mais intensos do que os de Armida; aos encantos da Venus, dos *Lusíadas*, não seria indifferente o heróe de Tasso, como foi impassivel ás seducções de Armida, embora o

(11) Sotero dos Reis, Obra citada. Vol. II. Pag. 121,

poeta lhe attribua mais graça e formosura mais deslunbrante do que a de Helena, Diana e até da propria deusa de Chypre. Leia e julgue o leitor :

«Argo non mai, non vide Cipro o Delo
D'abito o di beltá forme si care.
D'auro ha la chioma, ed or dal bianco velo
Traluce involta, or discoperta appare :
Cosi, qualor si rasserena il cielo,
Or da candida nube il sol traspare,
Or da la nube uscendo i raggi intorno
Piu chiari spiega, e ne raddoppia il giorno.

•Fa nove cresse l'aura al crin disciolto
Che natura per sé rincrespa in onde ;
Stassi l'avaro sguardo in sé raccolto,
E i tesori d'Amor e i suoi nasconde.
Dolce color di rose in quel bel vólto
Fra l'avorio si sparge e si confonde ;
Ma ne la bocca, ond'esce aura amorosa ;
Sola rosseggia a semplice la rosa.

•Mostra il bel petto le sue nevi ignude,
Onde il foco d'Amor si nutre e desta ;
Parte appar de le mamme acerbe e crude,
Parte altrui ne ricopre invida vesta :
Invida, ma s'a gli occhi il varco chiude,
L'amoroso pensier già non arresta,
Ché non ben pago di bellezza esterna,
Ne gli occulti secreti anco s'interna.» (12)

Inês de Castro

O episodio de Ignez de Castro, — que depois de ser morta foi rainha, — é um pungente e doloroso enrêdo de amor : Camões o inicia com uma apostrophe ao amor e o epilóga com vivos traços de amor. As estrophes camoneanas valem, só por si, os poemas que sobre esse facto se escreveram.

Início do episódio :

«Tu só, tu, puro amor, com força crua
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Deste causa á molesta morte sua,
 Como se fôra perfida inimiga.
 Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 E' porque queres, aspero e tyranno,
 Tuas azas banhar em sangue humano.»

Fecho :

«As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram ;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram.
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 «Dos amores de Ignez» que alli passaram.
 Vêde que fresca fonte rega as flôres,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.» (13)

Adamastor

Adamastor, a mais formosa allegoria do poema, é uma victima do amor. Este gigante, de rosto carregado, barba esqualida, olhos encovados, côr terrena e pallida, bocca negra e dentes amarellos, cujo gesto apavora e cuja voz desloca os ares, perturba os elementos e provoca tempestades, esconde no seio de pedra um coração que anceiou de amor e pelo amor soffreu a mais tremenda das punições ; tendo lançado á deusa dos mares olhos apaixonados, sobre elle se desfechou a colera do Olympo. A primeira estrophe, abaixo citada, encerra a sua tocante confissão e na segunda descreve Camões o seu castigo phenomenal e terrivel :

«Amores da alta espôsa de Peléo
 Me fizeram tomar tamanha empresa :
 Todas as deusas desprezei do céu
 Só por amar das aguas a princesa.

(13) Canto III, Estrophes 119^a e 135^a.

Um dia a vi, co'as filhas de Neréo
 Sahir nua na praia e logo presa
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

«Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram ;
 Estes membros que vês e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderam :
 Em fim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo converteram
 Os deuses ; e por mais dobradas maguas
 Me anda Thetis cercando destas aguas.» (14)

Ovidio, cujo talento neste genero foi admiravel, não pinta melhor a metamorphose de Atlas:

«Quantus erat, mons factus Atlas : nam barba comæque
 In silvas abeunt : juga sunt humerique manusque ,
 Quod caput ante fuit, summo est in monte cacumen ;
 Ossa lapis fiunt.» (15)

Quando Noto, Austro, Boreas e Aquilo, desabridos e impetuosos, arrojam-se á armada de Vasco da Gama, por designio dos deuses marinhos, contra os lusos irritados pelos insidiosos discursos de Baccho, tão perfidos e eloquentes que *accendem as deidades d'agua em fogo*, é pela influição do amor que *Venus* lhes enfreia a colera e lhes domina o impeto. Vendo a deusa de Paphos prestes a sossobrar, entre a furia dos ventos e o mar aberto em abysmos, a frota lusitana, dos céus á terra vôa :

«Estas obras de Baccho são por certo,
 Disse ; mas não será que avante leve
 Tam damnada tenção. que descoberto
 Me será sempre o mal a que se atreve.»
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,

(14) Canto V. Estrophes 52^a e 59^a. Em nota anterior já lembrámos a confusão em que Camões labora relativamente á Thetis e Tethys. A esposa de Peléo foi Thetis e a deusa do mar, mãe das Oceanides e mulher do Oceano, foi Tethys.

(15) Ovidio. «Metamorphoses», Livro IV,

Emquanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

• Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá que nascem rôxas flôres
Sobre ouro natural que amor enfia ?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas
Que mais fermosas vinham que as estrellas.

« Assi foi ; porque tanto que chegaram
A' vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem ;
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya :

« Não creias, fero Boreas. que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante ,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante ;
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi, d'aquí em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te :
Que amor contigo em medo se converte.

« Assim mesmo a fermosa Galatêa
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vel-a se recreia,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

« D'esta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores. » (16)

.....

(16) Canto VI. Estrophes 86^a, 87^a, 88^a, 89^a, 90^a e 91^a. Os antigos empregavam — lhe — tanto com referencia ao singular como ao plural, sem-

Baccho era levado pelo despeito, pelo odio, pela vaidade offendida, vencido sempre, mas sem desanimar do seu proposito firme e cruel; Venus agia como sempre, pelo enthusiasmo que lhe inspiravam os grandiosos feitos lusitanos e, pelo prestigio do amor, conseguia vergar á sua vontade e submeter ao imperio dos seus desejos os que se punham ao serviço das intenções e dos designios perversos de Baccho. Essa victoria do amor contra o Thebano oferece duplo encanto; é bello o enrêdo, engenhosa e subtil a arte e a manha com que as nymphas logram amansar os ventos furiosos, e ainda mais bellos os versos em que se lhes traduzem os discursos de seducção e de amor. Aos attractivos naturaes das nymphas, que mais formosas iam que as estrellas, Boreas se rende, Noto não resiste e os demais desfallecem, como se as forças lhes quebrasse o perfume daquellas flôres e os pés e mãos lhes atassem os fios de ouro daquelles cabellos, pois:

«Quem não dirá que nascem roxas flôres
Sobre ouro natural que amor enfia?»

pre nesta fórma invariavel. Na estrophé 87^a, no verso — Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas, — o — lhe — refere-se aos ventos. Hoje se diria: — lhes —. Na estrophé 88^a dá-se a mesma construcção repetidamente.

Abono desta antiga construcção: «Tanto que «chegaram» á corte d'el-rei «lhe» dêram suas cartas...»

«O infante D. Henrique que sabia com que vontade havia de ser recebido de «seus irmãos», quando «lhe» levasse...» (E. Azurara. «Chronica d'El-Rey D. João I.» Capítulos IV e XIV).

«Companheira enganosa de todos los humanos sem «lhe» acontecer o bem descansado.»

«Os cavalleiros foram em pé mui espantados de «lhe» acontecer o que nunca em justa passaram...» (João de Barros. «Chronica do Emperador Clarimundo». Livro I. cap. IV. Livro II. cap. VII.)

«Estando S. A. e o Principe nosso senhor e os infantes seus irmãos na cidade de Evora, o senhor duque «lhe» tornou a mandar...»

«E tornando outra vez a estar S. A. e a rainha e o Principe e os infantes na cidade de Lisbôa, o duque «lhe» mandou outra embaixada...» (Garcia de Rezende. «Chronica de El-Rei D. João II». Cap. 217.)

«Agrupam os que passam e dão-lhe vaia...» (Manoel Bernandes — «Sermões.» Tomo I. pag. 202.)

A ilha de Venus, allegoria tão majestosa quanto brilhante, onde a deusa prepara e requinta os mais tentadores deleites á armada portugueza, exhausta e abatida dos trabalhos do mar e das ciladas dos homens em terras inhospitas e desconhecidas, é uma ilha de amores, adornada dos primorosos dons de Flora e bafejada pelo sopro perfumado do Zéphiro; espelha e reluz o crystal das aguas que a serpeiam, alegrando-lhe os ares o canto da passarada nos bosques e relvados que convidam a delicioso descanso. Como devia ser esse retiro e como seductores e singulares os seus encantos, a propria Venus o diz, quando confia a Cupido a parte mais importante do seu projecto :

« Bem vês as lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço ;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se extender o poder nosso.

« E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos, que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

« E pera isso queria que feridas
As filhas de Neréo no Ponto fundo,
D'amor dos lusitanos incendidas,
Que vêm de descobrir o novo mundo ;
Todas n'ua ilha juntas e subidas,
(Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora, e Zephiro adornada.)

«Alli, com mil refrescos, e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares,
 Fermosos leitos e ellas mais fermosas;
 Em fim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas,
 D'amor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto d'ellas os olhos cobiçarem.»

.....

«Já todo o bello côro se apparelha
 Das Nereidas, e junto caminhava
 Em choréas gentis, usança velha,
 Pera a ilha que Venus as guiava;
 Alli a fermosa deusa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava;
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offercidas.» (17)

Todo o poema — *Lusiadas* — transuda amor, nas acções principaes, nos episodios e em numerosos versos de suas harmoniosas estrophes: amor culto á mulher, amor culto á patria, amor tributo á honra, á gloria, ao dever, e ao heroismo. Para Camões o amor, que tudo cria, tudo move e sobre tudo influe, tudo justifica e desculpa tambem. A estancia, que adiante citamos, resume, em synthese perfeita, o conceito que da insuperavel força e do magico prestigio do amor, nutria Camões em seu espirito tão esclarecido e primoroso, ao mesmo tempo que revela quão intenso era o predominio deste sentimento sobre o seu coração e todos os actos de sua existencia;

«Mas quem pode livrar-se, por ventura,
 Dos laços que amor arma brandamente,
 Entre as rosas e a neve humana pura,
 O ouro e o alabastro transparente?»

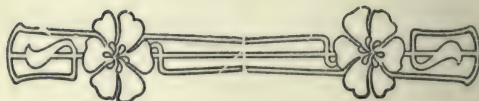
(17) Canto IX. Estrophes 38¹, 39¹, 40¹, 41¹ e 50¹. Ponto — é o mar do latim — Pontus, i — E' lantinismo.

Quem de ua peregrina fermosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?» (18)

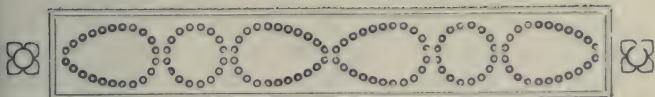
Amor vida, amor martyrio, amor esperança e desengano, foi a corda mais vibrante da lyra camo-neana, do que se infere a justeza do conceito de Joaquim Nabuco. — «A maior fonte de inspiração de Luiz de Camões foi o amor. Dado aos amores, em amor tudo tornava e quando deixou de fazer caso das mulheres e se absorveu todo no poema nacional, a sua experiencia habilitou-o a dar vida real a todos os episodios em que amor tomava parte. O amor para elle era a força dominante, assim da vida como da natureza, os principaes meios do ideal, a fonte de toda a criação.» (19)

(18) Canto III. Estrophe 142³.

(19) «Conferencias». Estados Unidos, 1911 Pag. 103.



O POETA DOS MARES



O POETA DOS MARES

«Depois pintou o horror da tempestade
E o assobio dos ventos nas procellas,
Dos naufragios a lugubre verdade,
Um navio sem mastros e sem velas.»

(Gomes Leal — *A Fome de Camões*—
1880, Lisbôa).

Sendo a linguagem a fôrma mais eloquente da manifestação do pensamento, a poesia que o exterioriza e traduz em rhythmos differentes e sob côres e matizes tão variados, é a mais bella revelação das idéias, das emoções e das cousas visiveis. A poesia exprime com perfeição a dor e o prazer, os estados mais oppostos da alma, seus arrebatamentos e suas quedas; os phenomenos e as scenas da natureza, porêm, as suas creações, alternativas e efeitos só os expressará na melodia do verso, com clareza e propriedade, o poeta que nortear o curso da inspiração pelo sentimento da arte, sendo, por isso mesmo, um pintor, um paisagista. Sob este ponto de vista Luiz de Camões é grandioso; nada o impressionava tanto como o mar. Aspectos naturaes e phases successivas do tempo, — o raiar luminoso do dia, o cair sombrio das noites tempestuosas, a aurora toucada

das rôxas flôres do crepusculo oscillante e macio ; o tapiz que cobre e enfeita os campos e a pellucia que reveste o cimo dos montes e a fralda dos oiteiros, o fio crystallino de lymphá transparente a serpear por entre boninas, na veiga e nos prados, -- nada lhe ficava tão bem esboçado, ao esbater do pincel maravilhoso, como as marinhas : -- o mar em calma, a vaga revolta ou bonançosa a espraia-se sobre os prateados e movediços areaes das largas enseadas, ou o sól vermelho, muito rubro, já sem raios e calor, atufando-se ao longe, no leito escuro e revolto do oceano infinito.

Soldado e navegador, Camões adquiriu, nas longas travessias que lhe impunha o destino aventuroso pelas ondas, essa larga convivencia com o oceano, que tanto lhe apurou os sentidos e lhe deu tão preciso conceito das cousas maritimas. No tempo em que o vento era o unico meio propulsor das caravelas e das naus, a navegação, em demanda de plagas distantes, era empresa arriscada, de duração que se não podia prever e de resultado sempre duvidoso e incerto ; andava a maruja á mercê de ventos propicios e frescos ou de calmarias demoradas e incommodas. Era, assim, a vida perigosa do mar escola de coragem, constancia e resignação. Camões, que tinha no seio o fogo do genio, consorciou-se nessas demoradas viagens com a alma do oceano, perscrutando-lhe os segredos mais intimos e reconditos.

O assumpto dos *Lusiadas* é exclusivamente maritimo, pelo fim, pela acção e pelo heróe, que a realizou e, por isso, o poema de Luiz de Camões é, como diz Joaquim Nabuco, com muita felicidade, livro para ser lido calmamente em viagem, no tombadilho á sombra do velame. (1) Então, o leitor

(1)—Obra citada. Pag. 21.

compara as scenas que lhe exhibem o céu e o mar, o ennoitar e o amanhecer, as ondas e as nuvens, no arfar do vento e ao balanço da embarcação, com as que a leitura lhe evoca, e sente-se extasiado ante as bellezas que lhe offerece a poesia espontanea de Camões, cantando-lhe aos ouvidos, e as que a realidade lhe apresenta aos olhos curiosos e admirados. A faina de bordo a levantar ferro e a sahir dos portos, dando velas ao vento; o partir e o afastar da terra, que pouco a pouco se vai perdendo ao longe, quando mais se não vê que mar e céu, são passagens da vida maritima, descriptas por Luiz de Camões com tanta expressão, clareza e evidencia, como ainda não foram por nenhum outro poeta.

Sai de Lisbôa a armada de Vasco da Gama para o grande e assombroso emprehendimento, após solennes cerimonias religiosas, realizadas pelo bom exito da empresa. Levanta-se ferro e soltam-se velas; nas praias abrolha o pranto e correm lagrimas; de bordo e de terra erguem-se os braços, acenando as mãos em despedida, até que, entre a duvida, a sauvade e a esperança, de todo se perde aos nautas a vista da patria extremecida. Camões descreve assim este episodio:

«Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
E, como é já. no mar, costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: «Bôa viagem!» Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (2)

Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficavam
Ficava o caro Tejo e a fresca serra

De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
 Ficava-nos tambem na amada terra
 O coração, que as maguas lá deixavam.
 E já depois que toda se escondeu,
 Não vimos mais emfim que mar e céu.» (3)

O viajor que, silente e curioso, se conserva na amurada da embarcação, desde o momento da partida até que inteiramente se lhe apaga dos olhos a sombra da terra, em seus ultimos contornos esvaidos no horizonte, percebe e admira, lendo a descripção camoneana, a belleza desta ultima estrophe e a synthese magnifica deste verso:— «Não vimos mais emfim que mar e céu.» Mesmo no espirito de quem tenha perdido, por completo, a profunda impressão dessa hora melancolica e triste do inicio das viagens maritimas, a leitura deste trecho desperta saudades e aviva lembranças.

Porto Alegre, que tambem foi eximio pintor de scenas da natureza e de paisagens marinhas e florestaes, não logrou dar ás côres do seu pincel o fulgor, a vivacidade e a nitidez dos traços de Camões. Sobre o mesmo assumpto das oitavas antecedentes o poeta brasileiro traçou, no *Colombo*, que é igualmente um drama no oceano, o quadro que abaixo trasladamos. Não tem a narrativa menos eloquencia, embora não ostente tanta perfeição a fórmula poetica que a emoldura. Quando de Palos se afastam as tres caravelas do almirante genovês, em busca do novo mundo, agitam-se nas praias, em lamentoso pranto, paes e noivas, amigos e parentes:

«Postados na amurada, as faces tintas
 De oppressão e de angustia á terra enviam
 Pelos humidos olhos, nella fitos,
 Saudoso adeus, os nautas consternados.
 Quem sabe, dizem todos suspirando,

Se outra vez te veremos cara patria?
 Corre o pranto no mar, corre na terra,
 Cruzam suspiros, permutando as almas;
 E a dôr crescente pela dubia esp'rança,
 No imo entorna luctuosas penas.» (4)

*
 **

Cortado tinha a armada portugueza o pélagos em que se engolfara, sob o sól ardente daquellas paragens, ora defrontando vento de feição e céu amigo, ora experimentando a furia indomita de procellosos mares adversos; sulca o largo oceano, chega a Moçambique e alli ancora, enquanto de terra os habitantes:

«C'os pannos e c'os braços accenavam
 A's gentes lusitanas que esperassem;
 Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
 Pera que junto ás ilhas amainassem.
 A gente e marinheiros trabalhavam
 Como se aqui os trabalhos se acabassem,
 Tomam vela, amaina-se a vêrga alta,
 Da ancora o mar ferido em cima salta.» (5)

E' exacta e completa a descripção; não lhe falta veracidade e sobra-lhe colorido. Ao entrar nos portos, a faina a bordo das embarcações a vela é isso mesmo. Movimenta-se a maruja, tomam-se pannos e velas, e, com a rapidez que o caso exige, termina a manobra com o lançar ferro. Ferido o mar pela ancora, as aguas, deixando-a procurar o fundo, espadanam e saltam, salpicando o convez do salso liquido e de espuma muito branca e borbulhante.

Os variados phenomenos que o mar e o céu nos apresentam, as tempestades e as calmarias, a tromba marinha e o fogo de Santelmo, Camões os

4)—«Colombo». Tomo I. Pag. 91. Rio de Janeiro. 1866.

(5)—Canto I. Estrophe 48.⁴

enuncia com vigor e naturalidade inimitáveis. A poesia descriptiva das estrophes que se seguem é sem rival na litteratura conhecida. Outros podem subir tanto, mais alto, porêm, nenhum o fez :

- Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo.
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do oceano.
- « Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se ;
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia :
Da materia das nuvens parecia.
- Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava ;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava :
Estava-se co'as ondas ondeando ;
Em cima delle ua nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
C'o cargo grande d'agua em si tomada.
- « Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar c'o sangue alheio a sêde ardente ;
Chupando mais e mais se engrossa e cria ;
Ali se enche e se alarga grandemente ;
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta ;
- « Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe :

A's ondas torna as ondas que tomou
 Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
 Vejam agora os sabios da escriptura
 Que segredos são estes da natura.» (6)

A descripção da tromba marinha, nas estrophes supra citadas, é tão corrente nos termos e tão completa nas menores particularidades, que nos dá a mais clara ideia do phenomeno descripto. A principio, tenuo vapor que se divisa a custo, como nuvem longinqua e esbatida; depois cresce e engrossa a sorver, em grandes haustos, a agua do mar e como um largo cano de paredes flácidas, que, pelo movimento de sucção, se distende aqui e alli se estreita, ondeia no ar com as proprias vagas, emquanto a nuvem, que a tromba alimenta, se torna cada vez mais espessa e carregada.

A comparação da estrophe 21.^a é felicissima; assim como a sanguessuga, prendendo-se ao beijo da alimaria, que incauta procura dessedentar-se na fonte mais proxima que se lhe depara, do sangue della se alimenta e farta, do mesmo modo a larga columna, que o poeta descreve, presa á nuvem e tocando as ondas, a si mesma se alimenta, engrossando igualmente a nuvem que a sustem.

A perfeição com que Luiz de Camões esboça estas passagens descriptivas, e a nitidez e espontaneidade com que nol-as apresenta, como em natureza viva e animada, provocaram e justificam as palavras de Alexandre Humboldt: — «Camões é inimitavel quando pinta a permutação completa que se opera entre o ar e o mar, a harmonia que reina entre a fôrma das nuvens, suas transformações suc-

(6)—Canto V. Estrophes 18¹. 19¹, 20³. 21³ e 22³. Certo — certamente — O adjectivo em função adverbial era muito empregado por Camões para fugir á monotonia dos adverbios em — «mente». E' syntaxe muito correntia e elegante.

cessivas e os diversos estados por que passa a superfície do oceano. Primeiramente nos mostra essa superfície de leve enrugada pelas brizas; as vagas mal erguidas scintillam, brincando com o raio de luz que nellas se reflecte; depois os baixeis de Coelho e Paulo da Gama, assaltados pela furia da tempestade, luctam contra os elementos. Camões é, no sentido exacto da palavra, um grande pintor de marinhas.» (7)

De todos os quadros maritimos, que, entre outros, Luiz de Camões bosquejou, coloriu e esbeteu, nos *Lusiadas*, o mais completo, por isso mesmo que tem maior dimensão e reúne maior numero de figuras, é o da tempestade, no canto IV. A tela é grandiosa, a moldura esplendida e os actores dignos da scena. No mar aberto em cachões e sob o céu umbroso, que os raios illuminam e fendem, desenrola-se o drama em que o sublime se mistura com o horrivel, a esperança com a desillusão e o desalento.

Emquanto, no conselho dos deuses marinhos, Baccho, cioso de suas glorias e de seu renome no Oriente, procura e consegue, pela insidia disfarçada e pelo odio mal contido, que Eólo, por ordem de Neptuno,

«Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

.....
.....a leda lassa frota

Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.» (8)

(7)—«Cosmos». Tomo II.

(8)—Canto VI. Estrophes 35^a e 38^a. Camões empregou ahi o adjectivo — repugnante — no sentido de — contrario, opposto, adverso, sentido que lhe dão Domingos Vieira, Moraes e Aulete —

Exhaustos de longa travessia, depois de terem passado tanto mar e novos climas, procuram manter-se alerta os navegantes na ardua faina de bordo; contam-se lendas e casos diferentes com que se passe o tempo, e se conservem vigilantes os olhos e attentos os sentidos. Cabe a Velloso, cavalleiro ardente e namorado, narrar o episodio dos doze de Inglaterra. Curiosos o escutam, quando se lobrigam, ao longe, signaes de proxima tormenta. Camões a descreve magistral e naturalmente, como testemunha intelligente e lucida, que apprehende e guarda na memoria as scenas que presenciona e depois as grava em escriptura indelevel, com assentos tão carregados e impressionantes que a descripção toca profundo a alma e convida á emoção e ao pranto :

«Mas neste passo, assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'ua e d'outra banda :
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda.
«Alerta, disse, estai, que o vento cresce
D'aquella nuvem negra que apparece.

«Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella.
«Amaina, disse o mestre, a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

«O céu fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor e desaccordo,
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma gram somma d'agua pelo bordo.
«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar; não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando;
A' bomba! que nos imos alagando.»

«Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegaram,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Deram á nau, num bordo os derribaram :
 Três marinheiros, duros e forçosos,
 A menear o leme não bastaram ;
 Talhas lhe punham d'ua e d'outra parte,
 Sem aproveitar dos homens força e arte.

«Os ventos eram taes, que não puderam
 Mostrar mais força d'impeto cruel,
 Se pera derribar então vieram
 A fortissima torre de Babel.
 Nos altissimos mares, que cresceram,
 A pequena grandura d'um ba'el
 Mostra a possante nau, que move espanto,
 Vendo que se sustem nas ondas tanto.

«A nau grande em que vai Paulo da Gama,
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada ; a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veiu.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nau de Coelho, com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

«Agora sobre as nuvens os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo ;
 Agora a ver parece, que desciam
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
 Arruinar a machina do mundo :
 A noite negra e feia se alumia
 C'os raios em que o polo todo ardia.

«As halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantaram,
 Lembrando-se do seu passado pranto
 Que as furiosas aguas lhe (9) causaram.

(9)—Ver nota antecedente sobre o emprego do — «lhe» — fórma do singular em referencia a nomes do plural,

Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos durcs,
Que nem no fundo os deixa estar seguros. • (10)

Não conhecemos em verso descripção tão expressiva, tanto no contexto como na fôrma. Só Luiz de Camões, testemunha occular e constante de scenas violentas e espectaculos tão fortes e commove-dores, poderia, ajudado pelo seu espirito altamente observador e synthetico, retratal-a com tanta elo-quencia e apuro, ora carregando as côres do quadro, ora aligerando-as conforme as exigencias da repre-sentação fiel e exacta do empolgante e terrivel epi-sodio. Hyperbatons bem empregados, adjectivação perfeita e sóbria, termos proprios á natureza do as-sumpto, sem prejuizo, comtudo, da linguagem pro-fusamente poetica. A repetição da ordem de—*amai-nar* e de—*alijar*, dura e rijamente transmittida pelo mestre, nas estrophes 71.^a e 72.^a, traduzem bem a imminencia do perigo que elle divisava :

«Amaina, disse o mestre, a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»

.....

Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar ; não falte accordo ;»

A arte e o esmero com que Luiz de Camões descreve as scenas do mar e seus phenomenos e a identificação que se lhe nota entre o descripto e o factu, levaram Chateaubriand a denominar os *Lusiadas* o primeiro poema maritimo. Camões é, com effeito, sem rival nessa passagem e si em alguns pontos lembra Vergilio, no livro primeiro da *Eneida*, no conjuncto, a descripção do vate português não é menos arrojada, nem menos pathetica. Enéas, ao

(10)—Canto VI. Da estrophe 70^a a 77^a.

ver dispersa a frota troiana e a nadar sobre as ondas, no vasto pégo, as alfaias e armaduras troicas, alça as palmas ao céu e desesperançado lastima não ter perecido como bravo, nos campos de Ilion; Vasco da Gama, vendo a armada portugûesa acossada pela tempestade em furia e pelo mar que ameaça tragal-a, e com ella as suas tão fagueiras esperanças, invejando a sorte dos que morreram combatendo pela fé nos campos de batalha, implora, nessa hora tremenda, o amparo da Providencia. Em auxilio das naus troianas Neptuno surge das aguas e levanta o tridente; em soccorro dos portugûeses Venus desce do céu ao mar e com o auxilio das nymphas amorosas e seductoras, salva a frota de Vasco da Gama do embate dos ventos em porfia.

O mais commovente do quadro não era a scena afflictiva da marinhagem em lucta desigual com os elementos revoltados; mais do que isto, mais pungente, mais doloroso era antever Enéas, naquelle transe de desespero e de angustia, o malogro de tanto sacrificio pela fundação de um novo imperio, como devia perceber Vasco da Gama a inutilidade de tanto esforço e coragem pelo descobrimento de uma nova rota ao paiz maravilhoso das especiarias e dos sonhos!

Ariosto, que é considerado um dos epicos de imaginação mais rica e de recursos poeticos mais variados e empolgantes, descreve deste modo a procella que se desencadeou contra a embarcação em que Rogero demandava a Africa:

•Mutossi da la poppa ne le sponde,
 Indi alla prora, e qui non rimase anco.
 Ruota la nave, et i nocchier confonde;
 Ch'or di dietro or dinanzi or loro é al fianco
 Surgono altiere e minacciose l'onde:
 Mugliando sopra il mar va il gregge bianco,

Di tanti morti in dubbio e in pena stanno,
Quanto son l'acque ch'a ferir li vanno.

«Or da fronte or da tergo il vento spira,
E questo inanzi, e quello a dietro, caccia :
Un altro da traverso il legno, aggira,
E ciacun pur naufragio gli minaccia.
Quel che siede al governo, alto sospira
Pallido e sbigottito ne la faccia ;
E grida in vano, e in van con mano accenna
Or di voltare, or di calar l'antenna.

«Ma poco il cenno, e'l gridar poco vale :
Tolto é, 'l veder da la piovosa notte.
La voce, senza udirsi, in aria sale,
In aria che feria con maggior botte
De'naviganti il grido universale,
E'l fremito de l'onde insieme rotte :
E in prora e in poppa e in amendue le bande
Non si puó cosa udir, che si comande.

«Da la rabbia del vento, che si fende
Ne le ritorte, escono orribil suoni :
Di spessi lampi l'aria si raccende,
Risuona'l ciel di spaventosi tuoni.
V'é chi corre al timon, chi i remi prende ;
Van per uso agli uffici a che son buoni ;
Chi s'affatica a sciorre e chi a legare ;
Vota altri l'acqua e torna il mar nel mare.

«Ecco stridendo l'orribil procella
Che 'l repentín furor de Borea spinge,
La vela contra l'arbore flagella :
Il mar se leva e quasi il cielo attinge.
Frangonsi e remi ; e di fortuna fella
Tanto la rabbia impetuosa stringe,
Che la prora si volta, e verso l'onda
Fa rimaner la disarmatasponda.

«Tutta sotto acqua va la destra banda,
E sta per riversar disopra il fondo.
Ognun, gridando, a Dio se raccomanda ;
Ché piú che certi son gire al profondo.
D'uno in un altro mal Fortuna manda :
Il primo scorre e vien dietro il secondo.

Il legno vinto in piu parti se lassa,
E dentro l'inimica onda vi passa.

« Muove crudele e spaventoso assalto
Da tutti i lati il tempestoso verno.
Veggon talvolta il mar venir tant'alto,
Che par ch'arrivi in sin al ciel superno.
Talor fan sopra l'onde in su tal salto,
Ch'a mirar giú par lor veder lo'nferno.
O nulla o poca speme é che conforte;
E sta presente inevitabil morte. » (11)

A tela esboçada e colorida por Luiz de Camões é admiravel, mas a que traçou o pincel delicado de Ariosto não é menos formosa e brilhante; dentro destas estancias ha vida, sentimento e animação e si, aqui e alli, recordam Ovidio nas *Metamorphoses*, Vergilio na *Eneida* e Boiardo em passagens semelhantes do *Orlando Innamorato*, os traços, que suggerem a lembrança desses modelos, são fortemente sombreados pela singularidade e pelas côres novas em que se embeberam. Falta, comtudo, ao quadro de Ariosto o espirito das cousas maritimas, a alma do mar, das bonanças e das borrascas que anima, com tanta intensidade, as scenas dos *Lusiadas*. Em Ariosto comprehende-se e sente-se; em Camões, se comprehende, sente-se e vê-se o impeto das vagas, a furia do mar, a ancia do mestre e a faina da marinhagem luctando contra os elementos agitados e revoltos.

Ha, tambem, na litteratura portugueza. no poema de Mausinho de Quebedo — *Affonso Africano* e no de Gabriel Pereira de Castro — *Ulysséa*, interessantes paisagens maritimas e bellas descripções de tempestades, mas em nenhum delles a scena tem a expressão, o colorido e o movimento da pintura ca-

(11)—«Orlando Furioso». Vol. II. Canto XLI. Da estrophe 9^a a 15^a. Milano, 1908.

moneana. Na descripção de Quebedo a armada de D. Affonso, acossada pelo mar e pelos ventos, vaga sem rumo e sem governo, quando lhe apparece, dando temeroso e forte brado, o vulto arrogante de Anthêo, o que lembra Adamastor dos *Lusiadas*. (12) Na de Gabriel de Castro, desencadeia-se a procella contra a frota de Ulysses que, voltando de Troia, abrasada e destruida, busca orgulhoso e rico de despojos as praias da Ithaca; rotas as velas, partidos os mastros, vagueiam as naus desarvoradas sobre as ondas em furia, ao sabor da tormenta, quando Neptuno, obediente e docil ao aceno imperioso de Juno, as salva do abysmo que os ventos e o mar lhes apparelham. (13) Em ambos os poemas, ha muita poesia, muita belleza, muita arte; em ambos, porém, a scena carece de inspiração, de technica e de originalidade e, mais do que tudo, da exacção e interesse que o genio de Camões soube transmittir á sua criação maravilhosa.

As estropes dos *Lusiadas*, afóra os grandes quadros maritimos, acima representados, estão largamente entremeadas de delicadas marinhas em miniatura, tão animadas, eloquentes e claras, que fazem viver deante dos olhos as imagens que representam. São mimosas vinhetas a enfeitar as paginas de primorosa obra de intelligencia e de arte. Aqui é o singlar da frota portugueza, depois que largou das aguas do Tejo:

« Já no largo oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas concavas inchando;
De branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando

(12) - «Affonso Africano». Canto III. Da estrophe 77^a a 92^a.

(13) - «Ulyssêa ou Lisbôa Edificada». Canto II. Da Estrophe 25^a a 49^a.

As marítimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.» (14)

Alli é o luar que rutila nos céus e reflecte nas ondas, enquanto a armada está ancorada em Moçambique:

«Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas;
As estrellas os céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas.» (15)

Acolá entram as naus no porto de Moçambique e delle sahem livres da cilada dos mouros:

«As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da prôa as velas sós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalizada.» (16)

.....
«Mas já as agudas prôas apartando
Iam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando
Com suave e seguro movimento.» (17)

Adeante, depois de longos menses de navegação, apresenta-se no horizonte a ilha de S. Helena:

•A' maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergámos;
As ancoras pesadas se adereçam
As velas, já chegados, amainámos.» (18)

Além chega Vasco da Gama á India, certifica-se da indole dos habitantes, e toma escalér que o leva á terra, saltando em Calecut:

(14)—Canto I. Estrophes 19^a—Respiravam—respirar—Expressão poetica: soprar brandamente. Exemplo:

«O brando, suave Zephiro respire

Nos brandos corações dos dous amantes.» (Corte Real «Naufragio de Sepulveda. Canto IV.)

(15)—Canto I. Estrophe 58^a.

(16)—Canto II. Estrophe 18^a.

(17)—Canto II. Estrophe 67^a.

(18)—Canto V. Estrophe 25^a.

.....
 «Parte de ricos pannos adornado,
 Das côres a fermosa differença
 A vista alegre o povo alvoroçado :
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.» (19)

Mais além é a partida da frota de Calecut, onde o Gama não podia esperar mais a bôa vontade do rei, contrariada pela inveja e perfidia dos mouros ; prende alguns naturaes que tinham ido mercadejar a bordo com pedraria, e deixa o porto :

«Mas já nas naus os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante, e repartidos
 Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
 Outros quebram c'o peito duro a barra ;

 «Outros pendem da verga, e já desatam
 A vela, que com grita se soltava,
 Quando, com maior grita, ao rei relatam
 A pressa com que a armada se levava.» (20)

Mais adeante ainda, e por fim :

«Cortando vão as naus a larga via
 Do mar ingente pera a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria,
 Pera a grande viagem prolongada.» (21)

Camilo Castello Branco denomina Camões o poeta do amor e das batalhas (22) e o qualificativo assenta, á maravilha, no vate lusitano, mas quem tanto cantou o amor e as batalhas, cantou ainda melhor o mar e o céu e, por isso, tambem pode ser denominado, com justiça, o poeta dos mares e o seu poema o poema do oceano.

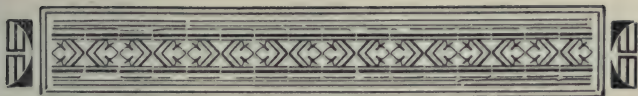
(19)— Canto VII: Estrophe 43¹.

(20)— " IX. " 10^a e 11^a.

(21)— " IX. " 51^a.

(22)—Garrett—«Camões». Prefacio de Camilo Castello Branco.

O POEMA DOS CONCEITOS



O FOEMA DOS CONCEITOS

«As obras litterarias valem na medida das ideias solidas e sinceras que contêm, do objecto sobre que versam e de sua comprehensão moral e philosophica.»
(René Pichon. *Histoire de la Littérature Latine*. Preface. Pag. XV. Paris. 1898.)

Os *Lusiadas*, no sublime da inspiração e na belleza dos versos, não representam apenas o poema das glorias portuguezas, a *Odysséia* da navegação nos mares do Oriente, a *Iliada* indiana, a victoria de Venus, a *Biblia* de Portugal, o canto dos mares e das batalhas, na patria pela formação e segurança do territorio e no exterior, em longinquas paragens, pela maior expansão do dominio das quinas e conversão dos infiéis á fé creadora do *Evangelho*. A epopeia de Camões é tambem o poema dos conceitos moraes, philosophicos, religiosos e politicos, dos aphorismos e das maximas que confortam o espirito, illustram os exemplos e dão a grande numero de suas estrophes o fecho de ouro, que lhes torna a leitura amena, deliciosa e edificante.

Luiz de Camões é fecundo no emprego das sentenças, no uso pertinente e accommodado dos

proverbios, notando-se, sobre tudo, o acerto com que os applica em cada caso, de fórma a appareceram no texto, em logar e na occasião em que, de todo, se tornam necessarios, como decorrendo, natural e legitimamente, da narrativa, do facto ou da referencia que o poeta desenvolve. Não ha affectação no manejo deste recurso; a maxima apparece porque o assumpto a exige, lembra e requer, e não porque sejam precisos dous ou mais versos para completar a oitava, concordar as rimas ou ajustar os hemistichios. Só essa feição doutrinaria e philosophica dos *Lusiadas*, essa divulgação de adagios populares e universaes com applicação á moral, á religião e á politica, em português puro e sonoro, seria bastante para tornal-o livro precioso e a sua leitura altamente recommendavel.

«Os seus versos—escreve Theophilo Braga—estão cheios de paradigmas, que provam o conhecimento que elle tinha de Homero, de Vergilio, de Petrarca e Sanazzaro, da mythologia, dos geographos gregos e das Encyclopedias em que se condensavam os estudos classicos, mas todo esse peso de erudição e auctoridade de preconceitos humanistas não conseguiram apagar da sua alma o sentimento nacional, que transpira na sympathia das allusões aos Romances populares e tradicionaes, aos anexins e modismos vulgares, na preferencia dada á fórma vicentina do *Auto* em seus tentamens dramaticos, nas lendas que matizam a historia de Portugal, que elle soube, com tanta arte, enramalhetar nos *Lusiadas*.» (1)

Nenhum poema, nem o de Homero, Vergilio, Dante, Tasso e Milton, nos apresenta, com tanta frequencia e propriedade, paremias e maximas,

(1)—«Camões». Livraria Chardron, Porto 1907. Pags. 243 e 244.

como o de Luiz de Camões, o que dá aos *Lusiadas*, ao lado de admiráveis bellezas de imaginação, poesia e linguagem, mais esse aspecto curioso e interessante, revelador da grandeza de sua alma e extensão de seus conhecimentos no dominio da vida do povo e da riqueza de suas expressões, vocabulos e dizeres. A simples leitura destes conceitos, pela elevada moralidade que encerram e pela fôrma por que estão expressos, dispensa commentarios. Vejamos:

“Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o céu deseja.

Não tornes por detrás; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

Que bem posso excusar trazer escripto
Em papel o que na alma andar devia.

Não mostra quanto pode; e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

Que da tenção damnada nasce o medo.

Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração preságo nunca mente.

“Por isto, porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario.

Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

Que onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio. (2)

(2)—Os «Lusiadas» Canto I. Estrophes 39^a, 40^a, 66^a, 68^a, 76^a, 80^a e 84^a
85^a, 105^a, Canto II. Estrophe IX.

«Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?

Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e caro.

Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos céus não vem celeste aviso.

Que em casos tão extranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

Que, rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais pode a fé que a força humana.

Que tudo emfim, tu, puro Amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.

Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

E bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos diferenças.

Negam o rei e a patria; e, se convem,
Negarão, (como Pedro), o deus que têm.

Torne-vos vossas forças o rei novo;
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

Que nos perigos grandes o temor
E' maior, muitas vezes, que o perigo.

Que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Quem viu sempre um estado deleitoso ?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza ?» (3)

(3)—Canto II—Estrophes 30^a, 58^a, 59^a, Canto III—Estrophes 82^a, 111^a, 122^a, 138^a, 139^a Canto IV, Estrophes 12^a, 13^a, 17^a, 29^a, 35^a, 51^a

«As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga ;
Faz as pessôas altas e famosas
A vida que se perde e que periga .

E com razões me louva esta vontade ;
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade .

Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado ;
Que, postoque é de amor usança bôa,
A quem se aparta, ou fica mais magôa,

Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração ;
Misera sorte ! Extranha condição !

Eu que cahir não pude neste engano,
Que é grande dos amantes a cegueira .

E, como contra o céu não velem mãos .

Nascemos : o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza .

Quão doce é o louvor e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados !

Quem valerosas obras exercita
Louvor alheio muito o esperta e incita .

A razão

D'algun não ser por versos excellente
E' não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte não na estima .

Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes . » (4)

(4) Canto IV. Estrophes 78^a, 81^a, 93^a, e 104. Canto V. Estrophes 54^a, 58^a, 80^a, 92^a, e 97^a, Canto VI. Estrophe 15^a.

«Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra extranha.

Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o céu não val da gente manha.

E quando um bom em tudo é justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta.

Que toda a terra é patria para o forte.

Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.

Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança.

O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.

Que com claro juizo pode ver-se,
Que facil é a verdade de entender-se.

Pois aquillo que os reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derogado.

Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.

Crêr tudo em fim ; que nunca louvarei
O capitão que diga : «Não cuidei.» (5)

Se mais que obrigação, que mando e rôgo,
No peito vil o premio pode e val.

Quanto no rico, assim como no pobre,
Póde o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga !»

(5)—Canto VI. Estrophe 99^a. Canto VII. Estrophes 27^a, 56^a, Canto VIII. Estrophes 55^a, 63^a, 66^a, 69^a, 75, 82^a, 85, 89^a, 94^a, e 96^a.

Possibil—possível. Fôrma antiquada, proxima ao latim. Camões emprega sempre os adjectivos desta terminação nesta mesma fôrma.

«Leis em favor do rei se estabelesem,
As em favor do povo só perecem.

Mal haverá na terra quem se guarde,
Se seu fogo immortal nas aguas arde.

Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.

Deixertai já do somno, do ocio ignavo
Que o animo de livre faz escravo.

Porque essas honras vans, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente ;
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.

Impossibilidades não façais,
Que, quem quiz, sempre pôde . .

Que esforço e arte
Vencêrão a fortuna e o proprio Marte.

Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado á crueza fera e dura,
Co'os seus ua ira insana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

Não vence ; — que a victoria verdadeira
É saber ter justiça núa e inteira.

É Deus ; mas o que é Deus ninguem o entende.
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Que inimiga não ha tão dura e féra,
Como a virtude falsa da sincera. (6)

Olhai que, se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem é. »

(6)—Canto IX. Estrophes 28¹, 42¹, 80¹, 92¹, 93¹, 95¹. Canto X. Estrophes 42¹, 47¹, 58¹, 80¹, 119¹ — Fogo immortal — refere-se o poeta ao amor.

«Que o bom religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

Que, posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

«A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando». (7)

Todos os versos, acima transcriptos, resumem em suas palavras e concretizam em seu pensamento, bellissimas sentenças moraes, politicas, philosophicas e religiosas, altamente edificantes; são maximas correntias em todas as linguas, anexins e riffsões populares, muito conhecidos e applicados. Camões, que se servia, com tanta habilidade e proficiencia, dos valiosos recursos que, com largueza lhe proporcionava a historia, a mythologia e a litteratura classica, onde colhia inspiração e modelos do mais fino lavor, não desprezava, comtudo, o minerio, ainda em bruto, desse veio inexgottavel e opulento que é a linguagem do povo e os seus modismos, tão rudes quanto expressivos. Dando a esses dizeres nova roupagem e toucando-os com o ornato brilhante de sua fórma peregrina, Camões os apresenta como pedras já lapidadas e luzentes, muito differentes na apparencia, mas sempre os mesmos na significação e, mais do que tudo, na verdade que encerram e na sabedoria que traduzem e revelam. Comparando alguns dos conceitos enunciadados por Camões, nos *Lusiadas*, com os de uso e circulaçãõ popular, para logo nos convenceremos de que elles foram hauridos nesta fonte:

«Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece e o céu deseja.» («O que tiver de ser meu
(As minhas mãos ha de vir. »

«Que onde reina a malícia está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.»

{ «Quem disse usa, disse cuida.»

«Pouco val coração, astúcia e siso
Se lá do céu não vem celeste aviso.»

{ «Mais vale quem Deus ajuda
Do que quem cedo madruga.»

«Mas só por vêr das gentes as sentenças
Que sempre houve entre muitos diferenças.»

{ «Cada cabeça, cada sentença.»

Quem tiver occasião de reflectir sobre cada um dos proverbios que se concretizam nos versos acima transladados, sentirá espontaneo accudir-lhe ao espirito a paremia correspondente, já de voga e emprego commum, já de origem mais elevada, como traducção de conceito philosophico, ou sentença moral. Isso nos dispensa de outras comparações para exhibir aos olhos do leitor, relativamente a cada pensamento expresso por Camões, a maxima ou o proloquio vulgar, que lhe corresponde, sem os atavios que o poeta lhe emprestou e em sua fórma primitiva, simples e natural.

Encerra Camões o canto Iº, o IVº, o VIº, o IXº e o Xº com elevadas ideias e preciosos conselhos; são mesmo os mais nobres e arrebatadores de todo o poema. A estrophe que remata o canto Iº é formosissima. Aporta a frota lusitana ás aguas de Mombaça, onde os mouros, instruidos insidiosamente pelos conselhos de Baccho, lhe prepara inevitavel e completa destruição. Camões, antes de descrever a negra perfidia da mourama, o que faz no canto Iº com as côres que o assumpto exige, entretece, com tocante e singella poesia, esta bella moralidade, que constitue o fecho do referido canto :

.....

«Ó grandes e gravissimos perigos!
Ó caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?»

O canto IV Camões o termina com interessante epiphonema, dirigido a Portugal, pela temeridade da empresa a que se arriscava, nesse aventuroso commettimento da viagem á India, pondo em risco tantas vidas, tanto denodo, mas, de facto, applicavel, com a mais absoluta verdade e estricta exactidão, á humanidade toda, anciosa de poder e de mando, de gloria e de fama, de descobrir e de perscrutar os mais reconditos segredos da natureza e o desconhecido, sempre maravilhoso e attrahente. Ávida de notoriedade, insatisfeita com o seu proprio estado e condição, encontrando em cada exito feliz estimulo a novos emprehendimentos, e em cada aspiração realizada motivo a novos desejos, a humanidade é a eterna escrava de sua mesma ambição. Ninguem melhor do que Camões o disse:

«Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração;
Misera sorte! Extranha condição!»

E' a sêde do desconhecido, sentimento mixto de audacia, temor e rebeldia contra o supremo Poder, majestade omnisciente, que se traduz nas antiquissimas lendas indianas e nas hebraicas tradições, e se encarna em Brahma, desejoso de participar do governo do mundo, e em Adão, anhelante por conhecer o bem é o mal, da lenda biblica; é o mesmo impulso que agita a alma de Prometheu, quando arre-

bata o fogo do céu para animar a estatua de barro, feitura de suas mãos, e move, finalmente, os Titans da mythologia grega na audaciosa e mal succedida escalada contra o Olympo. E' o mesmo pensamento que Horacio já traduzira nestes versos de sua musa inspirada :

•Audax omnia perpeti
Gens humana ruit per vetitum nefas.
.....
Nil mortalibus arduum est. » (8)

Finaliza Camões o canto VIº com edificante sentença moral, applicavel á politica, e que vale, ao mesmo tempo, como pesada censura e pungente ironia aos poderosos da terra. Apesar dos arraigados preconceitos sociaes, das injustiças tão communs em todos os tempos e entre todos os povos, preconceitos e injustiças que enpanam o brilho do valor, apoucam as obras da virtude, protelam e conspurcam o direito, os que luctam pelo bem, os que modelam os actos de sua vida pelo dever e pela razão, os que, animosos, sabem enfrentar os embates da adversidade, os botes da inveja, as insidias da calumnia e da maldade humanas, vencem e triumpham, porque o merito offusca sempre a incompetencia, e a virtude a má fé e a maldade. «Difficil cousa — diz João de Barros — (9) é enco- brir a virtude por muito tempo.» Não é pela nobreza dos antepassados, pelo brilho dos thesouros e pelos dotes deslumbrantes da fortuna que o homem deve alcançar honras immortaes, infinito poder e gloria immarcescivel :

(8)—«Odes». Livro I. Ode III.

(9)—«Chronica do Emperador Clarimundo». 1842. Pag. 103.

«Mas com buscar co'o seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas,
 Vigiano e vestindo o forjado aço,
 Soffrendo tempestades e ondas crúas ;
 Vencendo os torpes frios, no regaço
 Do sul e regiões de abrigo nuas ;
 Engolindo o corrupto mantimento
 Temperado c'um arduo soffrimento ;

«E com forçar o rosto que se enfia,
 A parecer seguro, ledó, inteiro,
 Para o pelouro ardente, que assovia,
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 D'est'arte o peito um callo honroso cria,
 Desprezador das honras e dinheiro,
 Das honras e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa e dura ;

«D'est'arte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado ;
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baixo trato humano embaraçado :
 Este, onde tiver força o regimento
 Direito, e não de affeitos occupado.
 Subirá, como deve, a illustre mando,
 Contra vontade sua, e não rogando.»

O canto IX^o e o X^o encerram-se com sentenciosas ponderações ; remata o canto IX^o conhecido proverbio, traduzido por palavras diversas das que o vestem na linguagem do povo, concluindo o X^o por uma affirmação de verdade tambem incontestavel. No final do canto IX^o, dirige-se Camões aos fidalgos e cavalheiros da côrte de D. Sebastião, exhortando-os a se distinguirem por feitos d'armas dignos de memoria, e pela prudencia e sabedoria dos conselhos, que, por ventura, hajam de ministrar ao rei, elevando, deste modo, a si e ao proprio soberano, e conclue :

«E fareis claro o Rei, que tanto amaes,
 Agora co'os conselhos bem cuidados ;

Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados :

Impossibilidades não façais ;
Que quem quiz sempre poude : e numerados
Sereis entre os heróes esclarecidos,
E n'esta Ilha de Venus recebidos. »

O quinto verso e o quarto desta estrophe traduzem o proloquio popular: — «não quero que possas, quero que queiras», — ou este outro, que vale a mesma cousa e encerra a mesma ideia: — «mais faz quem quer do que quem póde.» E', por outras palavras, o parecer de Vergilio :

«Labor omnia vincit
Improbus, et duris urgens in rebus egestas.» (10)

O canto Xº termina por uma apostrophe ao rei, a quem Camões dedicara o poema, induzindo-o a favorecer sempre os subditos leaés, vassallos e conselheiros dedicados, cada um segundo as suas condições e de accordo com os seus merecimentos, premiando a justiça e distinguindo o merito experimentado, principalmente na ardua e perigosa carreira das armas, pois :

«A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando ;
Senão vendo, tratando e pelejando.» (11)

A moralidade desta sentença não se applica só ao officio militar, mas a todas as carreiras e a todos os misteres da vida, no dominio das artes, das industrias e das sciencias. Resumem estes versos de Camões o antigo proloquio que, pela sua universa-

(10)—Georgica. Livro I. Versos 145 e 146.

(11)—Canto X. Estrophe 153ª.

lidade, perdeu a origem, porque se traduz em todas as linguas, corre no dizer de todos os povos e, por isso, é imperecível, como a verdade que encerra e divulga: — «A experiencia é a mestra da vida.»

O conjuncto de tantos e tão edificantes conceitos, de fundo moral, politico, philosophico e religioso, espalhados pelo correr das numerosas estrophes dos dez cantos dos *Lusiadas*, já entremeados nos versos, já servindo de fecho a differentes estancias, justifica, de sobejo, a denominação que, com acerto, se lhe pode conferir de — poema dos conceitos.



CAMÕES E A LINGUA PORTUGUÊSA



CAMÕES E A LINGUA PORTUGUÊSA

«A lingua portugueza é nas mãos de Luiz de Camões um instrumento perfeito, que se adapta a todos os tons. Nenhum dos poetas que o precederam a manejou tão bem como elle; nenhum dos que lhe succederam melhor que elle.»

(Sotero dos Reis. *Litteratura Portugueza e Brasileira*. 1886.)

A influencia que Luiz de Camões exerceu sobre a lingua portugueza, dando á luz da publicidade o seu famoso poema, foi extraordinaria e benefica, porque o vate lusitano apurou tanto, no cadinho do bom gosto litterario, as expressões, as phrases, e os termos, que lhe emprestou a feição accentuada de vasto e inexgottavel repertorio de sonora e primorosa linguagem. Sob o peso de quatrocentos annos, os *Lusiadas* transudam a mais fragrante frescura e podem servir de modelo de pura e bôa vernaculidade.

Escripto, ha quatro seculos, no periodo em que a lingua começava a firmar-se, num meio dominado pelo latinismo, quando os eruditos publicavam as suas producções em latim e castelhana, como nos attestam numerosos documentos da época, nelle se encontram, manuseando-se as antigas edi-

ções, casos de graphia demonstrativos da evolução morphologica do idioma, repetições evitaveis e cacophonias, que aos ouvidos de Camões e de seus contemporaneos (1) não soavam com a aspereza e o desagrado que agora lhe notamos. Leiamol-o, com o espirito assim prevenido, nas passagens em que se nos deparam taes defeitos, traços caracteristicos da phase litteraria em que foi elaborado e teremos a impressão de estar lendo versos da actualidade e do mais apurado labor, sob o ponto de vista rhythmico, harmonioso e grammatical, a revelar infinitas bellezas e trescalando esse perfume tão proprio a obras sobre as quaes passou o sopro do genio creador e eterno. como se percebe nestas commoventes estrophes:

«Assi como a bonina que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido e a côr murchada ;
 Tal está morta a pallida donzella,
 Sêccas do rosto as rosas e perdida
 A branca e a viva côr co'a doce vida.

«As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram ;
 E, por memoria eterna, em fonte pura,
 As lagrimas choradas transformaram ;
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 «Dos amores de Ignez» que alli passaram.
 Vêde que fresca fonte rega as flôres.
 Que lagrimas são a agua e o nome amores.» (2)

(1)—O cacophonon que se encontra nos velhos classicos ultrapassa ás vezes o grotesco, raia na obscenidade e mergulha na sordidez. Quem duvidar recorde algumas amostras, já por mim citadas, pode chegar, por exemplo, até Gil Vicente—Obras. Vol I. Pag 178—linhas—24 e 25.

Nem era só a delicadeza auditiva o que ainda não se desenvolvera entre os nossos antigos escriptores. Mal sensiveis á cacophonia, muitas vezes, tambem nada o eram á decencia da linguagem. Ruy Barbosa. «Redacção do Codigo Civil » 1902 Rio de Janeiro. Senado Federal.

(2)—Canto III. Estrophes 134^a e 135^a.

Quando Camões escreveu os *Lusiadas*, João de Barros e Sá de Miranda, lançando mão do tosco cabedal que lhes proporcionava a linguagem dos seus contemporaneos, já procuravam imprimir fórmulas mais estaveis e elegantes ao português, numa época em que o castelhano, em Portugal, invadia os circulos litterarios, por causas varias e circumstancias conhecidas, e, sobre tudo, pelo conceito em que era tido de lingua culta, sendo por isso preferido por muitos escriptores, quando fugiam ao latim, para a composição e impressão de seus trabalhos. Sá de Miranda mesmo não escapou a essa tendencia, embora ostensivamente criticando os que, com menosprezo do vernaculo, poetavam em latim. Jogando com pericia a lingua castelhana, foi considerado classico espanhol pela notavel producção litteraria que deixou nesse idioma. Gil Vicente escreveu autos em castelhano, Andrade Caminha a maior parte de suas poesias, e o proprio Camões muitos dos seus versos os compoz em lingua de Castella, talvez para contemporizar com o gosto da côrte em que eram lidos, ou tornal-os mais accessiveis e atrahentes aos ouvidos de D. Catherina de Athayde, filha de uma fidalga espanhola.

Da epocha em que floresceu Luiz de Camões foram Antonio Ferreira, Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Sá de Menezes, Jorge de Montemor, Côrte Real, Jorge Ferreira de Vasconcellos e todos poetaram e escreveram em lingua portuguesa com certa perfeição e originalidade. Antonio Ferreira, porém, dentre todos, foi o que mais primou em apural-a, polil-a e enriquecel-a, introduzindo muitos neologismos no seu vocabulario e fórmulas novas em suas maneiras de dizer, ao mesmo tempo que procurou accomodal-a á variada e opulenta syntaxe latina.

Ninguém prestou, antes de Camões, tantos e tão relevantes serviços ao idioma português, como Antonio Ferreira, porque, no apurar o gosto poetico e no vasal-o em moldes da mais concentrada harmonia, o seu maior cuidado era escolher expressões brandas e suaves, que pudessem corresponder perfeitamente á delicadeza do pensamento e á doçura da poesia. «De toda aquella exaggeração salutar dos latinizadores do seu tempo — escreve Julio de Castilho — tirou o sensato Ferreira o que devia: — o espirito; e animando cordatamente desse espirito a sua obra, fez brotar uma lingua sonora e energica, anafada de latim, mas portugûesa na valentia e no porte.» (3) Neste sentido, o seu trabalho foi immenso e inolvidavel o seu esforço e o seu merito. A leitura de varias de suas composições para logo nos revela o seu amor á linguagem lusa, que se firmava e a constante preocupação em melhoral-a, corrigindo-lhe as lacunas quanto á docilidade, variedade de termos e propriedade de expressões e synonymias. Os versos que se seguem patenteiam o entusiasmo de Ferreira pelo idioma patrio, ao mesmo tempo que traduzem um brado vehemente de protesto contra o castelhanismo, reinante em seus dias, e o menoscabo com que relegavam a sua lingua os proprios portugûeses. Refere-se o poeta a Andrade Caminha, que escrevia em castelhano:

«Esses teus doces versos com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, á extranha gente os deste.

Porque o com que podias nobrecer
Tua terra e tua lingua lh'o roubaste,
Por ires outra lingua enriquecer!»

.....

3) — «Antonio Ferreira». Livraria Classica. Tomo I. Pg. n. 168. Rio — 1875.

«Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa lingua e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva.

Se té qui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram;
Esquecimento nosso e desamor.» (4)

A obra litteraria de Antonio Ferreira, embora mais vasta, solida e valiosa do que a dos seus contemporaneos, não teve a influencia e a extensão da de Luiz de Camões, nem o serviço que a lingua lhe ficou a dever pode comparar-se ao que lhe prestou o auctor dos *Lusiadas*, com a publicação deste poema, em cujos versos o poeta do amor e dos mares deixou a sua alma espraiaar-se livre nos mais vivos arroubos de imaginação, revelando os recursos de sua intelligencia, as fulgurações do seu estro e o vasto conhecimento do idioma, que elle assentou de modo decisivo, em tão bellos e duradouros fundamentos. Tendo de exprimir, na contextura da epopeia ideias novas, expôr concepções e allegorias que demandavam roupagem original e tons proprios e especiaes, moldou e apurou a linguagem de tal maneira, com o criterio dos grandes espitos e com tão larga e nitida visão do futuro que, ainda agora, desprezados os usos do tempo quanto á orthographia e poucos casos de syntaxe, presentemente desusados, é o poema lido como se hoje escripto fôra. E' que Luiz de Camões, como diz Castilho, era um genio, ao passo que Antonio Ferreira apenas era um grandissimo talento.

A critica, mesmo na Italia, em parte justa, (5) tem considerado exaggero afirmar-se que Dante creou a lingua italiana, fixando-a como instrumento

(4)—Carta III. Livro I. Obra citada.

(5)—Cesar Cantu—«Historia Universal». Livro XIII. Tomo 8. Pag 122

perfeito e litterario, dando-lhe a fórma poetica e a flexibilidade que se lhe encontra na *Divina Comedia*, por isso que, no seu tempo, já poetas e escriptores de merito a exercitavam com pericia, como Brunetto Latini, Guido Cavalcanti, Guido Guinizelli, e outros que a litteratura da época nomeia e elogia. «L'ambiente, nel quale il giovinetto Dante visse, era tutto rallegrato da una vera e propria fioritura poetica, nella quale Firenze sorpassó subito in rigoglio tutte le città italiane. Già un gruppo di componimenti sorti tra le battaglie di Benevento e Tagliacozzo mostra come l'arte, e forse meglio artificio vi avesse parecchi e abili cultori.» (6) Quanto a Luiz de Camões, reputado o maior classico e o mais inspirado poeta da lingua portugueza, esse reparo não seria absolutamente justo, bastando comparar a obra litteraria de seus immediatos antecessores e a dos seus coevos para se obter a certeza do muito que lhe deve o nosso idioma na sua cadencia, no vocabulario e nos seus ornatos preciosos e unicos. «Antes de Camões—escreve Sotero dos Reis—não havia dialeto poetico em portuguez; a poesia não se distinguia da prosa senão pelo metro, o que é facil verificar nos escriptos de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Sá de Miranda. Camões, a quem Ferreira não pode disputar esta gloria, — foi quem creou o dialeto poetico, ou distinguiu a linguagem poetica da prosaica e fixou a lingua portugueza com seu immortal poema.» (7)

A linguagem de Luiz de Camões é, de facto, mais rica, flexivel e harmoniosa do que a de Ferreira e outros poetas e escriptores, seus contemporaneos, e o seu verso mais cheio, mais vivo, mais

(6)—Nicola Zingarelli. «Storia Letteraria d'Italia». Casa Vallardi. Milanó. «Dante».

(7)—Obra citada. Volume II. Pag. 55.

soante e dulçoroso ; a lingua portugueza, manejada por aquelle gigante do pensamento e do metro, tem segredos que, até então, só elle conhecia. Comparemos os seus formosos sonetos e todas as suas demais composições com as de Ferreira, em quem era grande tambem a cultura classica e o saber, e, de prompto, nos convenceremos deste asserto e da justiça indefectivel do juizo de Sotero. Não sendo intento nosso cotejar a obra dos dous grandes vultos das lettras lusitanas, nos furtaremos ao trabalho de comparações, lembrando apenas que o conceito, aqui emitto, é confirmado pelos mais illustres criticos: — «Camões foi quem melhor fundou a disciplina grammatical da lingua, enriquecendo-lhe o vocabulario com os archaismos e neologismos necessarios, fixando accentuações e dando á construcção syntaxica a plasticidade latina.» (9)

A obra de Luiz de Camões, o seu indefesso esforço e dedicação pelo apuro do idioma portuguez, foi tanto maior quanto, depois de ter saído de Coimbra e Lisbôa, viveu sempre isolado da convivencia de bons engenhos, no desterro voluntario ou forçado, na Africa e na India, sem outra companhia illustrada a não serem as reminiscencias das lettras classicas, em que era nimiamente versado ; não tendo na litteratura patria modelo a que imitar, ou a que se pudesse arrimar como guia seguro, na elaboração do poema que delineava, sob o ponto de vista do plano geral, do metro poetico e da linguagem lidima, houve de creal-os, ao contrario do que succedia a Tasso, seu contemporaneo e seu egual no genio e no infortunio. Tasso encontrava a lingua italiana desbravada e assente, enriquecida de modismos e bellezas definitivas, apurado o gosto poetico

(9)—Theophilo Braga. «Camões». Pag. 6, Chardron. Porto, 1907.

e. o que era mais, aperfeiçoados modelos nos poemas de Dante, mystico e imaginoso, e Ariosto imaginoso e arrojado, sem falar na *Italia Liberata* — de Trissino. A Italia era a patria de Miguel Angelo, Raphael, Boiardo, Machiavel, Giordano Bruno, Savonarola, Olympia Marata, Victoria Colonna, Salviati, Bostiano di Rossi e Galileu Galilei, e via brilhar, na côrte sumptuosa dos papas, Julio II e Leão X; era, em fim, a patria das ideias novas, o berço da Renascença, para cujo fulgor todos os povos se voltavam anciosos e sob cujo influxo se revolucionaram as sociedades sob o ponto de vista da politica, da religião e da litteratura. Camões, errante pelo mundo, desterrado na India, não recebia nenhum estimulo, nenhuma luz de sua patria; nada via em redor de si alem da saudade e da dôr, senão o genio luminoso a inspiral-o e o fogo do seu proprio talento e de sua imaginação, ardente e fecunda, a convidal-o á maior criação litteraria de sua época, de sua gente e de seu paiz. O engenho preencheu a falta de convivencia erudita e proveitosa e a solida cultura, já adquirida, amparada pelo talento maravilhoso, suppriu a ausencia de modelos auctorizados e o conselho dos mestres que lhe poderiam servir de fanal no arduo e glorioso empreendimento a que se abalançara.

Os variados recursos poeticos e as numerosas maneiras grammaticaes que empregamos hoje para vestir, com mais elegancia e primor, a linguagem da poesia e imprimir mais exactidão e colorido, vivacidade ou delicadeza á manifestação dos nossos sentimentos em verso, Luiz de Camões os conhecia todos e delles se serviu com propriedade inexcedivel e habilidade rara; figuras de palavras e de pensamento, metaplasmos e trópos, ornam e aformozentam, cada um no seu logar proprio, diversas passa-

gens da epopeia camoneana, desde a apherese vulgar até a methatese e a diastole; desde a ellipse e o pleonasma subtil até o hyperbaton mais atrevido; desde a metaphora e a allegoria delicada até a metalepse interessante e discreta; desde a periphrase, tão querida dos poetas e tão propria á poesia, até a mais ousada prosopopeia, eloquente, viva e estrondosa, e, por isso, os *Lusiadas*, agora e sempre, emquanto fôr o portuguez falado na terra, serão precioso compendio de linguagem fluente, de syntaxe figurada e opulenta entre tudo o que de mais castiço se tem escripto neste idioma, em ambos os hemispherios.

* • *

Hyperbaton elevado e arrebatador é, entre os muitos que se encontram nos *Lusiadas*, o das duas primeiras estrophes do canto I, quando Camões annuncia o seu objectivo; nessa bellissima passagem obteve o poeta, com a transposição dos termos logicos da oração principal, entre numerosas incidentes, extraordinario e admiravel effeito, augmentando-lhe o brilho e o vigor pela predominancia do som alegre, claro e vibrante das vogaes — *a — o — e — é* —, nos versos que constituem as duas estancias transcriptas, pois, isoladas e intercalladas nas syllabas de certos vocabulos, correspondem, em geral, a vozes e palavras que exprimem alegria, força, admiração e applauso. Camões tirou dessa circumstancia magnifico partido, imprimindo ao texto ar pronunciadamente festivo, majestoso e triumphal:

«*As Armas e os Barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram muito além da Taprobana,*

Em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 E entre gente remota edificaram
 Novo reino, que tanto sublimaram ;

«E tambem as memorias gloriosas
 D'aquelles reis que foram dilatando
 A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
 De Africa e de Asia andaram devastando ;
 E aquelles, que por obras valerosas,
 Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
 Se a tanto me ajudar o engenho e arte.» (10)

O hyperbaton empregado por Vergilio, na proposição da *Eneida*, não tem o arrojado e a extensão do precedente, como se pode verificar, comparando-os :

«Ille ego, qui quondam gracili modulatus avenâ
 Carmen ; et, egressus sylvis, vicina coegi
 Ut quamvis avido parerent arva colono,
 Gratum opus agricolis ; *at nunc horrentia Martis*
Arma, virumque cano, Trojæ qui primus ab oris
 Italiam, fato profugus, Lavinaque venit
 Litora.» ... (11)

Gabriel de Castro, expondo o thema da Ulyssea, serviu-se tambem da transposição dos termos da oração principal, na 1.^a estrophe do poema, mas sem o brilho, a imponencia e o tom vibrante que se encontram no hyperbaton camoneano, como é facil ver cotejando os dous textos :

«*As armas e o varão,* que os mal seguros
 Campos cortou do Egéo e do Oceano,
 Que por perigos e trabalhos duros
 Eternizou seu nome soberano ;

(10)—Canto I. Estrophes 1.^a e 2.^a.

(11)—Livro I. Do verso 1 a 7.

A grão Lisbôa e seus primeiros muros
 (De Europa, e largo Imperio Lusi'ano,
 Alta cabeça) se eu pudesse tanto,
 A' Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.» (12)

Critico apaixonado e emulo doentio de Camões, no empenho de immortalizar o Gama na esforçada empresa dos descobrimentos marítimos, Agostinho de Macedo, de igual modo, usou da construcção transposta, na primeira estrophe do *Oriente*, lançando a proposição do formoso poema, mas ahi, como em tudo o mais, se consegue enfeixar bellezas raras e desperta sincero enthusiasmo, muito longe ficou a sua temeraria e atrevida intenção do resultado obtido, como verá o leitor com animo de sentenciar:

«*O magnanimo heróe, que do Oceano*
Primeiro a estrada abriu do ignot'Oriente,
Fazendo ouvir o nome soberano
De Deus a extranho clima, e extranha gente;
Accrescentando ao Sceptro Lusitano
Um vasto Imperio n'Asia florescente:
Farei, se me fôr dado. em nobre verso
Nesta empresa immortal pelo Universo.» (13)

O hyperbaton dá ao discurso e á poesia inusitado brilho, mas, ao mesmo tempo, suspendendo o fio das ideias, pode tornar obscuro o pensamento; é, deste modo, uma figura, cujo emprego demanda o maior cuidado e criterio, afim de não parecer ridicula a inversão e confuso e intrincado o sentido da phrase. E isso é tanto mais verdade quanto a to-

(12)—Canto I. Estrophe 1^a. Grão Lisbôa — Grão — E' a fórma abreviada de — grande — que os antigos escreviam tambem — gran ou grã — como nós ainda hoje o fazemos: Gran-Bretanha, grã-cruz, gran senhor. A fórma empregada por Gabriel de Castro, tambem usada por Camões, em varias passagens dos «Lusiadas», se nos apresenta hoje intoleravel e, neste caso, muito dissonante.

(13)—Canto I. Estrophe 1^a.

dos os dotes da elegancia, á vehemencia e á euphonia, sempre se deve preferir a clareza para não cairmos no caso da synchyse, que deixa de ser uma figura tolerada para tornar-se construcção viciosa e condemnavel.

Nas estrophes de Camões, acima citadas, encontram-se facilmente os termos da oração principal, separados pelas incidentes que constituem as duas estancias da proposição do poema; a ligação se opera sem esforço, ouvindo o leitor a musica deliciosa que lhe canta na alma a poesia vibrante e alegre daquelles versos, tão animados do fogo do patriotismo e tão bem vasados no cadinho apurado da arte. Não menos bella é a inversão com que Luiz de Camões construiu a estrophe seguinte, embora sem o arrojado e as scintillações do hyperbaton precedente :

«Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras, com que Amor matou de amores
 Aquelle, que depois a fez rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flôres,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam, fervidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.» (14)

(14)—Canto III. Estrophes 182³. «Regadas tinha»—Camões, como os classicos antigos e os de seu tempo, empregava o adjectivo participio constituindo tempos compostos na fórma variavel, com relação a genero e numero, e assim diziam:

«E porque, como vistes, «tem passados»

Na viagem tão asperos perigos.» («Lusiadas». Canto I. Estrophe 29³).

«A gloria que tinha «ganhada» (João de Barros—«Chronica do Imperador Clarimundo.»)

«Tratado este casamento com as avenças que haveis ouvidas.»

(«Chronica do Senhor Rei D. Fernando.» Fernão Lopes. Vol. III.

Capitulo CLXIII.)

«Votos que em adversidades e doenças «tinha feitos» para remissão de culpas...» (Fernão Mendes Pinto. «Peregrinação». Vol. II.)

«Tendo «ordenadas» grandes festas e «feitas» para isso muitas despesas..» (Ruy de Pina. «Chronica Del Rei D. Duarte». Cap. IX.)

No caso da estrophe, acima citada, não se trata da construcção usada por Camões — do participio variavel, e sim de um adjectivo simples.

Ha nestes versos tanta imaginação, tanta subtileza de ideia e de fôrma, tanta delicadeza nos termos, na sua disposição e concordancia com o sentido das expressões, que podem ser, com justiça, reputados, sob o ponto de vista estetico, entre os mais formosos dos *Lusiadas*.

* * *

Numerosas são as prosopopeias de que Luiz de Camões faz uso no decorrer do poema, sem falar na mais imaginosa de todas — a do Adamastor — a erguer-se, ameaçador e raivoso, das brumas do mar e entre a caligem do céu, a predizer o futuro e prophetizar desgraças; muitas outras, igualmente bellas, embora sem tanto assômo, ornam e movimentam o poema. E' só procural-as e achal-as, e das mais expressivas:

«*Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida.*» (15)

«*Vós, ó concavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.*» (16)

«*Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saúdosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas, correndo piadosas.*» (17)

e por isso concordando, no plural, com o substantivo — flôres —. «Regadas» está ahi no plural, como está o adjectivo — brancas — não se tratando, portanto, de linguagem verbal composta. O sentido é este: Ignez tinha as brancas flôres, que no caso são as suas faces, regadas de seus olhos; isto é — pelo pranto que lhe caia dos olhos, como se diz: Elle tinha os seus jardins bem tratados, as suas roupas bem limpas — etc.

(15)—Canto I. Estrophe 35^a.

(16)—Canto III. Estrophe 133^a.

(17)—Canto III. Estrophe 84^a. — Piadosas —, em vez de piedosas.

Era a graphia daquelle tempo. Poderão, porém, parecer frouxos o segundo e o quarto verso, acima citados, por ser preciso accentuar bem, na leitura,

«Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro; e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso,
E as mães que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.» (18)

São bellissimas a prosopopeia e a hyperbole que simultaneamente se encontram nesta estrophe, a qual, pela semelhança das imagens e natureza dos termos que a constituem, lembra muito de perto a seguinte oitava de Ariosto:

«Tremó Parigi, e turbidossi Senna
All'alta voce, a quel'o orribil grido;
Ribombó il suon fin alla selva Ardenna
Si che lasciar tutte le fiere il nido.
Udiron l'Alpi e il monte di Gebenna.
Di Blaia e d'Arli e de Roano il lido;
Rodano e Sonna udi, Garonna e il Reno:
Si strinsero le madre i figli al seno.» (19)

a letra — u — da palavra — saudosa — contando-se-lhe, assim, quatro syllabas e dando-se tambem equal numero de syllabas ao adjectivo — pias-dosas, — lendo-se — pi-a-do-sas. — Com esta entonação, ambos os versos são perfectos. Ainda hoje os poetas se arrogam esta liberdade, desde que, pela constructura do verso, não se prejudique a sua sonoridade e a exigencia da metrificação, como no caso.

Almeida Garrett, no seu notavel poema—«Camões»—emprega a palavra — saudade —, de que é cognato o adjectivo—saudoso,—fazendo-a ora quadrissyllaba, ora trissyllaba, pronunciando-se. no primeiro caso, sa-ú-da-de — e no segundo — sau-da-de—, o que no Brasil é muito commum:

“Sau-da-de! gosto amargo de infelizes,
— Mas dor que tem prazeres — Sa-u-da-de!

.....
Sôro de estanques lagrimas — Sau-da-de!”
(Canto I. Versos 1º, 5º e 9.º)

Na leitura dos «Lusiadas», os casos que se nos apresentam como erros metricos devem ser levados á conta da prosodia que vigorava na época de Camões, de modo que os erros metricos do poema, como diz o illustrado dr. Candido de Figueiredo, uns são mera invenção de zoilos tres-noitados e outros obra de editores pouco escrupulosos. («Novas Reflexões sobre a Lingua Portuguesa». Lisboa 1917. Pag. 162.)

(18)—Canto IV. Estrophe 28^a. — Terribil—já tratámos dos adjectivos desta terminação, em nota antecedente —Escuitar—fôrma antiquada de—escutar—.

(19)—«Orlando Furioso.» Canto XXVII. Estrophe 101^a.

Commentadores de Ariosto salientam, por sua vez, a reminiscencia que estes versos evocam desta passagem de Vergilio :

«Audiit et Triviæ longè lacus, audiit amnis
Sulfureâ Nar albus aquâ, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressère ad pectora natos.» (20)

E' a coincidência de ideias, imagens e pensamentos no espirito dos grandes poetas, como dos grandes prosadores, quando é ardente a imaginação e creador o sopro do genio; o mais bello verso de todo o *Uruguay*, de Basilio da Gama — «Tanto era bella no seu rosto a morte.» — (21) lembra este outro de Petrarca : — «Morte bella parea nel suo bel viso.» (22)

*
*
*

De variadas hyperboles está entremeado o poema, tão bem dispostas quanto adequadas e energicas, sem se ultrapassar, comtudo, os justos limites prescriptos pelos mestres ao emprego desse precioso recurso; Luiz de Camões, com o tino de artista de genio, exaggera o sentido de suas expressões, augmentando-lhes ou diminuindo-lhes as dimensões, as consequencias e os effeitos, carregando ou ali geirando as côres e os tons com que as apresenta, sem prejuizo da verosimilhança e da naturalidade da descripção e do discurso, como se faz mister sempre na construcção hyperbolica. Vejamos alguns exemplos :

«E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o belligero aparelho.
Pera que ao portuguez se lhe *tornasse*
Em rôxo *sangue* a *agua* que buscasse.» (23)

(20)—«Eneida». Livro VII. Versos 516, 417 e 518.

(21)—Canto IV.

(22)—«Trionfo della Morte. Capitulo I — in fine.

(23)—Canto I. Estrophe 82^a.

«Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo *collo* que a *neve escurecia*.» (24)

Esta segunda hyperbole, em que Luiz de Camões figura cairem os cabellos louros de Venus sobre o collo da deusa dos amores, collo tão claro que superava em alvura a propria neve, lembra, pelo arrojo, pela belleza e analogia da imagem, esta outra de Antonio Ferreira, referindo-se tambem á protectora dos lusitanos que, aqui, como alli, tem os cabellos de ouro e o collo de neve :

«Ella a neve descobre e solta o ouro.» (25)

«Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo do seu *sangue bruto lago*,
Onde outros meios mortos se *afogavam*,
Quando ao ferro as vidas escapavam.» (26)

«Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.» (27)

Recorda esta hyperbole, pelo exaggero com que se pinta o furor da batalha e o encarniçado da lucta, que faz correr rios de sangue, tingindo-se de

(24)—Canto II. Estrophe 36^a.

(25)—«Elegia» III A Maio.—

(26)—Canto III Estrophe 113^a

O adjectivo —meio— empregado antes de outro adjectivo, assume função adverbial, tornando-se, portanto, inalteravel e não experimenta variação alguma em sua desinencia: —casas «meio» arruinadas; luzes «meio» apagadas. Nos escriptores antigos, encontram-se exemplos em contrario, em que o adjectivo não perde a sua função taxinomica e varia para concordar em genero e numero com o substantivo, como no caso acima citado e noutros muitos:

«A «carne» dos cavallos «meia» crua.» (D. Nuno. Cron. Vol. II. Pag. 55.)

«Fomos á «embarcação» que «meia» envasada na lama..» (F. M. Pinto. Vol. II. Pag 55. Rio de Janeiro.

«Limitamo-nos a fazer algumas «reflexões meias» consoladoras, «meias» tristes..» (F Elysió. Obras. Vol. IX Pag. 443)

«Os outros corpos estão «meios» podres...» (Manoel Bernardes — «Nova Floresta» — Vol. II pag. 95.)

(27)—Canto III. Estrophe 52^a.

vermelho o proprio verde dos campos, imagem semelhante empregada por Vergilio, quando relata os extraordinarios phenomenos observados no mundo, por occasião do assassinio de Julio Cesar :

«Infandum! sistunt annes, terræque dehiscunt;
Et mæstum illacrymat templis ebur, æraque su-
[dant. » (28)



A periphrase, que é um dos mais delicados recursos da oratoria e um dos mais bellos ornatos da poesia, era utilizada por Luiz de Camões com equal facilidade; é só ver, á ventura, as estrophes em que elle pinta o raiar da aurora, o pôr do sol, e outras phases do dia ou da noite e refere-se a factos e incidentes, caracteristicos e qualidades da natureza e das cousas:

«Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou
No céu sereno, abrindo a rôxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;» (29)

.....

«Mas assi como os raios espalhados
Do sol foram no mundo, e num momento
Appareceu no rúbido horizonte
Da moça de Titão a rôxa fronte.» (30)

Decorre naturalmente ao nosso espirito, ao trasladar estes versos com que Luiz de Camões representa o nascer do dia, a que a aurora abre, com dedos de marfim, as roseas portas do céu, esta for-

(28)—«Georgica». Livro I. Versos—479 e 480.

(29)—Canto I. Estrophe 59^a.

(30)—Canto II, Estrophe 13^a.

mosa períphrase de Gonçalves Dias, descrevendo o amanhecer em plena matta das regiões brasileiras :

«Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso:
Quando o sol vem dourando os altos montes
E as ledas aves á porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume que embalsama os ares ;

Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véo da parda névoa ;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros,
Gentis orlados com listões de fogo ;

Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gottas
Ou pó subtil de perolas desfeitas. » (31)

E' o nascer do sol e o despertar da aurora que Gonçalves Dias figurou na synthese magnifica dos versos antecedentes. A tela do poeta brasileiro é mais vasta, mas o brilho que irradia não é mais intenso do que o fulgor que se derrama da synthese camoneana.

«Cinco vezes a lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava pôsto. » (32)

Contadas as cinco phases da lua cheia, ter-se-ão cinco meses, duração do cerco de Lisbôa nessa época, como rezam as chronicas e documentos historicos.

(31)—Os «Tymbiras» Canto III. Primeiros versos.

(32)—Canto III. Estrophe 59.

«A gente da côr era verdadeira
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.» (33)

A gente era negra; refere-se Camões á Africa da qual varias regiões ficaram abrasadas, quando Phaeton, guiando o carro do sol, aproximou-se demasiadamente da terra.

«Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia.» (34)

E' o crepusculo que Vergilio pintou de modo inimitavel:

«E jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.» (35)

«Mas já o claro amador da Larisséa
Adultera inclinava os animaes
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão, nos fins occidentaes;
O grande ardor do sol Favonio enfreia
C'o sopro, que, nos tanques naturaes,
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmims, que a calma aggrava.» (37)

E' bellissima e encantadora esta periphrase, que, por sua vez, se decompõe em outras. A estrophe toda é o quadro do cair da tarde nas regiões tropicaes; o amador da Larisséa é Apollo, que symbolizava o sol; o grande lago que Temistitão rodeia, nos fins occidentaes, é o Mexico; Favonio é o vento fresco e vespéral de oeste; tanques naturaes são os mares, os rios, os lagos e as fontes. Esta oi-

(33)—Canto I. Estrophe 46^a.

(34)—Canto VIII. Estrophe 44^a.

(35)—«Bucolica». Ecloga 1.^a in fine.

(37)—Canto X. Estrophe 1^a.

tava é, pois, uma como grande tela que reúne no seu conjuncto variadas e formosas paisagens ; a poesia que a traduz é maviosa e corrente, natural e sonora, fechando-a esta chave de ouro, tão primorosa e delicada, pela verdade da descripção e doçura do canto, que nos faz soar aos ouvidos :

«O grande ardor do sol Favonio enfreia
C'ò sopro, que, nos tanques naturaes,
Encrespa a agua serena e despertava
Os lirios e jasmims, que a calma agrava.»

A musica desta poesia, os versos vibrantes e melodiosos que a interpretam, a conformidade do descripto com o natural, nos accordam passagem analoga, em verso animado e fulgente, como os de Camões :

«Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas,
E d'araponga o canto que soluça,
Acorda os echos nas sombrias grótas ;
Quando sobre a lagôa que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaiivotas,
E a onça sobre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

«Era a hora em que os caldos rumorejam,
Como um abrir de boccas inspiradas,
E os angicos as comas espanejam
Pelos dedos das auras perfumadas...
A hora em que as gardenias, que se beijam,
São timidas, medrosas desposadas ;
E a pedra... a flôr... as selvas... os condores
Gaguejam... falam... cantam seus amores !

Hora meiga da tarde !...» (38)

.....

*
**

Sobram tambem nos *Lusiadas* as apostrophes, em passagens, onde só o genio de Camões poderia empregal as com bom exito, pois, sendo esta figura contraria á indole da narração, porque lhe corta a sequencia e a interrompe, faz-se mister muita habilidade da parte de quem a utiliza, para que se não perca e obscureça o sentido da oração principal, compromettendo-se, por completo, a clareza do enunciado todo. Transcrevemos a seguir alguns exemplos, dentre os quaes se destaca, pela belleza e ampliação que Luiz de Camões lhe deu, a do canto VII e que se estende desde a estrophe 78^a até a 87^a.

Vai o Gama satisfazer a justa curiosidade do catual de Calecut ante a historia que lhe offereciam, no seu mudo symbolismo, os padrões e as bandeiras de Portugal, quando Camões, de chofre, lhe quebra o fio á narrativa, apenas iniciada, com esta apostrophe :

«Um ramo na mão tinha... Mas, oh cego !
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario !
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario
Que, se me não ajudais, hei grande mêdo
Que o meu fraco batel se alague cêdo.» (39)

E continua, assim, pelas estancias seguintes até a 87^a, que é a derradeira do canto VII, e nas quaes Luiz de Camões se queixa dos duros trabalhos, ingratições e desenganos, que a fortuna lhe tem feito experimentar, em terra e no mar, tendo «nua mão sempre a espada e noutra a penna» — e, mais uma

(39)—Canto VII. Estrophe 78¹.

vez, fervorosa e ardentemente, appella para o patrocinio de Apollo e das Musas que jamais o abandonaram, e sem cujo influxo divino não poderia librar tão alto o vôo de sua imaginação em assumpto tão alevantado e heroico.

Revelando Jupiter á Venus encantadora as futuras glorias reservadas pelos fados aos portuguezes no Oriente, Camões lhe interrompe o vaticinio com esta apostrophe, que é, ao mesmo tempo, uma hyperbole, na qual externa o poeta o acendrado zelo pelo nome extremecido de sua patria e pelas tradições de poder e gloria, valor e ousadia indomavel de sua gente:

«Vereis este, que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vae buscando,
 Tremer d'elle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando,
 O' caso nunca visto e milagroso!
 Que trema e ferva o mar, em calma estando,
 O' gente forte, e de altos pensamentos
 Que tambem d'ella hão mêdo os elementos!» (40)

O hyperbolico desta figura, embora formosissimo, lembra a atrevida exclamação de Ajax, quando subita escuridade envolvia o exercito grego, na lucta contra os troianos:

«Deus grande, expulsa a noite, que nos céga,
 E briga contra nós a luz do dia!» (41)

Descreve Camões a triste e commovente scena do assassinio de Ignez de Castro, naquella tocante passagem dos *Lusíadas*, em que o coração enterne-

(40)—Canto II. Estrophe 47. — Vereis este — E' Vasco da Gama. O sentido é o seguinte: vereis Vasco da Gama, que vai buscando o Indo, no auge da fama e da gloria, a tal ponto que o proprio Neptuno virá a tremer d'elle. Nota-se no caso uma verdadeira anacoluthia.

(41)—«Iliada». Livro XVII.

ce e os olhos lacrimejam ; verbéra a crueldade inaudita do nefando crime e não abafa o grito de dôr, que explode nesta apostrophe bellissima :

« Bem puderas, ó sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia ! » (42)

A justa repulsa por tamanha crueldade, perpetrada por cavalheiros e fidalgos, contra uma fraca moça delicada e indefesa, provocou a Camões este brado de indignação evocativo daquelle gemido d'alma que Dante, por seu turno, faz brôtar dos labios do cõde Ugolino, quando, em o nono circulo do *Inferno*, narra, offegante e miserando, o seu horroroso martyrio :

« Ahi, dura terra, perché non t'apriste ? » (43)

*
* *

No jogo de palavras, repetindo-as para tirar da concorrência dos mesmos sons, embora com sentidos diversos e, ás vezes, bem contrarios, o maior effeito ; no emprego de pleonasmos e synonymias, anaphoras, diacopes, epistrophes e epanaphoras, Luiz de Camões não tem rival, usando-os com estricta propriedade e apurado acerto, sem obscurecer o sentido das expressões e do verso, e sem repetições viciosas e parallelismos condemnaveis. Não é possível, nas limitadas paginas deste capitulo, transcrever e exemplificar tudo ; seria mister um livro inteiro para citação de tantas bellezas e documentação circumstanciada e explicativa de cada uma dellas, e

(42)—Canto III. Estrophe 133.

(43)—«Divina Comedia. In:erno». Canto XXXIII. Verso 66.

por isso, nos limitamos a apontar os dous interes santissimos casos, de anaphora e epanaphora, que se seguem :

«A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente ?
Que perigos, *que* mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preminente ?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro que (46) lhe farás tão facilmente ?
Que famas lhe prometterás ? *que* historias ?
Que triumphos ? *que* palmas ? *que* victorias ?» (44)

«Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme ;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme ;
Qual do cavallo vôa, que não desce ;
Qual c'o cavallo em terra dando, geme ;
Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
Qual c'os pennachos do elmo açouta as ancas.» (45)

*
* *

No emprego de palavras, substantivos, adjectivos ou verbos, etc., formando gradações, no sentido ascendente ou descendente, precioso recurso de que lança mão o publicista, o orador e o poeta, na escriptura, no discurso e no verso, para modificar aos poucos, do mais leve para o mais carregado, do mais vivo para o mais pallido, descripções, acções e ideias, apressando ou retardando a marcha dos acontecimentos ou dos factos, augmentando ou diminuindo as dimensões e as fórmulas das cousas, Luiz de Camões era nimiamente versado e feliz;

(44)—Canto IV. Estrophe 97.^a — «D'ouro que...» — Este — que — é pleonastico, ahí encaixando pela exigencia da metrica, para dar mais força á expressão.

(45)—Canto VI. Estrophe 64.^a.

as gradações caíam-lhe da penna para o verso como medidas a compasso, bem ajustadas e convenientes nas proporções, no colorido e na sonoridade.

Alguns exemplos, além dos citados anteriormente em outros capítulos, illustrarão estas paginas, servindo de prova á affirmativa :

«Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se deante,
Salta, corre, sibila, acena e brada ;
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra.» (46)

A continuada serie de verbos, tanto no quarto verso como no oitavo, formando a gradação com que se fecha a estrophe, pela natureza dos agentes e pela semelhança das scenas, recorda esta passagem de Tasso, muito natural e muito bem combinada :

«Ogni cavallo in guerra anco s'appresta ;
Gli odii e'l furor del suo signor seconda ;
Raspa, batte, nitrisce e si raggira,
Gonfia le nari, e fumo e foco spira.» (47)

•Por toda a parte andava accessa a guerra :
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.» (48)

(46)—Canto I. Estrophe 88. O verbo — derribar — ahí significa abater, fazer cair (no caso) do cavallo, pois os cavalleiros corriam os touros a cavallo, e assim a gradação fica perfeita. Ha a notar ainda, neste verso, a repetição da conjunção — e — para dar mais força á gradação pela figura polysindeton.

(47)—La «Gerusalemme Liberata». Canto XX. Estrophe 29.

(48)—«Lusiadas». Canto III. Estrophe 51.

Esta gradação verbal, nos dous ultimos versos da estancia citada, evoca esta outra de Victoriano Palhares, tão bella, expontanea e onomatopaica :

«Tudo *range, vacilla, chia, estala*
O machado, o vapor, o arpéo, a espada,
Homérico fragor !» (49)

«O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco, rio.» (50)

«As duas illustrissimas inglesas,
Gentis, formosas, inclitas princesas.» (51)

O emprego dos adjectivos —gentis, formosas e inclitas—, formando gradação no sentido ascendente, desperta, em nossa memoria, outra tão corrente e bem combinada, do mavioso e inspirado Gonçalves Dias, e na qual os adjectivos utilizados são postos em egual funcção :

«O céu era *azul* e tão *meigo* e tão *brando*,
A terra tão *erma*, tão *quieta* e *saudosa*,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.» (52)

*
* *

Quem jogava tão bem, como Luiz de Camões, a lingua portugueza, tirando da collocação das palavras e da escôlha variada de suas synonymias excellente partido no exprimir em verso os seus pensamentos, não se esqueceria do maravilhoso effeito das onomatopeias, escrevendo em um idioma que possui um thesouro de vocabulos dessa natureza. Onomatopeias Camões as formou, nos *Lusiadas*,

(49)—«Centelhas». Pag. 36.

(50)—Canto VII. Estrophe 43^a. «Lusiadas».

(51)—Canto IV. Estrophe 47^a.

(52)—«Poesias». O «Soldado Hespanhol». 1896. Rio de Janeiro.—

não só pelo emprego de termos que, pela pronuncia e tonalidade, são onomatopaicos, como pela applicação de outros que, sem participarem dessa qualidade, se prestam, todavia, a esse effeito, repetidos e convenientemente dispostos na phrase. De muitos já nos occupámos em paginas anteriores, e agora transcrevemos ainda mais alguns exemplos:

«Eis nos bateis o fogo se levanta
Da furiosa e dura artilheria ;
A púmblea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar *retumba e assovia.*» (53)

«As *bombardas horrisonas bramavam,*
Com as nuvens de fumo o sol tomando ;
Amiudam-se os *brados* accendidos,
Tapam co'as mãos os mouros os ouvidos.» (54)

«A *canora trombeta* embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.» (55)

Lendo estas passagens, em que as palavras, quando pronunciadas, por sua propria natureza morphologica, enchem ruidosamente os versos, concorrendo para a formação de tão admiraveis e perfeitas onomatopeias, o espirito recorda a estrophe de Tasso, em que o poeta de Sorrento tirou o mesmo resultado de palavras semelhantes:

«Chiama gli abitator de l'ombre eterne
Il *rauco suon* de la *tartarea tromba.*
Treman le spaziose *atre caverne*
E l'aer ciego a quel *romor rimbomba.*» (56)

(53)—Canto I. Estrophe 89^a.

(54)—Canto II. Estrophe 100^a.

(55)—Canto III. Estrophe 107^a.

(56)—«La Gerusalemme Liberata» — Canto IV. Estrophe 3.^a

«Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
“Affonso, Affonso”—os echos; mas em vão.» (57)

Obteve Luiz de Camões, no fecho desta estancia, magnifico partido da repetição do nome proprio, que, não tendo de nenhum modo som onomatopai-co, se prestou á construcção de um optimo verso dessa natureza, dando-nos a impressão de que o echo repete sempre o nome querido do rei. E' o mesmo effeito que, com a repetição de duas unicas palavras, conseguiu Claudio Manoel da Costa, o emulo de Bocage como sonetista, no ultimo terceto de um dos seus mais formosos sonetos :

«Nem ao menos o echo me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?» (58)

«A lingua portugueza é — no dizer de Francisco Rodrigues Lobo — branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, accommodada ás materias mais importantes da pratica e da escriptura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica; para prégar é substanciosa, com uma gravidade que auctoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esteril que a limite; para historia nem é tão florida que se derrame, nem tão secca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da bocca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia.

(57)—«Lusiadas». Canto II. Estrophe 84^a.

(58)—«Obras Poeticas». Vol. I. Pag. 109. Garnier. Rio de Janeiro-1903.

«Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade. E, si á lingua hebréa, pela honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu que outra tanto fuja de palavras claras em materia descomposta quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pedinte.» (59)

Ostentando, de facto, todas estas excellencias, a lingua portuguesa teve a sua mais elevada consagração no poema de Luiz de Camões, onde se requintam os seus dotes e se revelam os seus primores. Canta languida e triste no episodio de Ignez de Castro; arrebatada na apostrophe de Nuno Álvares; apavorada e commove no episodio de Adamastor; discorre, fluente e clara, na narração de Vasco da Gama ao rei de Calecut; é, em fim, o idioma que fez gloriosa a musa de Bocage, vibrante a oratoria de Vieira, nobre e elevada a prosa de Alexandre Herculano, e hoje, no Brasil e no mundo, a obra multifaria e immortal de Ruy Barbosa.

Agostinho de Macedo, emulo de Camões e critico extremamente apaixonado dos *Lusiadas*, não occultava, quando o despeito lhe deixava raiar pelo espirito a luz da razão imparcial e justa, a sua profunda admiração pelo inestimavel serviço que o poeta do Gama prestou á lingua portuguesa. «Luiz de Camões — diz elle — é muito digno de respeito e de

louvor ; foi o primeiro que, entre nós, architectou um poema heroico, *aperfeçoou* e *adeantou* muito a lingua, sendo o mais polido dos escriptores de seu tempo. » (60)

Estas palavras, pela fonte de onde emanaram e pelo incontestavel valor de quem as escreveu, valem uma sentença, reconhecendo o auctor dos *Lusiadas* como o classico, por excellencia, da lingua portugueza, juizo que a actualidade não desmente.

(60)—«Censura das Lusiadas». Tomo II, Pag. 6. Lisboa. 1820.



O EMULO DE CAMÕES



O EMULO DE CAMÕES

«Entre o *Oriente* e os *Lusiadas* existe a differença que assignalam os criticos entre a imitação e a inspiração; entre o que é composto nos lazeres da vida e o que é escripto no intervallo das batalhas, em horas de amargurado desterro.»

(Fernandes Pinheiro. *Litteratura Portuguesa*).

A vida de Luiz de Camões, misto de amor, gloria e desdita, foi mais aventureosa do que infeliz; tendo conquistado certa nomeada na côrte como poeta, bem cedo teve de abandonal a para o viver de incertezas e combates, na Africa e na Asia, lutando contra o odio de inimigos poderosos e des-affectos gratuitos, que lhe grangeava o genio satyrico e irrequieto, engrossando-se-lhe, assim, a onda da adversidade. Elle mesmo, melhor do que ninguem, nos dá noticia dos infortunios de sua existencia, accidentada e trabalhosa, em dous passos differentes dos *Lusiadas* e num trecho de uma de suas canções :

.....
«A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos damnos,

Castilho (4) procura explicar não pela inveja e rivalidade que contra elle nutrissem estes cultores das musas, mas pelo afastamento em que vivia o grande epico da formosa e movimentada Lisbôa, e principalmente pelo facto de só se ter feito verdadeira aureola de notoriedade em torno de seu nome, depois que saiu a publico o poema immorredouro.

Poeta eximio em varios generos a que inclinava a sua lyra, Luiz de Camões, vibrando-lhe as cordas em todos os tons, no soneto, nas bucolicas, nas canções e nas odes, aos melhores egualava quando não os excedia; isto, ao lado de circumstancias varias que concorreram para isolal-o dos seus contemporaneos e emulos, ou melhor, a sua propria superioridade, desafiando competencias e rivalidades, justificam e accentuam o facto que Castilho procura attenuar, senão contestar em absoluto e por completo. A verdade é que, já se admiravam as bellezas dos *Lusiadas*, quando D. Sebastião, a quem Camões dedicara o poema, partindo para a desastrada e infausta jornada da Africa, escolheu a Diogo Bernardes para glorificar os futuros feitos da projectada empresa, sem se lembrar do cantor do Gama, em cujo nome então se entrelaçava o seu, o que prova a má vontade e a desconfiança, votadas pelos intrigantes da côrte e das letras ao poeta soldado, sobre cuja frente já se espalmavam as azas da immortalidade.

Duzentos annos mais tarde o poema de Luiz de Camões era o maior padrão de gloria das letras portugêsas; a fama do seu genio e o renome da maravilhosa creação de seu talento poetico haviam ultrapassado as fronteiras da patria, então pequena

de mais para contel-os na extensão desmedida de seu fulgor, mas, apesar disso e mesmo por isso, o destino, que fôra em vida tão adverso a Luiz de Camões, levanta e anima contra a justa e gloriosa nomeada do monumento camoneano a emulação posthuma e a critica desenfreada e cêga de um dos mais afamados oráculos do Parnaso lusitano.

Rivalidades e enrêdos no cenaculo das letras e o mal contido amor proprio de um homem de espirito grandemente culto, e de incontestavel estro poetico, ferido em seus melindres por frequentes disputas em que os *Lusiadas* eram o assumpto, como pomo de discordia, o animaram ao arrojo inaudito de prometter aos contemporaneos uma epopeia que deveria supplantar, pela belleza de seus lavo- res, disposição primorosa da materia e inteira obediencia aos preceitos do poema heroico, a obra já consagrada de Luiz de Camões, amortalhando-a no esburacado manto de seus defeitos, incongruencias e disparates. Não fôra esta presumpção, por demais irreflectida, quando os *Lusiadas* já haviam recebido do mundo inteiro a merecida consagração de sua celebridade, e o *Oriente* seria hoje um dos poemas mais queridos da litteratura portugueza e o nome de Agostinho de Macedo um dos mais festejados na pleiade litteraria de seu tempo.

O amor proprio e a vangloria, offuscando a luz pura e serena de sua intelligencia de escol, arrebataram-no por tortuosa vereda, quando, cedendo ás injuncções desses sentimentos, procurou offuscar na «*Censura das Lusiadas*» o valor deste poema, numa critica em que não o guiaram a razão e o bom senso e, muito menos, a justiça.

O *Oriente*, cujo assumpto é o mesmo da epopeia camoneana, é um poema de arte e de gosto, pela bem disposta harmonia de suas partes, pela

perfeita distribuição da materia nos differentes cantos em que se divide, pela inteireza, doçura dos versos e riqueza de metrificacão e, finalmente, pela apurada linguagem e estyllo poetico em que foi moldado, mas não tem a vida, o brilho, o frescor e a naturalidade dos *Lusiadas*; ha entre os dous monumentos litterarios a differença que se nota entre a obra do genio, inspirada, espontanea e correntia e a da arte, imitada, ajustada e limada segundo as regras e os preceitos estabelecidos pelos modelos consagrados. Num as falhas são jaças do proprio brilhante, que se percebem sem lhe tirar o fulgor; noutro as perfeições são effeitos do esforço meditado sobre os preceitos da escola e, por isso mesmo, se admiram, mas sem enthusiasmo, como se admira e distingue a natureza viva e a natureza morta.

Era assim o destino de Luiz de Camões; em vida a lutar contra embaraços de toda sorte, amores correspondidos mas desventurados, difficuldades e perigos a vencer numa existencia atribulada de soldado adventicio e nómada; morto, quando os mais virentes louros lhe ornavam a memoria e o seu poema era o livro santo de sua nacionalidade, o Evangelho de suas tradições, um sopro de vaidade, quasi insanía, procura varrer-lhe da frente as flôres do triumpho, e fazer em pó o pedestal de sua gloria. Librando-se nas azas de robusto e educado talento poetico, e favorecido pelo profundo conhecimento do idioma e da metrica, Macedo, si não rivalizou, no dominio da poesia epica, com Luiz de Camões, ao menos, conseguiu legar aos seus coetaneos obra digna de renome e só prejudicada pelo desmedido orgulho e injustificavel acinte com que a empreendeu.

Animado Agostinho de Macedo do proposito de dar á publicidade um poema heroico, que,

no seu dizer, Portugal ainda não possuía, pois negava, em pleito de todo o dia, tal qualidade ao poema camoneano, elegeu, movido desta vaidade doentia, o assumpto dos *Lusiadas*, para que pudessem ser os dous trabalhos comparados e julgados pela critica contemporanea. Discorrendo sobre o mesmo thema, utilizou-se, para tornar mais interessante a acção da epopeia e facilitar a desejada comparação, de varios episodios e lances que entremeiam o poema de Luiz de Camões, dando-lhe novos traços e outras côres. Comparemos algumas das principaes passagens das duas obras, para julgal-as.

Parte de Lisbôa a armada de Vasco da Gama para o grande commettimento. Estende-se pelas praias a multidão curiosa de espectaculo tão commovente, desusado e triste; choram mães e esposas, filhos e irmãos, parentes e amigos pelos que se vão a destino incerto por arriscado e aventureoso caminho. Ha pranto em todos os olhos, arfam de dôr todos os seios, enrugam-se de tristeza todos os semblantes, dos que ficam e dos que partem, pela saudade que occasiona uma ausencia, cujo termino não se prevê, quando um velho, vergado ao peso dos annos, erguendo a fronte no meio da multidão, e alongando a vista para a frota que, de velas enfunadas, já se move demandando os mares, começou a imprecar contra empresa tão temeraria. Camões descreve assim aquelle passo e põe na bocca do ancião este discurso :

«Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós do mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :

•Oh gloria de mandar! Oh vã cobiça
 D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atiça
 C'ua aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão, que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles experimentas!

«Dura inquietação d'alma e da vida
 Fonte de desamparos e adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos e de imperios!
 Chamam-te illustre, chamam-te subida,
 Sendo digna de infames vituperios;
 Chamam-te fama, e gloria soberana,
 Nomes com quem se o povo nescio engana!

«A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo d'algum nome preminente?
 Que promessas de reinos e de minas
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometterás? que historias?
 Que triumphos? que palmas? que victorias?»

.....

«Oh maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas velas poz em secco lenho!
 Digno da eterna pena do Profundo,
 Se é justa a justa lei, que sigo e tenho.
 Nunca juizo algum alto e profundo,
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria;
 Mas comtigo se acabe o nome e a gloria. (5)

5 — Canto IV. Estrophes 94^a, 95^a, 96^a, 97^a e 101^a — «A «quem» chamamos...» — Com «quem» se o povo....» Os escriptores antigos empregavam —«quem»— tanto com referencia a cousas e substantivos abstractos, como as pessoas. Hoje essa liberdade está abolida e —«quem»— só se pode referir a pessoas ou a cousas personificadas, no caso de prosapopeia. Do uso classico não faltam exemplos, fóra de Camões. «Mas não me posso negar da natureza de um mau metal, de «quem» contam...» (Frei Luiz de

Esta passagem, tão commovedora e atrevida, é descripta por Agostinho de Macedo do modo por que damos abaixo :

«Emquanto o mar e as naus contempla attento
O misto povo attonito, enleado,
E os triumphaes pendões sacode o vento,
Na prôa o duro ferro a pique alçado :
D'entre tão numeroso ajuntamento
Sob o peso dos annos encurvado,
Ergue a voz um varão, qual viva chamma,
E assim com pasmo universal exclama :

«Quando, céga Ambição, nos teus altares
Deixará de expargir-se sangue humano ?
Quando de extinctas victimas milhares
Deixará de abrasar teu fogo insano ?
Quantas sorvidas dos ferventes mares
Tem pranteado o povo lusitano ?
Quanto lhe custa a heroica facanha
De abrir no vasto mar vereda extranha !

«Escrepto veja nos Annaes da Historia
Esse que julga permanente o nome ;
Acaba o nome, acaba-se a memoria,
Que a mão do Tempo os marmores consome :
Fantásticos tropheus, Fama illusoria,
Que a famulenta sepultura come ;
Tudo se acaba, tudo se esvaece,
E só virtude eterna permanece .

«Morra a lembrança do primeiro humano,
Que deslumbrado, intrepido, atrevido,
Nas azas d'Ambição foi d'oceano
Transpor, voando, o espaço não sabido ;

Souza. «Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres». Tomo III Livro V. Cap. I Pag. 6. Braga 1890).

»A divisa que traz na mão direita
Por «quem» se manifesta e se conhece».

(Affonso Africano. Conto I. Estrophe XII. Mausinho de Quebedo). «Lucio Crasso, por lhe morrer uma lamprea do seo lago, a, «quem» queria bem....» (Manoel Bernardes. «Nova Floresta. IV pg. 144.

Ousou, levado de ardimento insano,
Ouvir do vento o horrisono bramido,
Deixando o berço natural, a terra,
Foi declarar á Natureza a guerra.» (6)

A simples leitura das estrophes camoneanas e a das de Macedo, para logo nos convence da excellencia, naturalidade e animação das primeiras sobre as segundas; o ancião que, encurvado sob o peso dos annos, ergue a voz entre tão numeroso ajuntamento, para condemnar a viagem á India, como nol-o pinta Agostinho de Macedo, não tem a imponencia majestosa, nem a auctoridade impressionante daquella figura veneranda, que descontente, entre o povo que se acotovelava nas praias do Tejo, meneando tres vezes a cabeça, postos os olhos na armada, lança aos quatro ventos esta soberba apostrophe, tão conceituosa e verdadeira e que, em summa, abrangia todo o objectivo do admiravel e atrevido commettimento:

«Oh gloria de mandar! Oh vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!»

A imprecação dirigida ao inventor da arte de navegar, consubstanciada nestes formosissimos versos de Camões:

«Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!»

tem mais belleza, na simplicidade de synthese isolada, do que toda a estrophe 16.^a do poema de Macedo, e na qual o critico procurou exprimir a mesma ideia; os dous versos camoneanos, pela força de seus termos e harmonia de sua disposição, dizem mais é melhor do que toda a oitava do *Oriente*.

A tempestade que accommetteu a frota de Vasco da Gama, quando já navegava mares da India, e que Luiz de Camões magistralmente descreve nos *Lusiadas*, foi tambem assumpto para egual passagem no *Oriente*; embora se encontrem nos versos do poeta de Nathercia reminiscencias de Vergilio, na *Eneida*, a lyra camoneana, pela intensidade de suas vibrações, é admiravel. Marinheiro habituado aos encantos e terrores da vida maritima, no tempo em que tudo era incerto e precario sobre as ondas, testemunha occular de horridas e furibundas tempestades naquellas mesmas paragens, Camões pintou a ao vivo, tanto no mais negro de seus episodios, como no menos importante de suas minudencias, colorindo, esbatendo e fixando os tons e matizes do quadro, como ninguem melhor do elle poderia fazer :

•Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordam despertando
Os marinheiros d'ua e d'outra banda :
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda ;
«Alerta — disse — estai, que o vento cresce
D'aquella nuvem negra, que apparece.

«Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella :
«Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem ; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

«O céu fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor e desaccordo,
Que ao romper da vela a náu pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo :

«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo ;
Vão outros dar á bomba, não cessando,
A' bomba que nos imos alagando.»

«Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náu, num bordo os derribaram :
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram ;
Talhas lhe punham d'ua e d'outra parte,
Sem aproveitar de homens foiça e arte.

«Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel
Se pera derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náu, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

«Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo :
Agora a ver parece que desçiam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo ;
A noite negra e feia se alumia
C'os raios, em que o polo todo ardia.

«Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas !
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas !
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o céu fossem viradas ;
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.» (7)

Vejamos, agora, esta mesma passagem descripta por Agostinho de Macedo, no *Oriente*:

«Já sibilam no ar tufões violentos,
Quaes subitaneos vem no mar da China,
Que no embate e fragor aos elementos
Mostram ameaçar fatal ruina:
Como em batalha os esquadrones cruentos
Se baralham com furia repentina
As grossas ondas, e da noite o manto
Com mais sombra se estende e mais espanto.

«Por entre as nuvens horridas bramindo,
Dellas derrama turbidas torrentes;
E as carregadas azas sacudindo
Redobra a furia aos ventos estridentes:
O raio acceso, subito cahindo,
Deixa espadanas rubidas e ardentes,
E o sulfureo clarão nos turvos ares
Mostra instantaneo os espumosos mares.

«Das electricas nuvens ondeantes
Se desatam chuueiros procellosos;
Ao bramido das ondas espumantes
Se ajunta o berro dos trovões ruidosos:
Resoam pelos lenhos fluctuantes
Os silvos dos tufões caliginosos;
Ao denodado Gama o peito esfria
Pois mais que as leis da Natureza via.

«Qual entre o fumo e o fogo enovelado,
Que a cratera vulcanica vomita
Sobe ao ar um penhasco esbraseado,
E no abysmo outra vez se precipita:
Tal o soberbo espirito indignado
Pela fechada escuridão se agita;
Do mar ás nuvens sobe, o raio accende,
Desce com elle ao mar, e as nuvens fende.

«Ouve-se o ronco á vaga, que estalava,
E se redobra universal espanto;
Quasi é continua a luz, que fuzilava,
Despedaçando á noite o escuro manto:

Nos baixéis quasi naufragos soava
Por toda a parte lastimoso pranto,
De todo o duro nauta desalenta
Quando escuta que em rocha o mar rebenta.

«Vai correndo sem rumo a forte Armada
Pela espadua das ondas espumosas ;
Ora aos turvados céus arremeçada,
Ora tocando as furnas arenosas ;
De todo a eterea abobada toldada
Do pólo esconde as tochas luminosas :
Muito a agulha sympathica declina
Nem já tentada rota ás naus ensina.

«Vendo a morte tão perto os marinheiros,
Immoveis ficam de pavor transidos,
Nem podem velas amainar ligeiros.
Rasgadas dos tufões embravecidos :
Aboiam já nas ondas os madeiros
Das entalhadas pôpas devididos,
Bate o fervente mar, vão sem descanço
Sem rumo as naus em tremulo balanço.» (8)

Não apresenta a linguagem empregada por Macedo, nos versos acima transcriptos, a propriedade, a clareza e a analogia de expressão e de tons que ressaltam nos de Luiz de Camões; o leitor conclue e não se enternece; tem pela leitura noticia da tempestade, do grave perigo em que se achou a frota portugueza, mas fica como que extranho áquella scena, por sua natureza, multiface, pungente, agitada e triste; não se interessa pelo desfecho, não se identifica com o acontecimento, numa expectativa angustiosa e afflictiva. Ao contrario, nas estrophes de Camões, o leitor enxerga com os olhos da imaginação, aguçada pela conformidade do vocabulario com o drama que se desenrola, o vivo e emocionante da lucta titanica de tão poucos homens contra os elementos em furia; sente e se commove sob a

influencia de descripção tão animada e verdadeira, em que os termos, adequados e expressivos, pintam os factos e incidentes, designam os objectos e traduzem o soffrimento, a coragem, a angustia, o desespero e a resignação.

Descreve Agostinho de Macedo o sibilar dos ventos enraivecidos, os ares cortados pelo raio acceso e luminoso, o chuveiro que se desata em nuvens procellosas, o bramido das ondas impetuosas abrindo-se em cachões que se despedaçam; a lucta, o desespero e o desalento da maruja em meio dos elementos em sanha, quando já se desconjunctam as naus e perde-se toda a esperança de salvamento e auxilio, mas, nessa descripção não ha, entretanto, um traço que lembre a faina de bordo, uma palavra, um termo que traduza, em suas linhas geraes, o combate travado entre o homem e a natureza revoltada. Em Camões cada estancia é um quadro vivo, palpitante, que fala como um ser animado; cada verso um traço de pincel em alto relevo, destacando a scena e os seus contornos; um vibrar de poesia bello e horrivel, de esperança e de desespero, de lucto e de dôr, que grava fundo na alma, deixando-lhe impressão triste, commovedora e indelevel.

Apparece nos ares a nuvem negra, prenuncio inequivoco da tempestade a cair, e logo o vigilante mestre chama todos a postos; desperta a marinagem ao grito — alerta! Tomam-se os traquetes e amaina-se a grande vela. Nada impede a braveza do mar e nenhum esforço contem o impeto do vento, num embate intenso, indescriptivel, entre o homem e os elementos contra elle conjurados por influxo sobrenatural. Não governa o leme; vacillam e caem os marinheiros de um e outro bordo arremessados; sobem as naus, sem rumo, ás nuvens, e do alto, de impeto, descem ao mais profundo dos mares, nunca

descoberto, emquanto na costa deserta e brava, que ao longe surge como diabolica e terrível ameaça, os alciones, tímidos e preságos, modulam canto melancólico e endexas muito sentidas.

O que torna mais admirável este formosíssimo trecho dos *Lusiadas* é a riqueza da terminologia empregada por Luiz de Camões; não ha periphrases para substituir palavras, nem circumloquios para traduzir acções desenroladas no correr de espectáculo tão movimentado; ha termos proprios, expressões nauticas, tendo cada palavra a sua significação exacta e cada termo o seu logar conveniente; é um quadro marítimo concebido, delineado, trabalhado e colorido por habil pintor de marinhas. Aqui é — mestre, apito, marinheiro, traquetes, gávea, alerta, procella; alli é — amaina, vela, nau, bordo, alija, bomba, alagando; acolá é — balouços, leme, menear, talhas, mastro. Em Macedo fallecem os termos nauticos e as expressões maritimas, abundantes em Luiz de Camões descrevendo a faina de bordo, a lucta contra o mar e a colera dos ventos.

Tendo condemnado o maravilhoso mythologico de que usou Luiz de Camões, Agostinho de Macedo lançou mão do maravilhoso christão; nos *Lusiadas*, é Baccho, impellido por entranhado odio aos lusos, cujas glorias ameaçavam offuscar-lhe o brilho e o renome, quem incita os deuses marinhos contra a armada de Vasco da Gama; no *Oriente*, é Satan quem revolta os ventos e agita os mares contra a frota portugueza. Que differença, no entanto, entre a inveja acanhada e tacanha do Anjo do Mal e o odio incontido e constante de Baccho que — «arde, morre, blasphema e desatina!»

Antevendo a victoria da cruz, nas terras do Oriente, Satan, cioso de seus diabolicos dominios, convoca as furias infernaes e os anjos decaidos da

graças celestes e, no auge de sua orgulhosa cegueira, resolve que :

«Sepulte, esconda o turbido oceano
A mór acção de atrevimento humano.» (9)

Sciende de que os altos e soberanos Fados determinaram coroar de bom exito a empresa de Vasco da Gama, descortinando-lhe as terras do Oriente, onde se lhe vota culto e tem altares, Baccho, descontente e altivo, não se conforma; lucta e discute no conselho de Jupiter, intriga em Moçambique, arma ciladas em Mombaça, e, sempre vencido, do Olympo desce á côrte de Neptuno, onde, ante os deuses marinhos, ferindo-lhes o amor proprio, e queixando-se dos Fados que o perseguem, derrama lagrimas com que «se accendem as deidades d'agua em fogo.» (10)

A ira desenfreada domina o conselho reunido na côrte de Neptuno; o amor proprio offendido não deixa logar á razão e logo ao grande Eólo mandam :

«Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.» (11)

Nos *Lusiadas*, é Venus quem guarda as naus da frota portugueza das reiteradas insidias de Baccho, desviando-as da ruina em Mombaça, salvando-as, já nos mares da India, do impeto da tempestade; quem as conduz a Calecut e finalmente proporciona a Vasco da Gama e seus companheiros, na Ilha dos Amores, os deleites que lhes restauram as forças e lhes confortam os espiritos no goso da fama immortal e do renome glorioso; no *Oriente*, é um anjo

9 — «Oriente». Canto III. Estrophe 25^a.

10 — Canto VI. Estrophe 34^a.

11 — Canto VI, Estrophe 35^a.

do céu quem dirige os passos do almirante português, quem acalma os ventos revoltos e aquieta os mares agitados; é, enfim, a Divina Providencia, omnipotente e bôa, quem desfaz, pelo prestigio de sua vontade infinita, as ciladas de Satanaz e assegura a Vasco da Gama o descobrimento do novo caminho marítimo á terra das especiarias. Em Camões, estes seres sobrenaturaes e maravilhosos têm a vida, o brilho, os encantos e a seducção dos deuses do paganismo restaurado; em Macedo, ostentam apenas a serenidade e a nobreza que falam do céu e excluem o bello das fórmulas que attraem os sentidos, e o deslumbramento e as seducções do amor.

O Adamastor de Camões é aquelle tremebundo gigante transformado em promontorio por castigo de sua ardente e insolita paixão por uma deusa do mar; no *Oriente*, é o Titan substituido pela figura da Idolatria. A apparição se dá do mesmo modo em ambos os poemas, mas a allegoria de Macedo, apesar de bella, fica muito aquém da de Luiz de Camões; nota-se em ambas a differença que se encontra entre a obra do genio, espontanea e natural e a simples construcção imitada, adstricta a modelos, e sob os preceitos restrictos da arte. Vejamos o episodio architectado por Macedo:

«Por entre a sombra ao lado do Oriente
Grito nos ares retumbou tremendo.
Entre a sulfurea luz d'um raio ardente
Fantasma enorme foi apparecendo:
Quasi toca nos céus co'a altiva frente.
Inda os pés vae nas ondas escondendo;
Teve no Inferno o berço e a séde impia
Em quasi todo o globo, a Idolatria.

«Tal era o monstro e rodeado estava
D'abominaveis Templos e de altares,
Nelles ardia, delles s'exhalava,
De sacrilego incenso o fumo aos ares;

Do Fanatismo o ferro alli sangrava
Até de humanas victimas milhares ;
Apontava co'o braço a Furia immunda
A quanto o pégo oriental circumda .

«Com temerosa voz bradou : que intentas
Tu, que rompendo vais mares vedados ?
Assim se affrontam lobregas tormentas,
Assim se mudam das nações os Fados ?
Delles as furias e a vingança augmentas,
Tu provocas o raio aos céus irados.
Se a Ambição te conduz á extranha terra,
Nella acharás perpetuamente a guerra .

«Nas mãos o ferro da vingança trago,
Ou volve atrás, ou negra sepultura
D'Oceano irás ter no immenso lago,
Onde offendidas leis vingue Natura :
Foge do golpe e do espantoso estrago,
Emquanto em vida te mantem ventura,
E a espada não vibrar, que vingue o insulto
De dar a um mundo ignoto ignoto culto .

«Se acaso vens do Fanatismo armado
Dar soberanas leis ao vast'Oriente,
Mortal, desiste, qu'implacavel Fado
Abre n'Asia um sepulcro á extranha gente :
Ah ! nunca Imperio em lagrimas fundado
Pode firmar-se em base permanente,
Olha qu'á tua crimiñosa empresa
S'oppõe visivel toda a Natureza !

«Fui d'Asia sempre o Numen poderoso,
Vem do berço dos seculos meu culto,
Tenho altares no Indo Hidaspe undoso,
E desde o Ganges sacro ao China occulto ;
Africa toda é minha, em portentoso,
Já visto em parte, novo Mundo avulto ;
Suspende a que te cega audacia e furia,
Evita o golpe vingador da injuria .

«Eis se dissolve em linguas coruscantes
De intenso fogo a colossal figura,
E as sufureas centelhas fulgurantes
Dispersas vagam pela sombra escura ;

Rangem da Terra os eixos vacillantes,
E no tremor universal, segura
Mal se pode suster; n'horror profundo
Parece abrir-se o tumulto do Mundo.» (12)

Camões descreve a estranha aparição por esta fôrma:

«Não acabava quando ua figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pállida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

«Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo;
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes, e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.» (13)

A Idolatria de Macedo, apesar de rodeada de templos e de altares, é pobre de fôrmas; simples fantasma, imagem illusoria de chimerica figura colossal, embora não se lhe descrevam a corpulencia e os membros, toca os céus com a fronte, enquanto os pés se escondem nas ondas. O Adamastor de Luiz de Camões apresenta-se com fôrmas definidas em toda a pujança de sua grandissima estatura, de rosto carregado, olhos encovados, barba esquálida, bocca negra, dentes amarellos, cabellos cheios de terra e voz horrenda que, pelo soturno e cavernoso do echo, parece surgir do mar profundo.

12 — Canto VII. Estrophes 33¹ a 39¹

13 — Canto V, Estrophes 39¹ e 40¹.

O monstro de Macedo não dispõe da eloquencia do Adamastor dos *Lusiadas*; falta-lhe o discurso vibrante e a apostrophe aterrorizadora. Domina-o firme o receio de perder o culto que se lhe presta na Africa e na Asia desde o berço dos seculos; o gigante dos *Lusiadas* apresenta mais majestade no porte, mais eloquencia no discurso, mais historia na vida; move-o impetuosamente o amor. Poderoso e feliz, rebella-se contra o Olympo, tentando pelas armas a conquista do Oceano para assim ter segura a posse de Thetis, tão formosa quanto esquiva, e por quem morre de amores; enganado, ludibriado, trahido e vencido, soffre por esse amor mal succedido o castigo horrendo de sua miraculosa e desusada metamorphose, vingança dos deuses á sua tremenda ousadia.

Os aggravos e as queixas da Idolatria, os motivos e as razões, que justificam o seu odio contra os portuguezes, se desenvolvem e accommodam em quatro estancias apenas; as queixas, a historia, o vaticinio e as ameaças de Adamastor occupam vinte estrophes, ricas de pavor, cheias de audacia, e transbordantes de amor, ameaças, esperanças, lagrimas e dôr. A prosopopeia é estupenda e fulgurante, o discurso eloquente, os versos sonoros, vibrantes e correntios. Abundam os trópos, a ficção e a poesia.

A figura, em que Agostinho de Macedo personificou a Idolatria, dissolve-se nos ares, em linguas coruscantes de intenso fogo; treme a Terra e vacillante

«Mal se pôde suster; n'horror profundo
Parece abrir-se o tumulo do mundo.»

Apesar da belleza poetica, estes versos suavemente onomatopaicos e que impressionam bem, como traço final da scena de pavor que se devia

ter gravado fundo no espirito dos navegantes, ao fugir-lhes a visão tremenda, não revelam a grandiosidade da fôrma e a acuidade do sentimento dos de Luiz de Camões, quando descreve o desaparecimento de Adamastor :

• Assim contava e c'um medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou ;
Desfez-se a nuvem negra e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou. » (14)

O episodio de Ignez de Castro, uma das passagens mais commoventes, delicadas e conhecidas do poema camoneano, não ostenta, no *Oriente*, a extensão e a vida, o encanto e a singularidade que lhe imprimiu Luiz de Camões, nos *Lusíadas*; no *Oriente*, duas unicas estrophes concretizam a historia dos amores de Ignez, acaso porque, attendendo á sua qualidade de sacerdote, temesse o poeta aprofundar o espirito em episodio dessa natureza, por isso que os enredos de amor não se compadecem com a serenidade e circumspecção das vestes talares e as palavras que os traduzem sempre se iriçam em labios votados á linguagem pura dos altares e dos templos.

Vejamos o quadro traçado por Agostinho de Macedo, no *Oriente* :

« Amava Pedro a Ignez, crúa fereza,
Contra a mesquinha uns monstros alardeão ;
Cobriu de lucto o rosto a Natureza,
Onde foi morta os campos a pranteam :
Para a vingança da infeliz belleza
Nas mesmas mãos de Pedro o raio ateam,
Nem dos ímpios co'o sangue a dôr antiga
Se lhe abranda no peito, ou se mitiga.

«E' victima infeliz da morte irada,
 E trocou-se-lhe o Solio em sepultura,
 Cobre os despojos lapida pesada,
 Entre elles vive amor, vive a ternura ;
 E' já cinza e por Pedro alevantada,
 No throno soberana o povo a jura,
 Prova de amor no mundo unica, ou rara,
 Cinza lhe inspira amor, cinza lhe é cara.» (15)

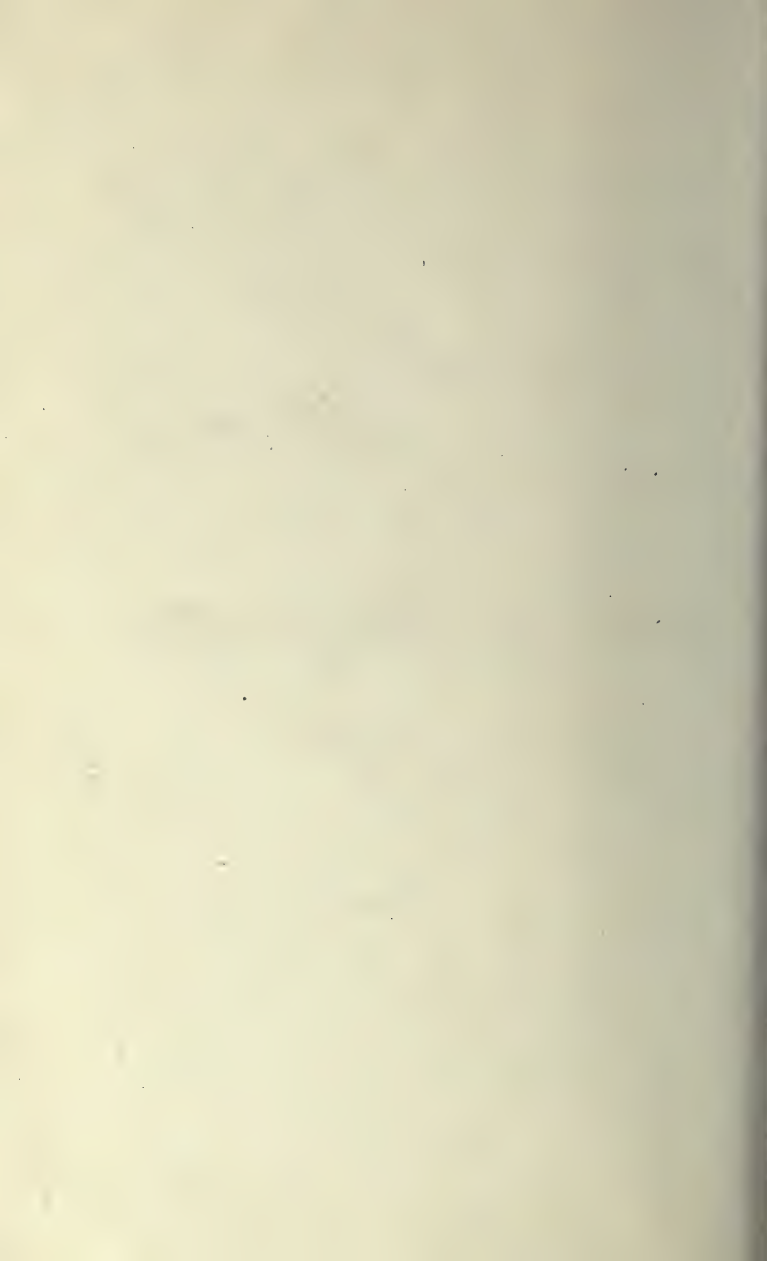
O incidente de Ignez de Castro é, nos *Lusiadas*, tocante poema de amor, em que se movimentam diferentes personagens e se nos deparam scenas variadas ; ha discursos, supplicas, apostrophes vehementes, crueldade, horror innominavel e finalmente vingança e recompensa posthuma, tão plangente e piedosa esta, quanto féra, indigna e condemnavel aquella. No *Oriente*, esta passagem deixa mesmo de ser episodio, para tornar-se simples referencia ao facto historico, acompanhada apenas de ligeiras indicações incidentes, e nem mais cabia em duas unicas oitavas.

E paramos aqui, porque o nosso intuito não é criticar o *Oriente*, senão comparal-o, nos seus passos principaes, com a obra de Luiz de Camões, de quem, em má hora, e só levado pelo incontido amor proprio, Agostinho de Macedo se fez emulo tardio na poesia heroica, cuja culminancia o cantor do Gama attingiu para hombrear com os mais fulgurantes epicos da litteratura universal.

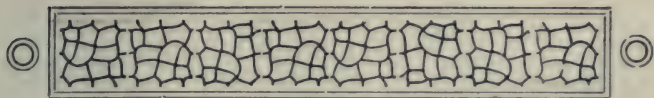
Analysando o poema de Agostinho de Macedo, o espirito imparcial e justo encontrará nelle bellezas dignas de admiração, descripções formosissimas e trechos que attestam, sem favor, notavel estro poetico a par de solida e variada cultura. Não hou-

vera levantado contra si a suspeita de ser um despeitado, ancioso de ruidosa nomeada e o *Oriente* teria hoje maior numero de admiradores, pois, é, incontestavelmente, uma das creações mais valiosas da litteratura portugûesa.





O MARAVILHOSO DOS LUSIADAS



O MARAVILHOSO DOS LUSIADAS

·A mythologia dos *Lusiadas* parece uma evolução da antiga, como si o paganismo durasse mais dez seculos, lado a lado do christianismo. E' viva e, como poetica, conserva toda a sua força plastica. (Joaquim Nabuco. *O Logar de Camões na Litteratura*. Discursos e Conferencias nos Estados Unidos. 1911).

Elegendo para assumpto do poema a viagem de Vasco da Gama á India, dobrado o cabo da Bôa Esperança e ladeada a costa oriental da Africa, materia já consagrada nas *Lendas* de Gaspar Correia e nas *Décadas* de João de Barros, Luiz de Camões teria escripto uma narrativa metrificada, si não procurasse adornar os *Lusiadas* de episodios romanescos, emocionantes quadros historicos e passagens mythologicas, enfeitando o veridico com o maravilhoso e dando ao imaginario os atavios classicos, tão em moda no seu tempo. Seguia, assim, no maravilhoso e no mythologico, os moldes litterarios de Homero e Vergilio, ao envês de enveredar pelo caminho que lhe poderia oferecer Lucano, na *Phar-*

salia, que, apesar de suas bellezas, sem ficção e phantasia, é antes uma chronica politica do que um poema.

A obra de Lucano, em sua época, foi considerada uma como revolução; o poeta rompeu com a tradição reinante na feitura das epopeias; afastou-se do caminho de Vergilio e dos demais epicos em voga, abandonando os deuses da fabula, até então indispensaveis á urdidura de composições dessa natureza, para fazer, ao contrario, da historia a substancia e a base unica do seu poema. Embora conquistando applausos de grande circulo de seus contemporaneos, Lucano, que era individualista, cioso do seu talento e convencido da durabilidade da sua obra, não fez escola; não teve proselytos. A reacção contra a sua influencia não se fez esperar. Os *Argonautas*, de Valerio Flacco, a *Segunda Guerra Punica*, de Silio Italico e a *Thebaida*, de Stacio, que seguiram á *Pharsalia*, são poemas em que impera a fôrma classica e a mythologia é a machina maravilhosa das scenas e dos desfechos.

Dante, seculos depois, concebendo a *Divina Comedia*, evocava, com a agudeza de seu espirito creador, do mysticismo, do tenebroso e do sublime que encerravam e envolviam o assumpto escolhido, as bellezas que espargiu, ás mãos cheias, nos numerosos cantos do assombroso poema; Tasso encontrava nas Cruzadas, no sentimento profundamente piedoso da idade media com relação ao sepulcro de Christo, os encantos e os mysterios que sempre circundam as cousas que falam de Deus e lembram o céu; Camões, no entanto, não descobria, no assumpto preferido para thema dos seus versos — um simples roteiro de viagem, de facto grandemente accidentada e perigosa, mas na verdade sem larga fonte de inspiração —, os apavorantes tormentos e

as esperanças consoladoras que proporcionavam a Dante as scenas inescrutaveis do *Inferno*, do *Purgatorio* e do *Paraiso*, e a Tasso os lances admiraveis e tocantes da guerra santa.

Sentindo, pois, necessidade de dar ao poema os attractivos que, só por si, o assumpto não offerecia a espirito menos exigente, Camões recorreu á mythologia; confere a Baccho o papel de inimigo indefesso de Portugal, representado por Vasco da Gama, cujas glorias no Oriente viriam offuscar as suas, e á Venus, carinhosa e bôa, a missão de protectora da gente lusitana, pelo muito que ella se parecia, na bravura e na linguagem, com o povo romano, que tão querido lhe fôra. A Baccho impelle o despeito e a inveja; a Venus a bondade e o amor dos grandes feitos. Assim, quando, no conselho divino do Olympo luminoso, Jupiter propõe sejam os navegantes, fatigados das longas travessias e dos duros trabalhos do mar, recebidos e agasalhados como amigos em um dos portos africanos, oppõe-se Baccho porque:

«Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou fortuna ou caso
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome, em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes portuguezes que navegam.» (1)

Baccho não esconde o odio, filho do receio de ser apoucado pelos lusitanos o seu renome na India; não occulta Venus a sua affeição á gente portugueza, e assim:

(1)—Canto I. Estrophe 32ª.

«Sustentava contra elle Venus bella,
 Affeiçoada á gente lusitana
 Por quantas qualidades via nella
 Da antiga tão amada sua romana,
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra tingitana,
 E na lingua, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que é latina.» (2)

.....

«Assi que um pela infamia que arreceia
 E a outra pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem.
 A qualquer seus amigos favorecem.» (3)

Tudo o mais de maravilhoso decorre d'ahi. Baccho não se resigna a ver os seus dominios devassados pelos lusos na India, onde tinha altares e se lhe rendia culto; não se descuida Venus de protegê-los contra as traições e os enganos que em toda a parte lhes apparelha a astucia e a intriga de Baccho. E assim, enquanto o gran Thebano tece as insidias desmascaradas em Moçambique e prepara em Mombaça a destruição completa da frota portugêsa, a deusa dos amores, sempre vigilante:

«Vendo a cilada grande e tão secreta,
 Vôa do céu ao mar como uma setta.»

«Convoca as alvas filhas de Neréo
 Com toda a mais cerulea companhia;
 Que, porque no salgado mar nasceu,
 Das aguas o poder lhe obedecia.
 E propondo-lhe a causa a que desceu,
 Com todas juntamente se partia,

(2)—Canto I. Estrophe 33^a.

(3)—Canto I. Estrophe 34^a.

Pera estorvar que a armada não chegasse (4)
Aonde pera sempre se acabasse.

«Já na agua erguendo vão, com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca espuma;
Cloto c'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nice, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa, em força summa,
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

«Nos hombros de um Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa;
Já chegam perto d'onde o vento tes,
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante.
As naus ligeiras que iam por deante.

«Põe-se a deusa com outras em direito
Da prôa capitaina e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nau forçando:
Outras em derredor levando-a estavam,
E da terra inimiga a desviavam.

«Quaes pera a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande accomodado,
As forças exercitam de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado;
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente portugêsa o fim nefando.» (4)

(4)—Canto II. Do estrophe 18¹ a 23¹.—«Estorvar que armada «não chegasse».—Esta fórma de expressão com a negativa e os verbos — *impedir, estorvar, etc...* não é mais usada.

Dione é um dos epithetos de Venus.

Ha vida, animação e naturalidade nestas estrophes; fica enleado o espirito tendo de assignalar o que é mais bello, si o furor de Cloto a rasgar com o brando preito o largo mar, emquanto salta Nice e Nerine se arremessa por cima d'agua, abrindo-lhes caminho, ou o gesto acceso de Venus, erguida nos hombros de nm Tritão, á frente das Nereidas a cortar as vagas, cobertas, ao embate de seu collo divino, de espuma muito alva e muito crespá. Si ha casos em que a ficção parece realidade, e a pintura retrata ao vivo a scena figurada, não havemos mister de outro exemplo. As palavras são verdadeiros traços de pincel, altos relevos que ampliam as linhas do quadro. Vê a imaginação as Nereidas, formosas e encantadoras, vencendo o mar, verde como esmeralda, enfeitado, aqui e alli, de brancos flócos, que levantam sobre as ondas as suas caudas prateadas.

«Torna pera detráz a nau forçada,
 Apesar dos que leva, que gritando,
 Maream velas, ferve a gente irada,
 O leme a um bordo e a outro atravessando.
 O mestre astuto em vão da prôa brada,
 Vendo como deante ameaçando
 Os estava um marítimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a nau lhe mette mêdo.

«A medonha celeuma se alevanta
 No rudo marinheiro que trabalha;
 O grande estrondo a maura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha;
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.» (5)

Evita, por esta fórma, a linda Ericina que a frota de Vasco da Gama seja de todo anniquilada

em Monbaça, instigados os mouros a essa tremenda maldade pelos conselhos de Baccho, mas este, por sua vez, não se conforma também com ser constantemente vencido e humilhado pelos extranhos e miraculosos recursos da deusa da belleza e do amor; vendo que, a despeito de todos os seus enganões, ciladas e perfidias, os ousados navegantes se aproximam sempre da metta do arrojado empreendimento, aventura ainda uma derradeira investida quando :

«As ondas navegavam do Oriente
 Já nos mares da India e enxergavam
 Os thálamos do sol, que nesce ardente ;
 Já quasi seus desejos se acabavam.» (6)

Vencem os lusitamos mares desconhecidos, desvendam largos horizontes, divisam e conhecem novas terras e novos climas em navegação de que não ha nem roteiro nem noticia e os deuses poderosos do Oceano assistem indifferentes e impassiveis tanta á audacia de atrevidos mortaes ! Baccho explora esse sentimento no coração dos deuses marinhos ; vai despertar-lhes o orgulho, excitar-lhes os brios, feril-os no amor proprio e o amor proprio é o ponto mais vulneravel do coração dos homens e dos deuses :

«Do Olympo desce em fim desesperado,
 Novo remedio em terra busca, e toma :
 Entra no humido reino e vai-se á corte
 D'aquelle a quem o mar cahiu em sorte.»

.....

«Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes ;
 Porque também c'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes.

Manda chamar os deuses do mar, antes
 Que fale mais, se ouvir-me o mais quizeres ;
 Verão da desventura grandes modos :
 Ouçam todos o mal, que toca a todos !»

«Principe, que de juro senhoreias
 D'um pólo ao outro pólo o mar irado ;
 Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
 Que não passem o termo limitado :
 E tu, padre Oceano, que rodeias
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto, assi permittes
 Que dentro vivam só de seus limites ;

«E vós, deuses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra e ande :
 Que descuido foi este, em que viveis ?
 Quem póde ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos e atrevidos ?

«Vistes que, com grandissima ousadia,
 Foram já commetter o ceu supremo ;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela e remo ;
 Vistes, e ainda vemos cada dia,
 Soberbas e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do céu em poucos annos
 Venham deuses a ser, e nós humanos.

«Vedes agora a fraca geração,
 Que d'um vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo e altivo coração,
 A vós, e a mi, o mundo todo doma :
 Vedes, o vosso mar cortando vão,
 Mais do que fez a alta gente de Roma :
 Vedes, o vosso reino devassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

«E não consinto, deuses, que cuideis
 Que por amor de vós do céu desci,
 Nem da magua, da injuria, que soffreis
 Mas da que se me faz tambem a mi ;

Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente :

«Que o grão Senhor e fados, que destinam
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas, móres que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo :
Aqui vereis, ó deuses, como ensinam
O mal tambem a deuses ; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

«E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço que no céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quíz dizer, e não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

«A ira, com que subito alterado
O coração dos deuses foi n'um ponto,
Não soffreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilacção, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que, sem conto,
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.» (7)

Não era preciso mais para excitar contra os lusitanos o animo dos deuses ; ultrapassar os limites

(7)—Canto VI. Estrophes 7^a, 15^a, 27^a, 28^a, 29^a, 30^a, 32^a, 33^a, 34^a e 35^a. — A segundo — locução conjunctiva antiquada — como, conforme, do mesmo modo. — amões a emprega varias vezes: “A «segundo» o demonio lhe fingia.” (Canto VII — Estrophe 47.)

“A «segundo» a policia melindana.” (Canto VI. Est. 2^a.)

“Ora vós er ide vendo
Si lhe vem melhor alguem,
A «segundo» o qu'eu entendo.”

(Gil Vicente Obras. Livro IV. «Farça de Ignez Pereira.» 129. Lisboa

impostos ao esforço humano, tentando o mar a vela e remo; devassar o reino de Neptuno, quebrando-lhe os estatutos, era ousadia que desafiava a colera das divindades marinhas. A vindicta seria tão grande quanto injustificável lhes fôra o descuido e a indiferença. Si os homens, ciosos de seu poderio, na terra, não permitem que se lhes violem as leis, nem se lhes desrespeitem os decretos, como poderiam os deuses das aguas, insoffridos, tolerar este attentado?

Soltos em furia os ventos, que rasgam velas e quebram mastros, e revoltos os mares, em cujas ondas as naus desarvoradas sobem ás nuvens e caiem depois ás entranhas do pélagos, enquanto a noite se alumia de raios tão intensos que parecem destruir a machina do mundo, reconhece Vasco da Gama o perigo em que se encontra, teme o malogro da empresa e conforta o espirito voltando-se á Providencia.

Não lhe foi sem proveito a invocação; Venus, que então já visitava a terra e o largo mar, enxerga ao longe a frota ainda em lucta com os elementos desencadeados, e:

«Estas, obras de Baccho são por certo,
Disse, mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal, a que se atreve.»
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Emquanto manda ás Nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

«Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos loiros á porfia.
Quem não dirá que nascem rôxas flôres
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,

Mostrando as amadas nymphas bellas,
Que mais fermosas vinham que as estrellas. » (8)

Não resistiram os ventos ao encanto das nymphas, cuja seducção mais requintavam as flôres olentes que, em grinaldas de variadas côres, lhes enfeitavam o louro dos cabellos e o roseo nacarado das espaldas e do collo : deante dellas, mais formosas do que as estrellas, curvam-se rendidos e amorosos lhes obedecem. A Boreas subjuga Oritha, a Noto Galatêa, e aos demais as outras nymphas e, assim, dentro em pouco, o furação indomito, que varia furioso os mares, se transforma em brisa placida e mansa que beija docemente a superficie das vagas, e :

« Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando sôa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa :
Disse alegre o piloto melindano :
« Terra é de Calecut », se não me engano. » (9)

A intervenção de Venus, nesta passagem, a favor de Vasco da Gama e da armada portugêsa, lembra o commovente lance da *Eneida*, no livro Iº, quando Neptuno aplaca a furia dos mares e submerge os rochedos que ameaçavam a frota de Enéas, já em demanda das terras do Latio, rôtas as velas, dispersas as naus e derramados sobre as vagas os thesouros, as alfaias e as reliquias salvos de Troia.

Nos *Lusiadas*, Venus contraria os planos diabolicos de Baccho, servidos por Neptuno e pelos outros

(8)—Canto VI. Estrophes 86 e 87ª.

(9)—«Lusiadas». Canto VI. Estrophe 92ª.

deuses marinhos, feridos em seu amor proprio e nos melindres de seu poderio; na *Eneida*, é, ao contrario, Neptuno quem se levanta contra os desígnios vingativos de Juno, ao ver os ventos em temporal desfeito, revoltados 'os mares, invadidos os seus dominios e em desordem, espalhada sobre as aguas a frota troiana. Ergue a cabeça dentre as ondas, impreca á ousadia dos ventos e os impele á fuga :

«Sic ait, et dicto citius tumida æquora placat,
Collectasque fugat nubes, Solemque reducit.
Cymothoe simul, et Triton adnixus, acuto
Detrudunt naves scopulo : levat ipse tridenti ;
Et vastas aperit syrtes et temperat æquor ;
Atque rotis summas levibus perlabitur undas.» (10)

Não paira ahi a intervenção mythologica. Venus que, em terra e nos mares, em Moçambique e em Mombaça, salvara das ciladas dos mouros a frota lusitana e, mais tarde, ainda evita que ella toda se sepulte no fundo do oceano, ao vel-a attingir á India e dalli demandar, voltando, o caminho da patria :

•Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo deus, nascido
Nas amphioneas Thebas, se causaram,
Já trazia de longe no sentido
Pera premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso ;

•Algum repouso em fim com que pudesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.» (11)

(10) — Vergilio — Eneida — Livro I.

(11) — Canto IX. Estrophes 19^a e 20^a. O poeta usou de uma periphase para referir-se a Bacho. Este deus nasceu em Thebas, edificada por Amphião, filho de Jupiter e musico divino; dahi a periphase.

E segue-se a bella scena da ilha dos Amores, onde os nautas são recebidos no seio de uma natureza deslumbrante, de suavidade encantadora, que lhes infunde n'alma a sensação deliciosa que se não encontra nos gózos communs, nos prazeres e nos deslumbramentos do mundo, pois :

«Que as nymphas do oceano tão fermosas,
Tethys e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.» (12)

E' incontestavelmente engenhosa a trama do maravilhoso com que Luiz de Camões teceu o enredo do seu primoroso poema. Simples acção humana, por maior que seja o arrojo de que se revista e por mais sublime que se nos apresente o seu objectivo, mesmo entrecortada de lances muito commoventes e imprevistos, não desperta a curiosidade e a admiração que nos provoca a lucta de deuses, semi-deuses e heróes lendarios, como na *Iliada* e na *Eneida*. A ousada, tocante e accidentada travessia de Vasco da Gama e seus companheiros por mares desconhecidos e inhospitos da Africa e da Asia, a audaciosa passagem do cabo das Tormentas, as calmarias e tempestades do pélagos tenebroso, onde se encondia o terror e o medo, as ciladas, as intrigas e os enganos de Moçambique e Mombaça, apesar do esforço sobrehumano que revelaram essas aventuras, não impressionariam tanto o espirito dos contemporaneos e dos posteros, como o fizeram, si Camões não os tivesse filiado á emulação e á lucta travada entre Venus, favoravel aos portuguezes e Baccho, contrario á gente lusitana. Confrontando os modelos que o poderiam inspirar na feitura de uma

epopeia, como idealizára, para animar o poema e dar-lhe o apparatus e os attractivos que o assumpto, só por si, não lhe offerecia, Camões tinha de escolher ou o maravilhoso pagão e classico, com os deuses da mythologia e numes anthropomorphicos; ou o da theologia christã, invocando poderes sobrenaturaes, anjos e demonios, o espirito do bem e do mal; ou o da idade media, com a intervenção de fadas, gigantes, feiticeiros e magicos, ou finalmente o maravilhoso allegorico, pela personificação dos vicios, das virtudes e das substancias incorporeas.

O maravilhoso allegorico, só e só, seria monotonno em poema como os *Lusiadas*, onde, aliás, Camões não se esqueceu de recurso semelhante, humanizando cousas inanimadas e seres impessoaes; o cabo das Tormentas, encarnado em Adamastor, o Ganges e o Indo, que, coroados de hervas e ramos desconhecidos, apparecem em sonho ao monarcha portuguez, são bellissimas figuras dessa natureza; o maravilhoso da idade media, encantamentos, feitiços e seducções da magia, — de que tanto usou e abusou Tasso, na *Gerusalemme Liberata*, não reunia, em seu tempo, os encantos e o realce do mythologico; o maravilhoso christão, com todo o seu cortejo de santos, demonios e anjos, a que recorreram Trissino, na *Italia Liberata* e ainda Tasso na *Gerusalemme*, de envolta com o da idade media, variado, bello e proprio em poema mystico e religioso, é frio e sem vida no canto epico e não se prestaria á majestade bellicosa da epopeia guerreira, de audacia e de arrojo, como são os *Lusiadas*.

Só o maravilhoso mythologico poderia servir a Camões; para que o feito de Vasco da Gama pudesse manter, através dos seculos, o brilho e o realce de proeza immorredoura, era mister que um deus

do Olympo sublimado lhe oppuzesse embargos ao temerario designio e a mais formosa das deusas, tomando-lhe o partido, saisse em campo para protegê-lo, emprestando á força humana os elementos e os recursos que ella isolada não lograria contrapôr á vontade tenaz e á ira incontida de um immortal. Só Jupiter, Marte, Neptuno e Baccho, pelo prestigio divino, e Venus, pela fascinação e encantos da belleza incontrastavel, poderiam proporcionar a Luiz de Camões a machina de que elle precisava para pôr em acção e movimento os personagens do poema, nessa lucta em que o amor, pelas seducções de Venus, vence as cilladas e neutraliza as perfidias que o odio e a inveja de Baccho apparelham, de continuo, e desenvolvem, sem descanço, contra a gente lusitana e seu atrevido e espantoso commettimento nos mares desconhecidos.

Era esse maravilhoso, onde entravam sempre os deuses da fabula, que estava em voga na época. Durante a *Renascença*, e mesmo muito depois, quando o christianismo já tinha feito larga conquista no dilatado ambito da sciencia, da litteratura e das artes, os numes da Grecia e de Roma figuravam em todas as creações do espirito, e principalmente nas composições poeticas, tão vasto fôra o imperio da litteratura classica. «As aguias romanas já tinham desaparecido — escreve Feliciano de Castilho — e ainda os cysnes de Roma dominavam por toda a parte. Em pleno christianismo, a Europa escriptora era ainda pagã.»

Não se pode, com justiça, increpar Luiz de Camões pela escolha do maravilhoso mythologico e por ter, no correr da acção dos *Lusiadas*, misturado o sagrado com o profano, confundindo e emparelhando Jupiter e a Providencia, por isso que, além de tudo, não lhe era dado fugir ao influxo do meio

e ás tendencias vencedoras do seu tempo, como não fugiram Dante e Ariosto, Tasso e Milton, este, aliás, em época mais moderna e por isso mais afastada do dominio das antigas escolas. Na confusão e mistura da *mythologia* com os principios e ideias christães, por parte de poetas que francamente abraçavam o *Evangelho*, sente-se ainda o reflexo do classicismo e percebe-se claramente como era lenta e gradual a transformação por que ia passando a intelligencia humana de uma epocha, com suas crenças e ficções, para outra de novas crenças, novas ideias e novos conceitos da moral, da poesia, da religião e de Deus.

Si a grande epopeia diriva sempre de uma *mythologia*, como diz Ernesto Renan, tres seculos depois de Camões, Camões, escrevendo no seculo em que a obediencia ás formas e aos modelos classicos era profundamente pronunciada, apesar da reacção que já se esboçava, não podia eximir-se dessa influencia. A reacção contra a fabula, contra o *mytho*, contra os deuses do paganismo, tentada pelos poetas da decadencia romana, como fez Lucano, na *Pharsalia*; operada depois pelo christianismo e pelo progresso nas letteas, diminuiu o cabedal de recursos poeticos essenciaes a obras de grande follego, como são os *poemas heroicos*. «Por isso — diz Silverio Romero — o poema epico é hoje uma fórma litteraria condemnada. Na evolução das lettras e das artes ha phenomenos destes; ha fórmas que desaparecem; ha outras novas que surgem.» (13).

Poeta christão, de fé intensa e ardente, verdadeiro soldado de Christo, naquelle tempo em que o *Evangelho* se propagava pela palavra e se impunha

(13)—«Historia da Litteratura Brasileira. Livro I. Pg. 224, Rio de Janeiro. 1888.

pela espada, Camões não vacilla na afirmação de seu credo e na segurança de sua religiosidade, e, embora aproveitando a *mythologia* para o maravilhoso do seu poema, não se esquece de pôr na bocca dos proprios numes, que apresenta, a confissão da inanidade de seu poder e do *mytho* de sua existencia :

.....«Porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno somos fabulosos,
Fingidos de mortal e cêgo engano :
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos, e se mais o rato humano
Nos póde dar, é só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.» (14)

Aproveitando a utilidade que lhe offereciam os deuses da *mythologia*, como ornato litterario e intervenção maravilhosa de que precisava para dar ás acções e ao heróe da epopeia o *realce*, a dignidade e a importancia que sonhára, Camões os exhibe mui bem caracterizados, rodeados de tanto esplendor e belleza como se fôra poeta gentilicio, em pleno dominio na fabula ; a majestade que rodeia Jupiter, no Olympo luminoso, a peregrina formosura de Venus, os encantos que irradiam de suas fórmãs e as seducções que se desprendem do seu olhar ; o palacio e a côrte de Neptuno, onde a magnificencia rivaliza com a arte, são, nos *Lusiadas*, como copias animadas de original primoroso, ainda frescas no vivo das tintas e não enfumadas pela densa nuvem dos seculos .

(14)—Canto X. Estrophe 82^{as}

ERRATA

PAGINA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
26.....	histore.....	histoire
92.....	e versi.....	i versi
».....	e <u>fiori</u>	i fiori
109.....	emoldurou...	emmoldurou
111.....	Francisco...	Francesco
117.....	Sumno.....	Summo
137.....	e remi.....	i remi
».....	Di tanti.....	Di tante
138.....	se lassa.....	si lassa
183.....	apriste.....	apristi
189.....	Dialogol.....	Dialogos
199.....	As pessôas...	A pessoas
224.....	preito.....	peito
225.....	tanta á.....	á tanta
230.....	paira.....	para
234.....	letteas.....	letras
».....	Silverio.....	Silvio
235.....	<u>rato</u>	trato
Em varias estancias de Camões—ua		ũa





INDICE

I — Proemio	V
II — Os Lusíadas.....	19
III — Altivez e Patriotismo.....	37
IV — Bellezas de Concepção e de Fórma....	59
V — A Ilha de Venus.....	81
VI — Camões e o Amor.....	105
VII — O Poeta dos Mares.....	125
VIII — O Poema dos Conceitos.....	145
IX — O Maravilhoso dos Lusíadas.....	219
X — Camões e a Lingua Portuguêsa.....	161
XI — O Emulo de Camões.....	193

NOTA. — Devido engano de paginação o capitulo IX ficou collocado na ultima parte.





BINDING SECT. MAR 4 1982

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ Costa, Affonso
9224 O genio de Camões
C6

17

